



CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE – UNIANDRADE

MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA

**MARIA FIRMINA DOS REIS: AS VOZES QUE EMERGEM DO CONTEXTO DE LEITURA
DA OBRA ÚRSULA**

JOÃO CARLOS DOS PASSOS

CURITIBA

2020

JOÃO CARLOS DOS PASSOS

**MARIA FIRMINA DOS REIS: AS VOZES QUE EMERGEM DO CONTEXTO DE LEITURA
DA OBRA ÚRSULA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Teoria da Literatura, do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos Andrade.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Rubel Fanini.

CURITIBA

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO CARLOS DOS PASSOS

MARIA FIRMINA DOS REIS: AS VOZES QUE EMERGEM DO CONTEXTO DE LEITURA DA OBRA *ÚRSULA*

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dra. Angela Maria Rubel Fanini (UNIANDRADE)

Prof^a. Dra. Mail Marques de Azevedo (UNIANDRADE)

Prof^a. Dra. Gleyds Silva Domingues (FABAPAR)

Prof. Dr. Wilton Fred Cardoso de Oliveira (UTFPR)

Curitiba, 04 de maio de 2020

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser essencial em minha vida e me proporcionar a alegria de concretizar mais um sonho.

Aos meus familiares, o apoio e a confiança, em especial à minha esposa e filhas, que acreditaram na minha capacidade em concluir mais uma etapa da minha formação acadêmica. Obrigado pelo apoio nos momentos mais conturbados.

A todos aqueles que torcem pelo meu sucesso profissional e pessoal, especialmente, ao pesquisador Rafael Balseiro Zin, que disponibilizou em sua rede social a obra *Maria Firmina: Fragmentos de uma vida*, publicação essencial para esta pesquisa. Agradeço-lhe a atenção, apoio e orientação!

A todos os autores e autoras que também se debruçaram sobre a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, cujas valiosas pesquisas aqui procuramos trazer. Desculpem-nos se interpretamos de um modo nosso a vossa pesquisa, mas como diz Guimarães Rosa, “cada um vê as coisas dum seu modo”. Nosso trabalho não seria possível sem vossa meritória pesquisa.

Em memória de Maria Firmina dos Reis, pilar desta dissertação, que me fez refletir sobre o quanto as classes oprimidas sofriam e ainda sofrem sob o jugo de sistemas opressores.

À minha professora e orientadora Ângela Maria Rubel Fanini, por ter aceitado me orientar e, acima de tudo, por ter me ajudado a crescer academicamente e auxiliado neste trabalho desenvolvido para a obtenção do título de mestre.

“Quem busca o conhecimento e o acha obterá dois prêmios: um por procurá-lo, e outro por achá-lo. Se não o encontrar, ainda restará o primeiro prêmio”.

(Maomé)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	iv
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	v
LISTA DE GRÁFICOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	1
1 A PRESENÇA DE ESCRITORAS NO MUNDO LITERÁRIO NA AMÉRICA LATINA.....	6
2 MARIA FIRMINA DOS REIS E A OBRA ÚRSULA	12
3 O MOVIMENTO NEGRO E A DEMOCRACIA RACIAL EM LITERATURAS DE AFRODESCENDENTES.....	19
3.1 O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.....	27
4 ANÁLISE DE TRABALHOS SOBRE O ROMANCE ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	29
4.1 MARIA FIRMINA, FRAGMENTOS DE UMA VIDA.....	30
4.2 A DIÁSPORA AFRO-BRASILEIRA EM ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	33
4.3 NA CONTRAMÃO: A NARRATIVA ABOLICIONISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS..	35
4.4 LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE FEMININO DO BRASIL NO SÉCULO XIX: ÚRSULA	37
4.5 A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI MARGINAL NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA RELEITURA DOS ROMANCES ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS E PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	40
4.6 O NEGRO E A MULHER EM ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	44
4.7 A MENTE, ESSA NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR: MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA FEITA POR MULHERES NO MARANHÃO.....	46
4.8 A ESCRITA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: SOLUÇÕES PARA UM PROBLEMA EXISTENCIAL	47
4.9 MARIA FIRMINA DOS REIS, VIDA E OBRA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS AFRODESCENDENTES NO BRASIL	49
4.10 UMA PIONEIRA MARIA FIRMINA DOS REIS	52

4.11 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: UM ESTUDO DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS	54
4.12 ÚRSULA: A VOZ DOS EXCLUÍDOS DO SÉCULO XIX NO ROMANCE DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	56
4.13 MULHERES NEGRAS LETRAS E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO FINAL DO SÉCULO XIX A MEADOS DO SÉCULO XX	57
4.14 RELAÇÕES DE GÊNERO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX NA PERSPECTIVA DE MARIA FIRMINA DOS REIS ANÁLISE DO ROMANCE ÚRSULA.....	60
4.15 A LITERATURA AFRODESCENDENTE DE MARIA FIRMINA DOS REIS	62
4.16 A ESCRITORA MARIA FIRMINA DOS REIS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA PROFESSORA NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX	65
4.17 MARIA FIRMINA DOS REIS E SUA ESCRITA ANTIESCRAVISTA	67
4.18 A INVISIBILIDADE DA LITERATURA DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	71
4.19 “VOU CONTAR-TE O MEU CATIVEIRO” MARIA FIRMINA DOS REIS E A REEDIÇÃO DE ÚRSULA NO SEU CENTENÁRIO DE MORTE.....	72
4.20 A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA LEITURA DE A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS E MINHA MÃE DE LUÍS GAMA.	73
4.21 A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA: A AUTORA E AS PERSONAGENS EM ÚRSULA.....	76
4.22 MARIA FIRMINA DOS REIS: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE UMA ESCRITORA AFRODESCENDENTE NO BRASIL OITOCENTISTA.....	79
4.23 A IMPORTÂNCIA DE MARIA FIRMINA NA LITERATURA	81
4.24 DAS RAZÕES LITERÁRIAS E SOCIAIS AS QUAIS ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, FOI INVISIBILIZADA.....	82
4.25 MARIAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: A ESCRITA DA VIDA E AS MARCAS DE UMA ESCRITA NEGRA EM TRÊS AUTORAS BRASILEIRAS	84
4.26 O MUNDO DA VIDA E O MUNDO DO TEXTO EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS.....	85
4.27 A IMPORTÂNCIA DA OBRA ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UM LIBELO CONTRA A ESCRAVIDÃO EM FORMA DE ROMANCE.....	86
5 COMENTÁRIOS SOBRE AS PRODUÇÕES QUE SE REFEREM AO NOME DA ESCRITORA MARIA FIRMINA DOS REIS, BEM COMO SUA OBRA ÚRSULA	88

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXOS.....	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As menções sobre Maria Firmina dos Reis	30
Tabela 2 - O 5º romancista da literatura brasileira a publicar um romance em livro (ordem regressiva)	31
Tabela 3 - Pesquisas com pontos em comum. Representatividade e leitura afro-brasileira	89
Tabela 4 - Invisibilidade da autora.....	89
Tabela 5 - Leitura comparativa (obra <i>Úrsula</i> com outras produções brasileiras)	90
Tabela 6 - Trajetória da autora	90
Tabela 7 - Quantidade total de cada pesquisa com pontos em comum	90
Tabela 8 - A frequência das pesquisas referentes a Maria Firmina dos Reis a partir de 1975.....	91

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Jornal das senhoras.....	104
Figura 2 - Capa original da obra <i>Úrsula</i> (1859)	105
Figura 3 - Maria Firmina: fragmentos de uma vida	106
Figura 4 - Anúncio de venda de escravo no jornal A província de São Paulo.....	106
Figura 5 - Anúncio de escravos no Correio Paulistano	107
Figura 6 - Anúncio de venda de escrava	107
Figura 7 - Anúncio de venda de ama de leite	108
Figura 8 - Jornal <i>Pacotilha</i>	109
Figura 9 - Jornal <i>Pacotilha</i>	110
Figura 10 - Possível retrato de Maria Firmina dos Reis.....	111
Figura 11 - Maria Firmina em quadro pintado em homenagem ao seu pioneirismo histórico no país.....	111
Figura 12 - “Pacotilha”, 6/7/1900, ano XX, número 159, página 3, quarta coluna...	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Visualizando a formação acadêmica dos autores das pesquisas analisadas.....	91
---	----

RESUMO

A presente dissertação visa resgatar as ideias de Firmina por meio da pesquisa na fortuna crítica¹ a que tivemos acesso até o presente momento, e, portanto, os temas abordados serão a obra *Úrsula* e a vida de Maria Firmina, uma vez que a autora representa a escrita negra e antiescravista oitocentista. É sabido que a escritora em tela teve reconhecimento em sua localidade, São Luís do Maranhão, mas não atingiu visibilidade em âmbito nacional em sua época. Isso, com certeza, devido ao cenário patriarcal em que o campo literário era majoritariamente ocupado por escritores brancos do sexo masculino. A autora só veio a lúmen no século XX, na década de sessenta, por intermédio do crítico Horácio de Almeida. Após esse período, tem sido resgatada em diversas pesquisas, já dentro de um crescente movimento feminista e de caráter de resistência negra. Livros, artigos, blogs, teses e dissertações, além de outros projetos acadêmicos, enriquecem a fortuna crítica da escritora. Para embasar essas investigações acadêmicas, os autores Horácio de Almeida, Antônio Candido, Rafael Zin, Ivo Queiroz, Vanessa Cavalcanti, Régia Agostinho da Silva, Nascimento Moraes Filho, entre outros estudiosos da literatura e cultura e história negras, foram fundamentais para enriquecer e analisar os estudos que estão sendo realizados.

Palavras-chave: Escrita feminina. Escravidão. Romance abolicionista. Maria Firmina dos Reis.

¹ Conjunto de críticas referentes à determinada obra publicada.

ABSTRACT

The present dissertation aims to rescue Firmina's ideas through the research on the critical fortune² that we had access to the present moment, and, therefore, the work *Úrsula* and the life of Maria Firmina will be the themes approached, since the author represents the 19th century black and anti-slavery writing. It is known that the writer on screen had recognition in her locality, São Luís do Maranhão, but did not reach national visibility in her time. This is certainly due to the patriarchal scenario in which the literary field was mostly occupied by white male writers. The author only came to light in the twentieth century, in the sixties, through the critic Horácio de Almeida. After this period, it has been rescued in various research, already within a growing feminist movement and character of black resistance. Studies and collection of articles, theses, dissertations, books, blogs, among other academic projects, emphasize the life of the writer and her work. To support these academic investigations, the authors Horácio de Almeida, Antônio Candido, Rafael Zin, Ivo Queiroz, Vanessa Cavalcanti, Régia Agostinho Silva, Nascimento Morais Filho, among other scholars of black literature and culture and history, were fundamental to enrich and analyze the studies that are being conducted.

Keywords: Female writing. Slavery. Abolitionist romance. Critical fortune. Maria Firmina dos Reis.

² Set of criticisms regarding the given published work.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa concentra-se nas investigações desenvolvidas sobre a escritora afro-brasileira Maria Firmina dos Reis (11/03/1822 – 11/10/1917), particularmente na fortuna crítica de seu romance *Úrsula*, cuja primeira impressão data de 1859. Desde a descoberta casual na década de 1960, pelo pesquisador Horácio de Almeida, de uma edição original do romance, no Rio de Janeiro, o livro foi reimpresso diversas vezes, atualizando-se a linguagem, mas sem mudar a essência do enredo.

Focalizaremos, assim, em um texto unificado, o cenário cronológico das perspectivas teóricas e socioculturais usadas na crítica/abordagem do romance, com ênfase no estudo de Rafael Zin, Ivo Queiroz, Vanessa Cavalcanti, Régia Agostinho da Silva³, Nascimento Moraes Filho⁴, Antônio Candido⁵, entre outros pesquisadores da literatura e da cultura negra. Com o levantamento de Maria Firmina dos Reis, este trabalho procura demonstrar não apenas o valor de uma obra que deu origem a um número considerável de pesquisas, mas a importância da crítica literária como documento de época.

Conforme Fanini e Ventura (2018), o século XIX é composto por acontecimentos revolucionários, como “[...] a vinda da família real em 1808, a independência do país em 1822, a abolição da escravidão em 1888 e a proclamação da República em 1889, [...] o país sai da condição de colônia portuguesa e chega à República.” (FANINI; VENTURA, 2018, p.207-208). Essas pesquisadoras evidenciam, em suas investigações, a questão da resistência negra ao cativo no século XIX, analisando obras literárias em que a questão afro-brasileira se destaca. O Brasil é um país que possui um misto de culturas, e com a literatura não foi diferente. De acordo com Candido (2000), a literatura brasileira provém do seio literário português: “[...] A sua formação tem, assim, caracteres próprios e não pode ser estudada como as demais [...]. (CANDIDO, 2000, p.9). A literatura brasileira, embora iniciada com os portugueses que aqui aportaram, carrega a mistura de

³ Professora do Departamento de História da Universidade do Maranhão. Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará.

⁴ Professor, poeta e folclorista maranhense. Autor da obra *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*.

⁵ Sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil.

outras literaturas, visto que o discurso literário é sempre carregado de vozes que advêm de vários locais e épocas.

O início da colonização do Brasil pelos portugueses coincidiu com a mais brilhante época da história deste povo e particularmente com o mais notável período da sua atividade mental. É o século chamado áureo da sua língua e literatura, o século dos seus máximos prosadores e poetas, com Camões à frente. (VERÍSSIMO, 1915, p. 17)

De acordo com Veríssimo (1915), no contexto inicial da colonização, temos o subjugo dos indígenas e africanos, ou seja, o pensamento europeu carregado de preconceito visionava índios e negros como meros instrumentos serventes. Atualmente, a ideologia é ultrapassada, uma vez que a cultura afrodescendente contribuiu para a formação identitária do país, e, sem essas contribuições culturais, incluindo as literárias, o país não existiria. A literatura brasileira nunca ficou alheia ao povo negro, constituindo vários enredos e personagens que resistem à escravidão. A saber, José de Alencar, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, entre tantos ficcionistas do oitocentos se debruçaram sobre a questão negra.

A sociedade que aqui existiu no primeiro século da conquista e da colonização (1500-1600) e a que desta se foi desenvolvendo pela sua multiplicação, logo aumentada pelo cruzamento com aquelas raças, era em suma a mesma de Portugal nesse tempo, apenas com o amesquinamento imposto pelo meio físico em que se encontrava. A todos os respeitos nela predominava o português. Índios e negros eram apenas o instrumento indispensável ao seu propósito de assenhorear e explorar a terra e à necessidade de sua preparação. (VERÍSSIMO, 1915, p. 18)

Nas palavras de Veríssimo (1915), notamos que não havia valorização do indígena e do africano, sendo que eles são reconhecidos hoje de forma econômica e cultural para a formação brasileira. No entanto, esse trecho repassa a ideia de pensamento social do século XIX, que, no período oitocentista, era um tema visto com naturalidade, pois a sociedade estava constituída com ideologias escravistas. A literatura, no entanto, divergia e destacava personagens com agência e ativismo social contra a escravatura. Nossa autora foi precursora nessa visão crítica e oposta ao racismo oitocentista.

Por toda a América Latina, tivemos o desenvolvimento de grandes centros urbanos que aos poucos passaram a presenciar a busca não só pela independência política, mas também cultural e literária. Nesta perspectiva, Bakhtin e Volochínov evocam:

As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época. As condições mutáveis da comunicação sócio-verbal precisamente são determinantes para as mudanças de formas que observamos no que concerne à transmissão do discurso de outrem. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 157)

Com isso, a inserção da literatura latina passou a ser possível após o nascimento de gerações dentro das colônias, os chamados “criollos”, e após a miscigenação não só de raças, mas também a mestiçagem de culturas, como já mencionado.

A literatura brasileira é fruto de vozes sociais diversas. Nela, encontramos registros de outras culturas que se debruçavam sobre nossa realidade. No caso da literatura que trata da questão afro-brasileira, os registros ocorrem, mormente no século XIX, quando a abolição se acirra. É, então, que a autora Maria Firmina dos Reis se coloca sobre esse assunto, trazendo vozes sociais sobre essa temática para dentro do romance *Úrsula*. E, conforme Bakhtin e Volochínov “[...] nas formas pelas quais a língua registra as impressões do discurso de outrem e da personalidade do locutor, os tipos de comunicação socioideológica em transformação no curso da história manifestam-se com um relevo especial” (2009, p. 157). Portanto, o enredo de Maria Firmina se torna especial ao se tratar diretamente da valorização de seus personagens escravizados, dando uma nova visão à história do povo africano no Brasil.

Durante o século XIX, as mulheres da classe alta recebiam instrução destinada a formar boas donas de casa. Algumas frequentavam escolas para aprender canto, escrita e leitura e outro idioma, e até dar ordens aos empregados domésticos, gerenciando o espaço doméstico. De acordo com Cunha (2016) havia dois tipos de mulheres na sociedade elítica: a que apreciava seu conforto e sossego, e a que almejava ter seu espaço e reconhecimento garantido na sociedade.

Em sua maioria as mulheres pertencentes à elite brasileira não desempenhavam nenhuma tarefa doméstica, pois tinham seus empregados ou escravos para executar e muitas gostavam de ficar à toa, já outras detestavam a vida sem ocupação e ficavam descontentes, principalmente porque não tinham nenhum direito à participação política e nem cursar escola de ensino superior. Além disso ansiavam por tornar-se pessoas úteis à sociedade. Podemos assim dizer, que o desejo de sair do tédio, executar tarefas importantes, poder cursar escolas de ensino superior e até mesmo escrever em jornais, estimulou o desejo de mudança. (CUNHA, 2016, p.7)

As classes médias eram compostas por mulheres que tinham uma pequena condição que lhes dava acesso a alguns privilégios, que eram os estudos e informações básicas sociais: “[...] muitas mulheres da classe média e alta queriam o desenvolvimento integral de suas potencialidades, dentro e fora de casa [...]” (CUNHA, 2016, p.7). Nesse contexto, Maria Firmina se enquadra como um sujeito feminino pertencente à classe média social e trabalhadora, como professora concursada. Reservavam-se para classes baixas as atividades como: cerzideiras, lavadeiras, costureiras, serventes e empregadas, que desempenhavam as tarefas domésticas orientadas pelas patroas, ou seja, as orientações de gestoras do lar. Já as atividades que envolvessem participações no meio social eram de exclusividade elitica.

Contudo, muitas mulheres do século XIX, em especial da classe média, tentavam se mostrar mais presentes em determinadas decisões, buscando a liberdade de expressão:

[...] queriam poder empenhar-se em alguma atividade ou emprego respeitável que lhes desse renda, bem como almejavam abrir seus próprios negócios e o que mais chocava os homens era a defesa que algumas mulheres faziam do direito à participação política por meio do voto. (CUNHA, 2016, p. 7)

Desse modo, a participação das mulheres, em todo o desenvolvimento cultural e literário, revela a importância de se conhecerem alguns nomes, e, principalmente, ressaltar aqueles que foram marginalizados pelo sistema patriarcal da época, destacando suas contribuições para a literatura latino-americana.

Sendo assim, analisaremos a fortuna crítica da obra da escritora, brasileira e negra, Maria Firmina, que escreveu a obra *Úrsula* no século XIX, impressa no ano de 1859, quando ainda imperava a escravidão no Brasil. Vamos nos deter, sobretudo, nas leituras constantes da fortuna crítica selecionada por nós, no intuito de demonstrar que a escritora tem visibilidade no mundo acadêmico. “No contexto da resistência, as mulheres negras jamais foram coadjuvantes, pois cumprem corajosamente o papel de combatentes, arquitetas de outra sociedade” (QUEIROZ, 2018, p. 86).

Nesse sentido, podemos considerar que as crioulas tiveram um papel de suma importância na construção social, pois mesmo sendo coagidas, nunca

deixaram de ambicionar a liberdade e relembrar suas raízes, e são essas atitudes determinativas que encontramos na literatura de Maria Firmina. Outras mulheres negras foram importantes nos séculos coloniais e imperiais, e pesquisas atuais que se referem a esse tema já se avolumam. Dessa forma, esta investigação se encontra nessa perspectiva, ou seja, objetiva trazer a público a obra e a figura de Maria Firmina, auxiliando na valorização da importante escritora oitocentista brasileira. Vale destacar que os trechos transcritos foram retirados da versão fac-similar impressa, no ano de 1975, da obra *Úrsula*, mantendo a grafia da época com o objetivo de preservar a sua originalidade, assim como as leis decretadas no século XIX também possuem a sua forma original da escrita.

Por se tratar do primeiro romance brasileiro escrito por uma afrodescendente, que denuncia a crueldade do sistema escravista, este trabalho tem dois objetivos principais: justificar por meio da análise do romance seu caráter de ficção protoabolicionista e demonstrar, mediante o estudo da fortuna crítica da obra – livros, artigos, blogs, dissertações e teses – a contribuição da mulher negra para a literatura brasileira.

Pontuamos que nossa pesquisa sobre a escritora se dá a partir do ano de 1975, tendo como referência, no primeiro momento, o livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, publicado por José Nascimento Moraes Filho. Posteriormente tivemos acesso a outros materiais, que passam a ser datados a partir do ano de 2004 até o ano de 2019. Salientamos que entre os anos de 1975 até 2004, poucas pesquisas sobre a escritora foram realizadas e esses trabalhos não estavam disponíveis para consulta.

1 A PRESENÇA DE ESCRITORAS NO MUNDO LITERÁRIO DA AMÉRICA LATINA

No decorrer da história literária da América Latina e Central, a primeira mulher a entrar no mundo da escrita e literatura, uma área dominada pelo mundo masculino, foi uma freira mexicana, bastarda e crioula, filha de um fidalgo basco, conhecida como Sor Juana Inés de La Cruz (1648 – 1695) “[...] Sor Juana Inés de la Cruz foi um dos expoentes da poesia em língua espanhola no século XVII, o ‘Século de Ouro Espanhol’ [...]” (GABRIEL, 2018, s/p). Foi perseguida dentro dos setores da igreja, por padres, bispos e inquisidores, pelo fato de escrever e retratar seus pensamentos em forma de obras e poesias, que descreviam o cotidiano do convento e do povo em geral.

Sor Juana manejou como ninguém os maneirismos do barroco – a retórica elevada, o virtuosismo linguístico, o gosto pela contradição e pelo exagero. Compôs poemas, comédias teatrais, **defendeu o direito da mulher à educação** e se envolveu num acirrado debate teológico com o padre Antônio Vieira, expoente do barroco luso-brasileiro. (GABRIEL, 2018, s/p, grifo do autor)

Sor Juana é símbolo de resistência e feminismo, contra uma sociedade machista que não conseguiu oprimi-la por completo. “[...] Em seus últimos anos, renunciou às letras devido à perseguição das autoridades católicas. [...] Na falta de documentos – a vasta correspondência de Sor Juana se perdeu [...]” (GABRIEL, 2018, s/p). À semelhança de Maria Firmina, poucos documentos restaram de Sor Juana de La Cruz, resgatados por historiadores.

Não muito distante do fato relatado a respeito de Sor Joana Inés de La Cruz, temos no Brasil do século XIX a mesma concepção sobre as mulheres, sendo estas privadas de expressarem seus sentimentos e ideias, reprimidas e consideradas de baixa intelectualidade para escrever livros, contos e poesias. Porém, algumas resistiam a esse desmando e escreviam desafiando o sistema patriarcal instituído na época.

Nesse momento, pensamos em mulheres brancas, intelectuais e reprimidas, e esquecemos que durante o século XIX, havia no Brasil um grande número de mulheres negras, ainda em regime de escravidão, enquanto o país passava por um processo de miscigenação, que viria a formar a cultura do povo brasileiro, mesclando conhecimentos de diferentes povos: europeus, africanos e indígenas.

Os escravistas brasileiros disseminaram a degradação das condições de vida das mulheres negras. Atribuíram-lhes o trabalho no eito dos canaviais e no ambiente doméstico. Elas atuaram na culinária, foram educadoras, escravas de companhia, amas de leite, escravas sexuais, vendedoras, parteiras, benzedoras, mães de santo, raizeiras (curavam afecções por meio do conhecimento tradicional etno-botânica africana) e as mais diversas funções que lhes couberam. (QUEIROZ, 2018, p. 86)

Contudo, é nesse contexto que Maria Firmina dos Reis escreve *Úrsula*, sendo a primeira mulher brasileira a produzir um romance antiescravista na literatura nacional, quebrando as barreiras que submetiam às mulheres negras, que eram consideradas de pouco valor e estereotipadas quando descritas.

[...] Estereótipos típicos como os da “mulata sensual e ferosa” e o da “negra abnegada, submissa e dedicada incondicionalmente ao trabalho”, por exemplo, permearam e ainda permeiam o imaginário da nossa gente, revelando, assim, as marcas profundas de uma sociedade que foi estruturada com base no racismo, no sexismo e no patriarcalismo. [...] (ZIN, 2016, p. 84)

A obra *Úrsula* (1859) trazia em seu conteúdo a nobreza da cultura africana. Literatura impressa e publicada no ano de 1859, e de acordo com Zin (2019), Muzart (1999) e Lobo (1993), resgatada em um sebo na cidade do Rio Janeiro, em 1962, por Horácio de Almeida, historiador bibliófilo paraibano, enquanto realizava uma pesquisa sobre autores maranhenses: “[...] se trata da maior raridade bibliográfica das letras maranhenses [...] Encontrou-a Horácio de Almeida [...], num lote de livros velhos, e adquiriu-a [...]” (DUARTE et al, 2018, p. 17). A obra *Úrsula* estava assinada apenas como *Uma maranhense*, mas Almeida descobriu o nome verdadeiro da autora ao explorar a identidade dos pseudônimos no Dicionário por Estados da Federação.

Como realça Zin (2019), Maria Firmina foi perdendo seu espaço e acabou esquecida por algum tempo, uma vez que os próprios pesquisadores literários não a enfatizaram em seus estudos.

[...] o bibliófilo salienta a ausência de registros sobre a escritora nos estudos dedicados à produção literária maranhense. Possivelmente, por ter sido redescoberta tardiamente, Firmina ficou esquecida, também, entre os principais estudiosos da literatura brasileira. (ZIN, 2019, p.29)

Com relação aos pseudônimos, podemos dizer que eram usados justamente para camuflar a identidade feminina diante da sociedade, que, muitas vezes, não

atribuía total credibilidade às escritoras. Por isso, acreditamos que Firmina tenha escolhido ser identificada como *Uma maranhense* para não sofrer represálias, já que seus romances eram de cunho antiescravista.

As mulheres, embora desvalorizadas, ainda conseguiam espaço na sociedade. Tudo dependia da classe social a que pertenciam. Na elite urbana, estudavam línguas, música, piano e aprendiam como ser uma mãe exemplar na criação dos filhos e boas maneiras, destinadas ao lar.

Em relação à educação feminina, tem-se que as filhas das elites geralmente recebiam uma instrução voltada para as atividades do lar e para os círculos de convivência social. Para tanto contava com o concurso das preceptoras e estrangeiras e/ou dos colégios femininos leigos ou religiosos, cujo ensinamento via de regras resumia às primeiras letras, francês, música, piano e prendas femininas. (VEIGA, 2007, p. 191)

Desse modo, a educação dessas mulheres era voltada justamente para o comportamento em público e nos lares. E, como reforçam Pinsky e Pinsky (2005):

A educação formal para mulheres não era muito valorizada no século XIX. A formação adequada – que para muitos se distinguiu da instrução – serviria, conforme a ideologia dominante, apenas para torná-las boas cumpridoras de seus papéis femininos. Assim, as disparidades entre os sexos eram também reforçadas pela educação diferenciada para rapazes e moças. (PINSKY; PINSKY, 2005, p. 274,275)

As mulheres passaram a ter maior aceitação nos meios estudantis e educacionais a partir dos anos de 1827, quando foi autorizada sua participação na educação formal, mas com certas restrições, como ressalva a lei de 15 de outubro de 1827, transcrita abaixo:

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionados à comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brazil.

Art 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12º As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem à economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórmula do art. 7º (BRASIL, 1827, s/p).

Nas classes média e alta havia instrução formal. Sendo assim, a boa educação era de exclusividade elítica e classe social média. E era dessa última que a autora Maria Firmina fazia parte. Após completar cinco anos de idade, Maria Firmina passou a morar com uma de suas tias maternas que tinha melhor condição de vida. Com a promulgação da Lei de 1827, que permitia a entrada de meninas nas instituições de ensino, Maria Firmina pôde estudar.

A presença de meninas nos estabelecimentos escolares só foi permitida por lei no Brasil a partir de 1827. O acesso à universidade foi liberado em 1879, mas poucas tinham a coragem de enfrentar os preconceitos então existentes com relação às mulheres com curso superior. “Lugar da mulher é em casa, cuidando da família”. Estudar, só se for para aperfeiçoar-se nos papéis de esposa e mãe. (PINSKY; PINSKY, 2005, p.498)

Ainda que a educação superior fosse liberada para as mulheres, o preconceito imposto socialmente as coagia, pois por muito tempo foram vistas como regentes dos lares, que não necessitavam de conhecimentos além daqueles que fossem destinados aos cuidados da casa e dos seus empregados.

Contudo, de acordo com Barbosa (2013), muitos assentiam que a mulher não necessitava de instruções, ou seja, “[...] nem todas as famílias entendiam que as mulheres precisavam ter um ensino vasto, pois muitos acreditavam que para ser mulher era necessário conhecer apenas os afazeres domésticos” (BARBOSA, 2013, p. 4).

As mulheres das classes menos abastadas eram educadas desde a mais tenra idade para todo tipo de trabalho doméstico, como: cuidar dos irmãos menores, trabalho nas plantações e colheitas e raramente recebiam instruções relacionadas aos ensinamentos escolares.

O trabalho doméstico[...]configuraram uma estrutura social de trabalho diversificada, algumas trabalhavam em troca de casa e comida, outras teciam relações de contrato de trabalho que em muitos casos estabelecia prestações de serviços diárias ou mensais, que estavam pautadas na informalidade e nos laços de favor ou compadrio. (PEREIRA, 2011, p.3)

Os trabalhos realizados por mulheres negras escravas não se diferenciavam muito dos trabalhos realizados pelas mulheres brancas da classe social mais baixa, salvo que as escravas sofriam castigos corporais por motivos fúteis. Mulheres afrodescendentes realizavam trabalho de domésticas (em alguns casos, e eram

alugadas para outras famílias), também trabalhavam no eito, onde eram enviadas para realizarem trabalhos pesados nas plantações, e todo tipo de serviço que exigisse força braçal.

As negras tinham destinos semelhantes aos das mulheres brancas pobres, ambas ausentes do processo sistemático de escolarização. Para as escravas, a educação acontecia no dia a dia, na violência que muitas sofriam ao realizar seu trabalho, na luta pela sobrevivência, na resistência e na fuga. Também eram abusadas por seus senhores e, muitas vezes, por outros homens. Na literatura de Firmina, este fato é relatado pela personagem Preta Suzana, em *Úrsula* (1859) “[...] E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça” (REIS, 1859, p. 94).

Todavia, independentemente da classe à qual as mulheres pertenciam, muitas almejavam a liberdade, lutando pelos direitos de igualdade, como realça Cavalcanti (2005):

De uma luta, primordialmente, travada para “sair” do espaço privado, ocupar lugares públicos e a cidadania de direito, o processo histórico vivenciado nesse período foi ritmado pelo enfrentamento e pela busca das mulheres em adquirir os direitos dos quais estavam privadas e para construir uma dinâmica, uma práxis diferente da pretendida anteriormente, uma ordem exclusivista e de minorias ocultadas. A “politização do privado” descortina-se como pauta e agenda, e não mais como um dos silêncios da esfera doméstica que caracterizavam os finais do século XIX e a primeira metade do XX. (CAVALCANTI, 2005, p. 244)

As mulheres buscam a liberdade de expressão, e um dos primeiros passos para essa emancipação, que é poder escrever e se expressar através das artes gráficas, foi o surgimento do *Jornal das Senhoras*⁶, fundado por mulheres na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1852, mantendo suas publicações até o ano de 1855.

[...] Sua primeira diretora foi Joanna Paula Manso de Noronha, criadora do jornal. De origem argentina Joanna passou por países como Uruguai, Estados Unidos, Cuba, chegando ao Brasil e fundando o jornal, porém permanece apenas o primeiro semestre na direção do jornal, deixando a direção para uma das colaboradoras chamada Violante Atabalipa Ximenes de Bivare Vellasco, permanecendo na direção do mesmo até meados de 1853. (BARBOSA, 2013, p.2)

⁶ Primeiro periódico publicado para o público feminino.

Para ilustrar esse fato temos, em anexo⁷, uma página retirada do *Jornal das Senhoras*, publicada no ano de 1853, no dia 12 de dezembro. Assim, notamos que o conteúdo do *Jornal das Senhoras* é completamente voltado ao público feminino de determinada classe social (elítica e classe média), excluindo as classes baixas e as escravas, ou seja, ele enfatizava a moda, a literatura, a arte, o teatro e a crítica, sendo enraizada em fatos cotidianos na vida de mulheres abastadas. As escravas eram proibidas de se alfabetizarem.

Precisamos frisar que o Brasil neste período mantinha um sistema escravista, uma educação precária com alto índice de analfabetismo e um custo de vida elevado, sendo poucas as mulheres que possuíam acesso ao *Jornal das Senhoras*, já que este era particular e para manter suas publicações, precisava ser vendido. Sendo assim, podemos imaginar que suas leitoras e também a diretora e as redatoras deste periódico, viviam em uma posição social a qual as favoreciam economicamente, onde muitas destas senhoras desfrutavam de viagens a outros países e uma boa educação. Situações como estas também eram divulgadas pelo jornal [...]. (BARBOSA, 2013, p. 5)

Apesar de o *Jornal das Senhoras* ser um símbolo de destaque do sexo feminino na sociedade, ele não tinha cunho popular, destinando-se, como apontamos anteriormente, apenas às mulheres de classe média ou alta, uma vez que era um jornal que exigia a assinatura paga da leitora, como realça Barbosa (2014):

Sobre os locais onde poderiam ser feitas as assinaturas do JS, na 1ª edição, a redatora divulga que “subscreve-se para este Jornal nas casas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Tipografia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 2016”, custando 3\$000 réis, por três meses para a corte, e 4\$000 réis, pelo mesmo período, para as províncias. (BARBOSA, 2014, p. 7)

Dessa maneira, observamos que a assinatura do *Jornal das Senhoras* não era acessível às camadas populares. E esse fato mostra que as classes inferiores, ou seja, mulheres populares e trabalhadoras como as domésticas, lavadeiras, costureiras e escravas, não tinham condições de ter acesso a esse material, pois, além do seu custo exacerbado, o analfabetismo era realidade para maioria das mulheres pobres. Já para as escravas, a alfabetização era, inclusive, proibida, como enfatizamos.

E assim, o *Jornal das Senhoras* não teve suas edições tão duradouras, sendo editado apenas durante cinco anos, uma vez que suas publicações foram

⁷ Parte desta pesquisa dedicada às imagens.

dispensadas a partir de 1855. Assim, escritoras como Maria Firmina não tiveram a chance de publicar suas histórias, sendo esta esquecida por décadas, até o resgate de sua primeira obra abolicionista, *Úrsula* (1859). Dentro desse contexto inóspito é que encontramos Maria Firmina e sua obra, importante do ponto de vista da literatura de autoria feminina e absolutamente inédita.

2 MARIA FIRMINA DOS REIS E A OBRA ÚRSULA

Escritora, professora, negra e ativista da causa escravista, Maria Firmina dos Reis, como primeiramente pesquisado, era “bastarda”, registrada por João Esteves, filha da portuguesa Leonor Felippa dos Reis e pai escravo, nasceu no Maranhão, na Ilha São Luís, no dia 11 de março de 1822.

Como informa Duarte et al (2018), nos registros de Firmina aparece o nome do pai, sem maiores informações, a não ser o fato de ser negro. Sua mãe, Leonor Felippa dos Reis, aparece como branca e de origem europeia, porém, em documentos recém-pesquisados, consta que a matriarca fora uma mulata alforriada, ex-escrava de um grande senhor chamado Comendador Caetano.

Maria Firmina foi criada sem a presença do pai ou sujeitos do sexo masculino em sua infância e juventude e viveu em um ambiente feminino composto pela mãe, avó e suas primas. Mais tarde, mudou-se para o município de Viamão, na vila de São José dos Guimarães. Rafael Zin (2019) registra que a escritora foi acolhida pela tia materna, mulher de família de pequenas posses, sendo ela, o pilar que sustentou a perseverança e a força de vontade que Maria Firmina tinha em transformar o mundo com os seus pensamentos.

Maria Firmina, autodidata, estudou para formar-se professora e praticou o magistério durante muitos anos, vencendo o concurso público *Cadeira de Instrução Primária*⁸, para lecionar Primeiras Letras na cidade de Guimarães, no interior do Maranhão (1847). Aos 37 anos de idade, publicou *Úrsula*⁹ (1859), o romance indianista *Gupeva*¹⁰ (1861), as poesias *Cantos à beira-mar*¹¹ (1871) e o conto “A escrava”¹² (1887), utilizando-se do pseudônimo “*Uma maranhense*”. Conforme

⁸ Concurso que permitia lecionar as Primeiras Letras.

⁹ Primeiro romance de abordagem abolicionista.

¹⁰ Conto indianista, no qual a autora procurou abordar a questão do índio na sociedade oitocentista.

¹¹ Única obra poética de Maria Firmina dos Reis, publicada em 1871.

¹² Leitura abolicionista.

Correia (2013), após sua aposentaria em 1880, a escritora fundou a primeira escola primária mista e gratuita do Estado, compondo o hino para a libertação dos escravos, transcrito abaixo, em louvor da comemoração do dia 13 de maio de 1888:

Salve, Pátria do Progresso!
 Salve! Salve Deus a Igualdade!
 Salve! Salve o sol que raiou hoje
 Difundindo a Liberdade!
 Quebrou-se enfim a cadeia
 Da nefanda Escravidão!
 Aqueles que antes oprimias,
 Hoje terás como irmãos! (REIS, 1888 apud DUARTE et al, 2018, p. 76).

Na maior parte de sua vida, Maria Firmina viveu e presenciou a escravidão, se deparando com leis que, supostamente, abrandariam o sistema escravocrata. Como exemplo disso, temos a Lei Eusébio de Queirós¹³; Lei do Ventre Livre ou Lei Rio Branco¹⁴; a Lei dos Sexagenários ou Saraiva Cotegipe¹⁵, e por fim, a Lei Áurea em 1888. Maria Firmina testemunhou o fim do imperialismo no ano de 1889 e o início da República no Brasil, e tais acontecimentos foram observados da província onde viveu. E, em sua trajetória, soube reproduzir a história através do seu olhar como mulher e negra, situação que lhe proporcionava essa experiência. O livro *Úrsula e outras obras* (2018), reeditado pela câmara de deputados de Brasília, mantém a fidelidade da escrita de suas obras.

Uma lágrima

Sobre o sepulcro de minha carinhosa mãe.
 E eu vivo ainda!? Nem sei como vivo!...
 Gasto de dor o coração me anseia:
 Sonho venturas de um melhor porvir,
 Onde da morte só pavor campeia.
 Lá meus anseios sob a lousa humilde
 Dormem seu sono de silêncio eterno!
 Mudos à dor, que me consome, e gasta.
 Frios ao extremo de meu peito terno.
 Ah! Despertá-los quem pudera? Quem?
 Ah! campa... ah, campa! Que horror, meu Deus!

¹³ Aprovada em 4 de setembro de 1850, a lei proibiu o tráfico de escravos africanos no Brasil.

¹⁴ Lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871, que reconhecia como libertos todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir desta data.

¹⁵ Aprovada em 1885, consistia em conceder a liberdade aos escravos com mais de sessenta anos.

Por que tão breve – minha mãe querida, –
 Roubaste, oh morte, destes braços meus?!...
 Oh! não sabias que ela era a harpa
 Em cujas cordas eu cantava amores,
 Que era ela a imagem do meu Deus na terra,
 Vaso de incenso trescalando odores?!
 Que era ela a vida, os horizontes lindos,
 Farol noturno a me guiar p'ra os céus;
 Bálsamo santo a serenar-me as dores,
 Graça melíflua, que vem de Deus!
 Que ela era a essência que se erguia branda
 Fina, e mimosa de uma relva em flor!
 Que era o alaúde do bom rei – profeta,
 Cantando salmos de saudade, e dor!

[...]

(REIS, 2018, p. 181).

O trecho retirado da dedicatória de Maria Firmina à sua mãe revela o tempo breve que juntas passaram, traduzindo o sentimento de saudade e dor, transmitindo sua emoção a todos aqueles que leem seus poemas. A autora também exalta a sua terra, como no poema *Minha terra*:

Maranhão! Açucena entre verdores,
 Gentil filha do mar – meiga donzela,
 Que a nobre fronte, desprendida a coma,
 Dos seios do Oceano levantaste!
 Quanto és nobre, e formosa – sustentando
 Nas mãos potentes – como cetro de Ouro,
 O Bacanga caudal, – o Anil ameno!
 O curso de ambos tu, Senhora – domas,
 E seus furores a teus pés se quebram.
 Oh! como é belo contemplar-te posta
 Mole sultana num divã de prata,
 Cobrando amor, adoração, respeito;
 Dando de par ao estrangeiro – o beijo,
 E a fronte ornando de lauréis viçosos!
 Pátria minha natal, – ninho de amores...
 Ai! miséria de mim... quisera dar-te
 Na lira minha mavioso canto,
 Canto exaltado que elevar-te fora
 'Té onde levas a nobreza tua!
 Porém o estro deserdado, e pobre,
 Sonha, e não pode obrar o seu intento.
 Campeia indolente no leito gentil,
 Cercada das vagas amenas, danosas;
 Das vagas macias, quebradas, cheirosas
 Do salso Bacanga, do fértil Anil.

[...]

(REIS, 2018, p. 184).

Maria Firmina publicou vários contos, histórias, poesias, enigmas e até charadas. Conforme Bora (2004), “[...] colaborou assiduamente com vários jornais literários, entre eles, *A Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *Federalista* [...]” (BORA, grifo do autor, 2004, p.79), sendo uma cidadã intelectual, que se dedicou a apoiar movimentos voltados para o ensino, cultura, leitura, escrita e a causa abolicionista.

Com o intuito de estimular a escrita, de fomentar a leitura e o debate em torno dos textos, bem como de propagandear o nome das autoras, muitos jornais da época traziam em suas edições anúncios que ofereciam ao público as respectivas obras produzidas por elas, além de algumas críticas voltadas para um melhor entendimento desse novo universo literário, ainda que a maioria das publicações fosse bastante enxuta e sem um maior aprofundamento na análise. E foi justamente nesses periódicos que o nome da escritora maranhense passou a ser visto com maior frequência pelo conjunto da população. (ZIN, 2018, p. 20)

A respeito de seus manuscritos publicados, alguns pesquisadores acreditam que Maria Firmina tenha sido apoiada por seu primo de parte materna, Francisco Sotero dos Reis, escritor que compunha a sociedade de escritores da época, influente nas publicações literárias e jornalísticas do Maranhão. Maria Firmina reconhece a influência cultural positiva que Sotero teve em sua vida, o que expressa em diversos poemas (LOBO, 1993). Um dos poemas dedicado a ele é conhecido como *Minha terra*, publicado no livro de Maria Firmina, *Cantos a beira-mar*, publicado originalmente no ano de 1871 e relançado novamente em 2018 pela Edições Câmara Brasília (DF).

Os romances escritos por Maria Firmina abordavam causas abolicionistas, apresentando os negros como pessoas nobres e que mereciam o direito de conviver em sociedade, e, de acordo com Bakhtin (1997), os sujeitos que compõem um enredo literário traduzem as vozes sociais formalizadas esteticamente pelo autor. As vozes abolicionistas eram uma constante na sociedade brasileira. Maria Firmina as ouve e as faz migrar para o interior do romance na fala das personagens. Desse modo, *Úrsula* (1859) narra uma trágica história sobre a escravidão, ocorrida em local não especificado, definido apenas como a “mais rica das províncias do Norte” (REIS, 1859, p. 10).

No romance, a personagem negra denominada como Preta Suzana tem atitudes que contestam o sistema escravocrata do período. Em suas falas, transmite aos outros personagens da saga, principalmente ao personagem Túlio, seu filho adotivo e escravo, toda sua experiência desde o tempo em que fora capturada em África e feita escrava, sendo arrancada do seio de sua família por bárbaros sem alma e coração, aportando em terras distantes, no Brasil. No trecho seguinte, a escrava destaca a dor de ter deixado a filha para trás “[...] uma filha, que era a minha vida, minhas ambições, a minha suprema ventura [...] essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Tudo, tudo, até a própria liberdade” (REIS, 1859, p. 92). Preta Suzana é descrita como uma pessoa magra, cabelos brancos, que carrega toda a melancolia da escravidão, suas vestes são simples. Essa personagem, retratada como uma pessoa fisicamente frágil, se mostra como uma defensora da liberdade e igualdade para todos. Suas palavras retratam amor, coragem, fé, resistência e desconfiança do povo negro escravo. Embora frágil, sua fala é vigorosa, histórica e de resistência negra. O tipo físico, combalido pelos maus tratos, contrapõe-se a uma mente forte e determinada no ativismo negro.

Maria Firmina relata mediante seus personagens as torturas físicas e psicológicas sofridas pelos escravos, e tudo isto sob os olhos da Igreja e da sociedade da época. Preta Suzana foi comprada pelo Comendador Fernando P., senhor cruel com os escravos e que não tinha remorso algum em castigar seus serviçais por quaisquer motivos. Na trama, Preta Suzana se torna próxima de Úrsula, a protagonista, ao auxiliar a mãe enferma da moça. Assim, a escrava idosa toma espaço no enredo, ao personificar o sofrimento do regime escravo, tendo a sua presença representada como símbolo de resistência ao sistema opressor, uma vez que a personagem morre torturada pelo seu senhorio, Comendador Fernando P, ao acobertar a fuga de Úrsula e seu pretendente. Porém, a personagem tem fala própria, em que narra não só a história pessoal, mas a de um povo escravizado.

O segundo personagem do enredo é Túlio, jovem escravo nascido na região onde se passa o romance. Como um nobre de coração puro, Túlio não mede esforços para ajudar o próximo, destacando sua lealdade, e mesmo sofrendo violentas agressões em determinado momento da história, não deixa de ser bom. A sua empatia com o próximo também se destaca nas primeiras passagens do enredo

em que o escravo resgata Tancredo, jovem advogado branco, que futuramente se tornaria seu grande amigo.

Reunindo todas as suas forças, o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavallo morto, e deixando-o por um momento correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade collocado-lhe a cabeça sobre seus joelhos. Só Deus testemunhava aquella cena tocante e admirável, tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava. (REIS, 1859, p. 14)

O esforço que Túlio faz para trazer Tancredo à vida, deixa claro que o personagem tem um objetivo muito maior do que apenas servir aos seus senhores, ou seja, há humanidade em suas ações, e são essas qualidades que Firmina reforça durante todo o romance. O jovem também questiona o regime escravocrata, realçando a sua indignação ao ver seu povo subjogado: “[...] –Covarde! – bradou Túlio acceso em legítima cholera– que acção tão vil pratiquei eu algum dia que possa merecer-vos semelhante conceito?” (REIS, 1859, p. 168).

Túlio, na tentativa de ajudar o casal de amantes, Úrsula e Tancredo, em uma emboscada feita por capangas e seu senhor, o Comendador Fernando P., é alvejado por disparos de arma de fogo e cai desfalecido ao solo. Na escrita de Maria Firmina, Túlio assume papel importante na história, dando sua vida em sacrifício e salvando duas pessoas brancas, demonstrando, assim, toda a compaixão que teve com seus semelhantes, embora a sociedade escravista não o visse como semelhante. Os brancos o viam como objeto mercantilizável. Ele, no entanto, demonstra sua grandeza de caráter, auxiliando seus algozes.

Por fim, apresentamos Antero, terceiro personagem descrito como um velho escravo, servente ao Comendador Fernando e acometido pelo vício alcóolico. Essa figura sai do padrão “escravo nobre” com um objetivo brilhante, repassando que Antero representa a visão que a sociedade oitocentista tinha do escravo (NASCIMENTO, 2009), que eram considerados como pessoas sem instrução, cultura ou religião, dotadas de vícios, serventes, obedientes e submissos a quaisquer trabalhos impostos pelos senhores. As atitudes submissas de Antero são apresentadas nesta passagem de *Úrsula* (1859), “[...] elle mostrou-se rigido, e atirou com o prisioneiro para um quarto humido e nauseabundo, e mostrou interessar-se

vivamente em cumprir as ordens, que recebera. Depois collocou-se à porta, qual fiel cão de fila quem o dono deixou de guarda à sua propriedade ameaçada por ladrões” (REIS, 1859, p. 170).

O escravo idoso tem menos destaque dentro da obra, mas marca presença nos relatos sobre o sistema escravocrata e ao reavivar lembranças da sua liberdade, que fora usurpada há muitos anos. Sendo escravo que serve ao Comendador Fernando, um senhor brutal, o cativo teme perder a vida devido aos castigos impostos. Antero recorda a saudade da terra mãe e da liberdade, “– Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira” (REIS, 1859, p. 172-173).

No decorrer do romance, o velho escravo fica incumbido de vigiar Túlio, que havia sido capturado pelo Comendador Fernando P. Durante sua conversa com o cativo, Antero conta para o jovem Túlio sobre o terrível destino que a mãe do jovem sofreu nas mãos do patrão, o Comendador Fernando P. O velho negro busca refúgio de todo o sofrimento se embriagando, mas absorve seu sentimento de arrependimento com relação ao vício que o acomete: “– Maldito vício é este! E que não possa eu vencer semelhante desejo!” (REIS 1859, p. 170).

Em tom saudoso, Antero relembra de sua terra natal, local não determinado no romance, onde com o seu trabalho ele sempre conseguia comprar tabaco e cachaça sem precisar esmolar para ninguém. “[...] no meo tempo bebia muitas vezes, embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meo vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meo, não o esmolei” (REIS, 1859, p. 172).

Durante o cativeiro, o jovem Túlio oferece a Antero dinheiro para este saciar seu vício. O velho negro agradece o jovem como se aquele ato fosse digno do mais profundo sentimento de gratidão. Contudo, o jovem escravo escapa após o idoso embriagar-se com bebidas compradas com o dinheiro concedido pelo jovem prisioneiro.

O personagem não sofre as consequências do castigo físico e tem sua vida poupada devido à estratégia elaborada por Túlio, que após se livrar das correntes que o prendiam, acorrentou o velho escravo para que este não sofresse a ira de seu senhor. Antero, para sobreviver ao cativo, alia-se ao Senhor proprietário como estratégia de permanecer vivo. A escravidão degrada o escravo. Esse personagem é importante ao representar essa maneira de sobreviver humilhante que o sistema obrigava o escravo a trilhar.

Assim, vemos que *Úrsula* (1859) é um romance que demonstra a força e a resistência dos personagens negros, pois Maria Firmina traz as ideologias antiescravistas enraizadas em seus figurantes, em toda a trama. São vozes de seres humanos escravizados que resistem ao cativo. Os enredos de Maria Firmina são contrários a certas obras românticas da época, em que se idealizaram as relações sociais. Conforme Fanini (2013), “Muitos romances, sobretudo os indianistas, idealizam as relações entre o colonizador e o autóctone, construindo uma genealogia brasileira sem conflitos” (FANINI, 2013, p. 25). Na relação europeu e escravos, a literatura, no entanto, demonstra esses conflitos como é o caso de Maria Firmina. Coube à autora ser a precursora dessa literatura de denúncia.

Maria Firmina deixou um importante legado para a literatura brasileira, mas não foi celebrada em vida. Não constou de nossas antologias da literatura brasileira em decorrência do universo patriarcal que não dava crédito a autoras. A brilhante escritora faleceu em 11 de outubro de 1917, aos noventa e dois anos, cega e pobre, no município de Guimarães, no Maranhão. Seus escritos, infelizmente, foram perdidos, e, por isso, não existem arquivos de todos os fatos de sua vida: se chegou a se casar e teve herdeiros; onde viveu; morou; seu círculo de amizades. Entretanto, a obra que nos legou é em si importante documento literário histórico.

3 O MOVIMENTO NEGRO E A DEMOCRACIA RACIAL EM LITERATURAS AFRODESCENDENTES

Reconhecemos que a resistência dos afrodescendentes se dá desde os primórdios escravocratas, quando se utilizavam dos quilombos como refúgio e local para ações emancipatórias, com o intuito de libertar aqueles que ainda estavam escravizados. Esta ideia vai ao encontro de Lopes (2014):

Ao longo dos primeiros séculos de colonização, uma forma nítida de resistência e resiliência coletiva eram os quilombos que se espalhavam ao longo do território nacional, onde negros fugidos se uniam e lutavam distinta ou indistintamente, pois poderiam articular-se a outros movimentos, pela libertação de outros negros na intentada contra a máquina opressora imposta pelos brancos. (LOPES, 2014, p. 9)

Sendo assim, sabemos que a luta dos africanos e afrodescendentes foi muito além do desejo de liberdade, era um clamor pelo reconhecimento como ser humano, valorização, direitos dentro da sociedade, e, principalmente, o direito de obter conhecimento e instrução educativa. As lutas pela liberdade sempre houve. A ideia de passividade à escravidão não se sustenta, pois inúmeros documentos históricos e culturais revelam a resistência cotidiana no âmbito pessoal e coletivo dos escravos.

As instituições de ensino no Brasil do século XIX eram frequentadas por crianças pobres brancas, mestiças e negras, desde que fossem libertas. Os escravos não tinham acesso à aprendizagem da escrita e leitura, que na visão dos senhores não tinham utilidades, pois o propósito era apenas compreender o trabalho de seu dia a dia e obedecer às ordens pré-determinadas. No romance *Úrsula* (1859), destacamos uma passagem reproduzida pela personagem Preta Suzana: “O commendador Fernando P. derramava sem se horrorisar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligencia, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de intelligencia”. (REIS, 1859, p. 94)

Dessa maneira, percebemos que os escravos eram tratados, na maioria das vezes, como mercadoria¹⁶ ou objetos descartáveis, que não precisavam de orientações escolares ou conhecimento, e somente o fato de compreenderem as regras do senhorio contava como formação educacional. Conforme os dispositivos jurídicos imperiais, a Lei nº 01, de 14 de janeiro de 1837, revela a proibição de escravos frequentarem instituições escolares e cursos noturnos. “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: Todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (FONSECA, 2002, p. 12). Essa lei aplicava-se aos adultos, já que as crianças livres ou escravas libertas podiam ter acesso ao ensino básico oferecido aos desfavorecidos.

¹⁶ Em anexos encontram-se fragmentos de jornais e periódicos da época anunciando os negros como mercadoria.

Quando, enfim, os afrodescendentes e as classes de extrema pobreza conseguiram o acesso às instituições, foram desprezados e tratados como inferiores, e, segundo Veiga (2008):

[...] foi possível detectar claramente que a clientela escolar denominada como desfavorecida pertencia à classe pobre de diferentes origens étnicas – brancos, negros e mestiços. Destaca-se que, em geral, houve certa homogeneização no tratamento desse grupo – pobres, negros e mestiços – como inferior, a partir de sua representação como grupo não civilizado. (VEIGA, 2008, p. 506)

Ao mesmo tempo em que esses grupos desfavorecidos e excluídos começavam a fazer parte do meio social, ainda eram malvistas, sendo considerados como menos capacitados e ignorantes.

Embora marginalizados, os afrodescendentes sempre resistiram e lutaram por direitos. Levantes, quilombos, vinganças, fugas, negociações cotidianas fizeram parte desses movimentos de resistência. Os negros e as negras trazidos para o Brasil sabiam agir em prol de sua sobrevivência e resistiam dentro dos limites impostos pelo cativo. Maria Firmina narra esses fatos no romance *Úrsula* (1859).

No século XX temos o resgate em definitivo da obra escrita por Maria Firmina, feito este realizado pelo pesquisador Horácio de Almeida¹⁷, e, curiosamente na década de 60, época complexa, em que as ideologias de esquerda estavam se fortalecendo no país. O regime militar se firmou no Brasil para coibir as vozes e ações da esquerda, torturando, exilando e matando os oponentes. A obra de Maria Firmina, nesse contexto, sinaliza para a resistência política dos desfavorecidos. São vozes que foram abafadas, mas que emergem via literatura de estrato afro-brasileiro.

Maria Firmina, naquele momento de ditadura, despontava com sua obra, cem anos depois, tratando da opressão sobre os pobres e desvalidos. Como afirma Moraes (2005), “A partir de meados dos anos 60, o Brasil e vários países da América Latina foram dominados por ditaduras militares que se notabilizaram pelo

¹⁷ Fundou o jornal “*O Luzeiro*” (1927), enquanto ainda era estudante. Formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito (RE) no ano de 1930. Advogou de 1931 a 1946 e nesse período tornou-se membro do Conselho Administrativo do Estado. Escreveu uma obra ampla sobre a história de Recife, tendo como exemplo: *Brejo de Areia* (1958) e *História da Paraíba* (1966 e 1978). Membro fundador da Academia Paraibana de Letras, pertenceu à Academia Carioca de Letras do Brasil (da qual foi presidente), da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil, do Sindicato dos Escritores do RJ, do IHG/PB e do IHG/SP.

emprego da tortura e da violência contra os movimentos de contestação” (MORAES, 2005, p. 509). Ou seja, a ditadura instaurou uma época sombria para todos aqueles que não se enquadravam no perfil imposto pela sociedade. Porém, a obra *Úrsula*, nesse contexto, serve de refrigério no quadro de terror instalado pelos militares.

Ainda na década de 1960, há outra figura negra, Carolina Maria de Jesus, também escritora, mas não menos importante que Maria Firmina dos Reis. Nascida em 14 de março de 1914, Carolina Maria de Jesus, negra e favelada, trouxe em suas histórias as vivências de sua realidade. Sua principal obra é *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada no ano de 1960.

[...] **Carolina**, que mostrava seus escritos aos profissionais da assistência social e religiosos que iam prestar assistência aos “favelados”. Em 1958, mostrou a um jovem repórter, Audálio Dantas, da Folha da Noite, designado para fazer matéria sobre a favela do Canindé, os seus escritos em cadernos que reaproveitava. Impressionado com o que leu, Audálio compilou algumas páginas e intitulou “**Quarto de Despejo: diário de uma favelada**”. (ALVES, 2014, s/p, grifo no original)

A escritora também é autora de outras obras, entre essas, encontramos *Casa de alvenaria*, publicada em 1961, enredo que destaca as divergências sociais que as classes não favorecidas enfrentavam. Curiosamente, essa escritora também é descoberta em pleno regime ditatorial e serve, também, de protesto contra a ditadura, porém, seus manuscritos, bem como os de Maria Firmina, foram desprezados. Todavia, ambas são representações de épocas diferentes, mas que focalizam o mesmo problema: o menosprezo pelas classes desfavorecidas. Carolina de Jesus conheceu a fama, mas também como Maria Firmina, faleceu pobre e desprezada. Poucas são as antologias e livros didáticos que informam seu nome no rol das obras literárias. Mulheres escritoras que raramente constam de grades curriculares dos cursos de Letras. Carolina difere de Maria Firmina também pela classe social, uma vez que foi favelada, não tendo o amparo da família como Maria Firmina. Entretanto, ambas escrevem com o intuito de contar a saga dos desfavorecidos.

Assolado por um período de mais de vinte anos (1964-1985) de submissão ditatorial, podemos relatar que vários movimentos negros surgiram das minorias oprimidas socialmente ao longo da história do cativo no Brasil e após a abolição.

O MNU¹⁸ foi resposta às causas não justificadas de agressões contra os negros que há muito não deveriam sofrer discriminações numa sociedade que já abolira a escravidão. De acordo com Brasil (2016), a fomentação inicial do movimento se deu após episódios ocorridos em 1978.

Era 18 de junho de 1978 quando Robson Silveira da Luz, um feirante negro de 27 anos, foi acusado de roubar frutas em seu local de trabalho. Levado para o 44º departamento de polícia de Guaianazes, zona leste de São Paulo, foi torturado e morto por policiais militares sob a chefia do delegado Alberto Abdalla. Semanas depois, um grupo de 4 jovens foi impedido de jogar vôlei no hoje extinto Clube de Regatas Tietê. Fazia 90 anos da abolição da escravatura. (BRASIL, 2016, s/p)

Portanto, como resposta às atitudes inaceitáveis contra os negros, no dia 7 de julho de 1978, data em que atualmente se comemora a luta contra o racismo, iniciaram-se as passeatas que lutavam pelos direitos dos negros na sociedade.

O Movimento Negro politiza a ideia de raça e a interpreta como estrutural e estruturante na perspectiva de se compreender a complexidade do quadro de discriminação e desigualdade no Brasil, ou ainda, a interpreta afirmativamente como construção social, rompendo com ideias distorcidas, negativas e naturalizadas sobre raça. Desse modo, coloca em xeque o mito da democracia racial, quebrando formas de resistências das forças conservadoras representadas pelo capital e por grupos privilegiados. (SILVA, 2018, p. 350)

Dessa forma, sendo um movimento de cunho político e que procura garantir os direitos das minorias desprezadas, tem apoiadores que lutam por uma causa maior do que apenas espaço na sociedade. O reconhecimento, a liberdade de expressão e a extinção do racismo são apenas alguns dos princípios básicos do movimento. Ele não conseguiu atingir a população afrodescendente de modo substantivo, pois muitos são os fatores impeditivos. Talvez os afrodescendentes não tenham aderido ao movimento prontamente, por causa da falta de acesso a informações e defasagem na educação formal. Podemos destacar o fato de que viveram oprimidos política e socialmente durante décadas e, por isso, ainda tinham receio em se juntar à causa recém-organizada.

Mas no final dos anos 1980, as vozes conscientizadoras conseguiram de modo mais abrangente atingir um público maior e, por esse caminho, começaram a conquistar um lugar de luta e reivindicação definitivo para a causa negra.

¹⁸ Movimento Negro Unificado.

Em fins dos anos oitenta, apesar da falta de uma base popular forte, os ativistas negros conseguiram provocar um vigoroso debate nacional sobre a desigualdade racial e o papel da população negra na vida brasileira. O debate centrou-se no conceito de democracia racial, uma ideologia semioficial originalmente destinada a descrever e explicar a sociedade e a cultura brasileiras, mas que, como seu título sugere, provou ser aplicável também às questões de democracia política. (ANDREWS, 2015, p. 14-15)

O conceito da democracia racial, elencado primeiramente pelo antropólogo Gilberto Freyre¹⁹ no ano de 1933, trouxe consigo a ressignificação de uma sociedade ideal, pois sendo uma política que extingue o racismo, passou a fazer parte do cotidiano brasileiro, alegando que nesta nação não existe preconceito e discriminação dos negros.

A ideologia de democracia racial reivindica que o Brasil é inteiramente livre de impedimentos legais e institucionais à igualdade racial e, em grande medida [...], livre também de preconceito e discriminação racial informal. A Nação alega oferecer a seus cidadãos, negros, mestiços ou brancos, praticamente a mesma igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública: educação, política, emprego, habitação. (ANDREWS, 2015, p. 15)

Assim, Andrews (2015) enfatiza que Freyre romantiza a relação entre brancos e negros. Escreve sobre democracia racial, apostando que em nossa sociedade havia um racismo ameno e que não havia conflitos substantivos entre brancos e negros. Porém, para Freyre, o escravo africano muito contribuiu para a cultura e economia brasileira. O sociólogo também enaltece a cultura do africano e escreve na década de trinta, quando imperava o arianismo, e muitos consideravam o afrodescendente como elemento que degenerava a raça branca. Nesse sentido, sua obra é inovadora, pois via o africano como formador da cultura brasileira. Todavia, sua perspectiva de democracia racial deve ser vista com reservas, haja vista que a escravidão foi cruel e nefasta. Ao refletirmos sobre esse tema, concluímos que estamos longe de ser um país de oportunidades e livre de ideologias racistas. Não basta que todos tenham acesso às ditas oportunidades, mas, sim, quais serão os meios de acesso para que os objetivos sejam atingidos. Freyre tem o mérito de destacar a contribuição negra para a cultura e economia brasileiras. Em *Úrsula* (1859), a questão da liberdade negra é tratada como uma necessidade. A alforria comprada, na realidade, apenas corrige algo que tiraram ao homem escravizado. O

¹⁹ Sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Autor de "*Casa Grande & Senzala*", que é considerada uma das obras mais representativas sobre a formação da sociedade brasileira. Recebeu o Prêmio Internacional La Madonnina, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, a Grã-cruz de Santiago de Compostela, entre outros.

personagem Túlio a ganha pelas mãos de Tancredo, que representa o homem branco abolicionista presente na realidade da época. Desse modo, os movimentos de lutas dos negros do século XX são importantes, mas é bom lembrar que a reivindicação por liberdade lhes é bem anterior. O romance de Maria Firmina o atesta:

[...] o cavalleiro fallava de sua proxima partida. Túlio acompanhava-o. Tinha-se *alforriado*. O generoso mancebo assim que entrou em cavalescença dera-lhe dinheiro correspondente ao seu *valor como genero*, dizendo-lhe:

- Recebe, meo amigo, este pequeno presente que te paço, e compra com elle a tua liberdade.

Túlio obteve pois por dinheiro aquillo que Deus lhe dera [...] era livre como o ar, como haviam sido seos paes [...]. (REIS, grifo da autora, 1859, p. 30-31)

A conquistada da liberdade por intermédio da alforria ainda não garantia os mesmos direitos sociais ao alforriado, o que prova que a democracia racial era uma ideologia distanciada dos ideais da época oitocentista. Entretanto, prova que a visão abolicionista se instaurava na prática, gerando os alforriados. Isso comprova que a resistência por liberdade está presente no século XIX, muito antes da abolição definitiva da escravidão.

No romance *Úrsula* (1859), existem dois tipos de tratamentos direcionados aos escravos: a boa convivência e a brutalidade. Os trechos do livro deixam claro que o bom ou mau tratamento dado ao escravo dependia inteiramente do senhorio ou casa à qual pertenciam. Desse modo, o escravo ficava à mercê do bom proprietário. Assim, a democracia racial não é uma constante e não pode ser generalizada.

- Como te chamas, generoso amigo? Qual é a tua condicção?

- Eu, meo senhor - [...] – chamo-me Túlio [...] – A minha condicção é a de misero escravo! Meu senhor [...] não me chameis de amigo. [...]

- Calla-te, oh! Pelo céo, calla-te, meo pobre Túlio [...] dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos [...] eu avalio a grandesa de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo a tua amargura, amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante [...]. (REIS, 1859, p. 18)

Dessa maneira, para que a democracia racial tivesse reconhecimento institucional, precisaria ser implantada de maneira eficaz e generalizada. E, como relembra Andrews (2015), ao citar Gilberto Freyre, este acreditava que a nova geração deixou de lado o racismo europeu, criando uma sociedade inovadora, em que os indivíduos conviviam em paz, sem exclusão do negro.

[...] Freyre decididamente reconheceu a violência e a brutalidade inerentes à escravidão. Mas sustentou que, apesar de sua feição negativa, a escravidão havia proporcionado um cenário em que europeus e africanos viveram juntos e próximos e no qual, ao longo do tempo, novas formas culturais e sociais foram criadas e profundamente influenciadas pela “herança africana” dos escravos. (ANDREWS, 2015, p. 19)

Por conseguinte, a escravidão teria contribuído de forma abrangente para a miscigenação, uma vez que os senhores do engenho mantinham relações com escravas, criando o grupo social classificado como mulatos, e, como ressalva Andrews (2015), sob a perspectiva de Freyre, os mulatos eram a democracia racial propriamente dita:

[...] no século XIX os mulatos desfrutaram de evidentes oportunidades de ascensão social nas ocupações especializadas e profissões liberais, e que alguns chegaram a se tornar figuras de proeminência nacional na política e nas artes. A existência deste grupo racialmente mestiço, e a habilidade de seus membros em chegar aos mais altos níveis da sociedade brasileira, constituem prova irrefutável, segundo Freyre, de ausência de preconceito e hostilidade racial, bem como da “democracia racial” no Brasil. (ANDREWS, 2015, p. 19)

Ainda assim, a democracia racial de Freyre aposta na figura do mulato, racialmente mestiço, percebendo que este tem espaço na sociedade, visto que corre em suas veias o sangue europeu e carrega consigo a tranquilidade de ter a pele mais clara. Isso será de suma importância para seu destaque e sucesso pessoal perante a sociedade. Temos, então, a política do racismo mascarado através da aceitação de uma raça como superior, por ter, em algum momento, o parentesco com o europeu e sua aproximação da raça branca e distanciamento de suas raízes africanas. Por isso, o movimento negro tem se unido cada vez mais para desmistificar a democracia racial. Embora o mulato possa sinalizar para a miscigenação racial, comprovando que houve cruzamento entre o senhor e o escravo, sabe-se o quanto ele é discriminado na sociedade. O passado de afrodescendente o diminui perante uma sociedade racista. O romance “*O mulato*”, de Aluísio Azevedo, autor já aludido, narra a tragédia de vida do personagem

Raimundo, protagonista. Por ser mulato, embora formado advogado, é rejeitado pela sociedade. O romance é de final de oitocentos, esclarecendo a ausência de democracia racial. A literatura, mais uma vez, destaca os preconceitos sociais e os critica.

3.1 O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

A partir de 2003, com a promulgação da lei 10.639/03, se instituiu a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana nas instituições de todos os níveis. “É importante lembrar que a Lei n. 10.639/03 é o resultado de uma antigüíssima reivindicação do movimento negro brasileiro. Ao contrário do silêncio sobre as contradições do racismo brasileiro, ela estabelece a obrigatoriedade do estudo [...]” (QUEIROZ, 2018, p. 29). Dessa maneira, prevemos o cumprimento da lei no âmbito escolar, contudo, a sua efetivação não é suficiente para destituir o racismo institucional ainda presente na sociedade.

No âmbito da educação, a questão racial não é contemplada. Se examinarmos planos de cursos e ementários de disciplinas, encontramos o silêncio racial, isto é, o tema das relações étnico-raciais não faz parte das inquietações das instituições. Assim sendo, o racismo é plantado nas mentes e nos corações a partir das estruturas dos próprios cursos. (QUEIROZ, 2018, p. 29)

Com a extinção da escravatura, os negros tiveram que recomeçar diante de uma sociedade preconceituosa, que não daria chances ao povo recém-liberto. “A situação desfavorável em que o povo negro se via, de vigilância e suspeição permanentes e das restrições ao acesso à terra deram origem a uma população sofredora de rua ou confinadas nos morros, de onde se originaram as favelas.” (QUEIROZ, 2018, p. 29).

Portanto, o desempenho da lei 10.639/03 procura a consolidação de um ensino que exalte devidamente a contribuição da cultura afro-brasileira, bem como promova o desenraizamento do racismo cultural e institucional. Nesse sentido, a importância de reconhecer o papel que as políticas públicas executam é um caminho para quebrar as barreiras construídas pela sociedade. “O conceito de políticas públicas de promoção da igualdade racial deve ser visto de forma muito mais ampla, englobando medidas que buscam combater a discriminação de todas as formas” (NASCIMENTO, 2018, p. 31). Após a promulgação da lei no ano de 2003, teve continuidade em 2004, nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicas Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*.

Quando refletimos acerca do combate às desigualdades na sociedade brasileira, a educação sempre teve seu lugar garantido como um dos pilares mais importantes. Dessa forma, constituiu-se como grande avanço rumo às mudanças almejadas pelo Movimento Negro no Brasil, movimentos sociais e população comprometida com a luta antirracista, em busca de uma educação livre de preconceitos e discriminação racial, e que democratize o ensino ao considerar a diversidade étnico-racial na construção da cultura e história de nosso país. Por meio destes dispositivos, é possível valorizar a história e cultura africana e afro-brasileira, visando a reflexão acerca da pluralidade étnico-racial do nosso país, transformando a sala de aula em um espaço essencial de enfrentamento e esclarecimento da problemática da questão racial. (NASCIMENTO, 2018, p. 41)

Sendo assim, percebemos a necessidade de uma política de igualdade social, pois de acordo com o IBGE do ano de 2014, mais de 50% da população brasileira é autodeclarada como negra ou parda. “Embora o país seja, então, considerado de maioria da raça negra (pretos e pardos), o preconceito e racismo em relação à cor e à cultura negra ainda são visíveis no cotidiano em todas as áreas” (NASCIMENTO, 2018, p. 42). E, mesmo a educação sendo um meio pelo qual poderemos atingir a igualdade, o acesso a ela, não é igualitário.

Indicadores educacionais apontam a desigualdade de raça e gênero na educação brasileira e como elas ainda persistem, apesar de alguns avanços. De acordo com a análise feita e divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), sobre o resultado do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 2014, embora os dados apontem avanços no processo de mudança social e redução da desigualdade de renda no Brasil nos anos entre 2004-2014 e que as desigualdades regionais, sociais e raciais tenham diminuído, a disparidade persiste. Especificamente em relação à população negra, no campo da educação, mesmo que as diferenças nas taxas de analfabetismo tenham sido reduzidas entre brancos e negros, ainda há desequilíbrio: enquanto a média nacional é de 10 anos de estudo para a população entre 18 e 29 anos, a média dos homens negros é de 9 anos. (NASCIMENTO, 2018, p. 42-43)

Desse modo, essa questão nos apresenta a realidade social através dos dados, mostrando que apesar de anos terem se passado, desde a abolição da escravidão, o negro ainda é discriminado em vários contextos.

No ano de 2008, cinco anos após a efetivação da Lei 10.639/03, deferiu-se a necessidade de criar uma lei que não só valorizava a cultura afro-brasileira e africana, como também dar ênfase em outro povo que fez parte da construção cultural da nação brasileira: os indígenas. Para tanto, a Lei nº 11.645 do dia 10 de março de 2008, contempla:

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008, s/p)

Após a implantação das referidas leis, os estudos sobre a cultura afro-brasileira e africana obtiveram um crescimento acentuado, trazendo o conhecimento de seus costumes para grande parte da população brasileira, e, assim, a contribuição cultural legada pelos negros começa a ser considerada como enriquecedora. Portanto, africanos e afro-brasileiros, personagens da construção da nação, e muitas vezes destinados ao flagelo do racismo e da discriminação social, passam a ser reconhecidos como protagonistas do desenvolvimento do país de modo econômico, social e cultural. Destacamos que os estudos sobre Maria Firmina dos Reis e de sua produção jornalística e literária tem se beneficiado dessa nova perspectiva legal e cultural, pois vamos perceber, nesse estudo, que as pesquisas em torno da escritora se avolumam após esse período mencionado.

4 ANÁLISE DE TRABALHOS SOBRE O ROMANCE *ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS*

A coletânea de artigos, teses, resenhas e obras, organizados de modo cronológico crescente, servirá como base para reconhecermos o verdadeiro trabalho da primeira escritora brasileira, negra e antiescravista. Totalizaram-se 27 trabalhos para embasar esta pesquisa, sendo o tópico 4.6 o livro de Juliano Nascimento, resenhado por Régia Agostinho da Silva, ou seja, duas produções dentro de uma análise. Importante ressaltar que esta dissertação objetiva demonstrar o contexto de leitura da obra de Maria Firmina, esclarecendo assim que a obra vem ganhando visibilidade nacional. Obviamente que não trazemos todos os escritos e pronunciamentos sobre a obra, em virtude do tempo da pesquisa ser escasso para tal empreendimento. Porém, com o *corpus* que levantamos, já é possível perceber que a obra de Maria Firmina e sua importância é um fato concreto. Isso se deve,

com certeza, a um movimento cultural nacional que visa resgatar cada vez mais a cultura e a luta negra no Brasil. Maria Firmina, ao ser abolicionista, faz parte desse contexto de resistência. As pesquisas em torno de sua obra atestam a sua importância no cenário literário, cultural e histórico brasileiro. A partir de agora, passaremos a apresentar trabalhos em torno da obra e da escritora, levantando uma parcela da fortuna crítica.

Na tabela a seguir, destacamos os trabalhos a que tivemos acesso, com o intuito de fundamentar nossa pesquisa.

AS MENÇÕES SOBRE MARIA FIRMINA DOS REIS

Artigos	Livros	Teses/dissertações	Resenhas	Artigos em periódicos
15	3	6	1	2

Tabela 1. Separação das produções referentes à Maria Firmina dos Reis.

4.1 MARIA FIRMINA: FRAGMENTOS DE UMA VIDA

O livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, escrito por José Nascimento Morais Filho²⁰, publicado em 1975, foi uma pesquisa que buscou recuperar as obras de literatura escritas por Maria Firmina durante o século XIX, em que o Brasil ainda adotava a escravidão, como um direito do homem branco de subjugar as etnias consideradas inferiores. Morais Filho informa que descobriu tal obra por acaso em jornais do século XIX publicados no Maranhão. “Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na Biblioteca ‘Benedito Leite’, textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra ‘Esperando a missa do Galo’ [...]” (1975, p. 21). Ao se deparar com a grandiosidade da obra, se questionava como esta pudera ser esquecida durante tanto tempo.

Morais Filho coloca Maria Firmina entre os cinco romancistas brasileiros do século XIX. Conforme tabela reproduzida abaixo, que teve como fonte o livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, quatro autores são homens:

²⁰ Professor, poeta e folclorista maranhense. Autor da obra *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*.

5º Maria Firmina dos Reis	obra <i>Úrsula</i> (1859)	maranhense
4º José de Alencar	obra <i>O Guarani</i> (1857)	cearense
3º João Clímaco Lobato	obra <i>O Diabo</i> (1856)	maranhense
2º Joaquim Manuel de Macedo	obra <i>A Moreninha</i> (1844)	fluminense
1º Teixeira e Sousa	obra <i>A providência</i> (1854)	fluminense

Tabela 2. Maria Firmina: fragmentos de uma vida. Morais Filho, 1975.

Talvez, o esquecimento da produção literária de Maria Firmina tenha ocorrido, pois não oferecia o conteúdo que as elites gostavam de ler, já que seus romances e suas poesias tinham encravados nas entrelinhas a negação da superioridade da raça branca sobre os negros. Maria Firmina cumpriu como pôde, dentro de suas limitações naturais e das impostas pelo meio, a sua “junção social”, mas o bastante para marcar sua presença e se tornar uma figura de importância na vida maranhense como escritora e como mestra (MORAIS FILHO, 1975, p. 26, ênfase no original).

A obra *Úrsula*, do século XIX, traduz as lutas e os desejos íntimos de uma mulher escritora, que esboçava um olhar para além do seu tempo, dando espaço para seus personagens cativos terem voz e, com isso, procurava repassar seus ideais antiescravistas.

Morais Filho discorre que a publicação da obra *Úrsula*, em 1859, fora anunciada em um jornal da época, relatando que o romance estava à disposição para ser adquirido em forma de compra, convidando leitores para apreciar a obra.

O aparecimento do romance *ÚRSULA* na literatura pátria foi um acontecimento festejado por todo o jornalismo, e pelos nossos homens de letras, não como por indulgência, mas como homenagem rendida a uma obra de mérito [...] As suas descrições são tão naturais e poéticas, que arrebatam; o enredo tão intrincado que prende a atenção e os sentidos do leitor; o diálogo é animado e fácil; os caracteres estão bem desenhados [...]. (MORAIS FILHO, 1975, p.35)

Maria Firmina: fragmentos de uma vida (1975), como seu próprio nome já diz, é uma obra fragmentada, trazendo escritos de Firmina e referências a seus textos. Desse modo, Morais Filho (1975) anexa ao seu livro um fragmento, transcrito de um jornal da época que anuncia, na data de 30 de setembro de 1861, a obra *Úrsula* (1859):

Existe em nosso poder, com destino a ser publicado no nosso jornal um belíssimo e interessante Romance, primoroso trabalho da nossa distinta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora publica da Vila de Guimarães; cuja publicidade tencionamos dar princípio do nº25 em diante. (MORAIS FILHO, 1975, p. 37)

Ao longo da obra, Moraes Filho (1975) destaca poesias escritas por Maria Firmina e publicadas em jornais, tais como o poema “*SALVE! A digna Sociedade Artística Beneficente da vila de Guimarães*” (1900), que faz referência à cidade e “*O domingo*” (1900), que traz a esperança dos negros em obter a liberdade e suas lutas.

Dessa maneira, *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (1975) é uma obra que se dedicou a dar luz à trajetória dessa escritora, que por mais de um século passou quase despercebida. No anexo 11, destacamos um poema escrito por Maria Firmina no ano de 1900, publicado no jornal *Pacotilha*, periódico maranhense. Na época, a escritora gozou de certo prestígio, sendo lida e tendo seu romance ao alcance do público local. No entanto, com o passar dos anos, caiu no ostracismo, não comparecendo no rol dos escritores da Literatura Brasileira. Como referimos, somente no século XX será resgatada e lida novamente.

Apesar de Moraes Filho ser o primeiro pesquisador da vida e obra de Maria Firmina, constatamos anteriormente que a escritora fora descoberta, primeiramente, por Horácio de Almeida, no ano de 1962, quando este vasculhava um sebo do Rio de Janeiro, no intuito de encontrar autores maranhenses. No século XX, Almeida foi o primeiro leitor de que se tem notícia da obra de Firmina. Ele a descobriu ou redescobriu. Já Moraes pode ser considerado seu primeiro crítico, pois reuniu vários fragmentos de sua vida e obra em um único documento. Moraes dá o primeiro passo para a constituição da fortuna crítica em torno de Firmina.

Atualmente, podemos encontrar o livro original de Firmina, descoberto por Almeida, na rede de computadores, digitalizado. Como já informamos, temos trabalhado com essa obra disponível na rede. Já o livro de Moraes Filho é raro, e também tivemos acesso a ele via rede. O livro de Moraes Filho (1975) destaca a trajetória desta escritora não devidamente reconhecida na sociedade da época e ainda pouco conhecida pela sociedade contemporânea brasileira. O autor enfatiza pontos relevantes da vida de Maria Firmina, por intermédio das palavras da própria

autora registradas em um diário pessoal. A literatura firminiana, segundo ele, é composta por temas como: amor, liberdade, sociedade, religião, natureza, terras distantes, vida, morte, solidão e escravidão africana o que a faz ser a primeira a escrever sobre a questão negra e a se colocar, via literatura, contra o cativo, recriando-o por intermédio de sua obra em que seres humanos escravizados lutam por liberdade. São dotados de fala, agência e resistência.

4.2 A DIÁSPORA AFRO-BRASILEIRA EM ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O artigo, escrito por Zélia M. Bora²¹ e publicado na revista *Del Cesla*, em 2004, tem como objetivo:

[...] iniciar uma reflexão sobre as possíveis definições estéticas representadas na narrativa sobre a nação e identidade, especialmente, levando-se em consideração a relação simbólica de pertinência e não pertinência do sujeito afro-brasileiro no espaço nacional e, assim, contribuir para o resgate de tão importante obra da literatura brasileira. (BORA, 2004, p. 76)

Portanto, o enfoque principal de Bora (2004) é destacar a literatura de Maria Firmina e seus personagens afrodescendentes constituintes de seus romances e poesias. Contudo, devemos lembrar que o papel de destaque na literatura brasileira do século XIX foi marcado por personalidades masculinas. Bora (2004) ressalva que a literatura tinha predominância masculina, pois a sociedade era dividida em grupos e espaços hegemônicos. Dessa maneira, as mulheres não eram reconhecidas como contribuintes para o desenvolvimento cultural e literário, uma vez que as instruções educacionais destinadas ao sexo feminino eram restritas, principalmente, para as afrodescendentes e pobres.

Maria Firmina, por outro lado, traz em suas obras o símbolo da resistência, luta e crítica, utilizando seus personagens para afrontar a época escravista na qual vivia: [...] delineou o seu projeto ficcional de nação, a partir desses condicionamentos históricos [...] (BORA, 2004, p. 78), ou seja, usou das situações

²¹ Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1982), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1985) e Doutorado em Portuguese and Brazilian Studies - Brown University (1998). Pós-Doutorado na Universidade da Califórnia Berkeley (2006-2007), Bolsista da AAUW Foundation (2007-2008). Professora Visitante Fulbright na Universidade da Califórnia, Berkeley, 2012. Temas de pesquisa: identidade, cultura, memória e ecofeminismo.

socais da época para dar sustento às suas ideologias, destacando o afro-brasileiro como um nobre em suas histórias.

Como analisa Bora (2004), *Úrsula* é um romance costurado em meio às causas sociais que afloravam no século XIX:

[...] todos os indivíduos africanos e afrodescendentes, no Brasil do século XIX, passaram a "construir" a sua versão própria de nação, através de suas experiências sociais e coletivas que juntas foram submetidas a uma dinâmica global, que "incluía" certos indivíduos como parte do discurso hegemônico, enquanto a grande maioria da população afro-brasileira permaneceu ausente do processo de modernização, garantindo, dessa forma, a manutenção do *status quo* dos habilidosos grupos tradicionais. (BORA, 2004, p. 79-80)

O negro nas obras de Maria Firmina, e por isso, *Úrsula* é uma obra reconhecida como símbolo de resistência, tem voz e é plasmado como agente de luta. “[...] Ao contrário do que mostram muitos romances da época, escritos por seus companheiros, *Úrsula* é a história trágica de uma sociedade submetida às contingências arbitrárias da ordem patriarcal. [...]” (BORA, 2004, p. 80). Portanto, Maria Firmina demonstra que a sociedade elítica se desmanchava, já que os subjugados estavam se libertando das correntes opressoras, e a família tradicional da época não tinha condições de acompanhar tamanha revolução. Entretanto, discordamos que Firmina foi uma das únicas que se aventurou na temática abolicionista, pois como já salientamos, outros escritores do século XIX, posteriores a Maria Firmina, também representam personagens negras como elementos de resistência social. Pesquisamos as obras *Mãe*, de José de Alencar (protagonista Joana), *O Mulato* (Raimundo) e *O Cortiço* (Rita Baiana e Bertoleza), de Aluísio Azevedo, *Escrava Isaura* (Isaura) de Bernardo Guimarães e várias obras (muitas personagens) de Machado de Assis.

Como trabalho intelectual, o romance *Úrsula* situa-se como um espaço de reinvenção simbólica da identidade pessoal de sua escritora, e também na reinvenção de outros sujeitos, através dos quais simbolicamente, as suas condições de brasilidade serão construídas. (BORA, 2004, p. 81)

De acordo com Bora (2004), Firmina, ao escrever *Úrsula*, trata de temas recorrentes da época: a pouca visibilidade da mulher como participante ativa na sociedade, a tentativa de expressão através da escrita e as questões antiescravistas. E assim, mesmo que timidamente, Maria Firmina encoraja mulheres a escrever como forma de expressar sentimentos e ideias a respeito da época.

Embora a heroína da obra seja a personagem Úrsula, uma menina branca, a autora, como comenta Bora (2004) “[...] envolve uma curiosa dimensão entre raça, cultura e gênero, como parte das representações da condição da mulher brasileira no século XIX [...]” (BORA, 2004, p. 83). Dessa forma, a autora costura a sua ideologia contrária aos costumes da época, colocando-as em seu livro para representar as classes excluídas. Enfim, a trama finaliza ressaltando o poder da justiça divina, uma vez que a religiosidade catolicista era forte no século XIX, portanto, se os subjugados não foram vingados na vida terrena, seus opressores sofreriam os castigos divinos, conforme os seus pecados contra os oprimidos. Aqui, ao nosso ver, cumpre ressaltar que a personagem Preta Suzana, embora não seja a protagonista, é pasmada de forma complexa e, em sua fala e narrativa pessoal, temos a voz da denúncia social. A personagem se sobressai à heroína, uma vez que essa é passiva em relação aos acontecimentos. Aquela luta discursivamente contra os atos a ela infligidos, demonstrando consciência plena das injustiças.

Úrsula (1859) é uma leitura cheia de representatividade em prol das classes oprimidas. Todavia, a obra, vista como fato histórico e de representação de uma época de opressão, só veio a ser interpretada como escrita antiescravista após seu resgate em 1962. Maria Firmina foi uma escritora que quebrou os padrões sociais, expondo as suas ideias, mas a visibilidade da mulher, principalmente da afrodescendente, era quase nula. Por isso, o livro publicado no século XIX foi considerado um romance de deleite e não um marco revolucionário.

4.3 NA CONTRAMÃO: A NARRATIVA ABOLICIONISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O artigo desenvolvido por Cristina Ferreira Pinto-Bailey²², publicado no site LITERAFRO, no ano de 2007, analisa a escrita de algumas autoras latino/hispano-americanas, entre elas, Maria Firmina, que só teve seu reconhecimento por causa das pesquisas realizadas por estudiosos da literatura afro-brasileira.

[...] Esse processo de resgate crítico de Maria Firmina dos Reis iniciou-se com a obra do crítico maranhense José Nascimento Morais Filho, cujo livro *Maria Firmina-fragmentos de uma vida*, de 1975, foi responsável por tirar a escritora, sua conterrânea, do completo esquecimento [...]. (BAILEY, 2007, s/p)

²² Formada em Letras pela UnB. Mestre e Doutora em literaturas brasileira e hispano-americana na Universidade de Tulane, em New Orleans.

Esta obra foi preponderante para que os maravilhosos manuscritos da grande poetisa não ficassem no esquecimento, como havia permanecido por mais de cem anos. “Entretanto, o que sabemos sobre Maria Firmina dos Reis é ainda pouco mais do que fragmentos, muitos dos quais aparecem pela primeira vez relatados no valioso estudo de Nascimento de Moraes Filho” (BAILEY, 2007, s/p).

Úrsula (1859) é uma literatura que condena a exploração e subjugação do homem da África, pois afirma que nenhum ser humano é superior a outro somente pela cor de sua pele. Todavia, Bailey (2007) ressalta que por mais que a obra tenha a intenção de denunciar as torturas e a escravidão, não apresenta uma solução para que a situação escravocrata se resolva. “[...] Pode-se argumentar, porém, que a principal função social de uma obra literária não é a de resolver problemas, mas simplesmente a de denunciá-los ou expô-los [...]” (BAILEY, 2007, s/p). Portanto, Maria Firmina pode ter atingido seu objetivo não apresentando soluções para coibir diretamente a escravidão, mas denunciando o regime abusivo através da linguagem e expressão de seus personagens escravos em *Úrsula*. Porém, acreditamos que a literatura não é um tratado de economia em que se devesse apresentar as soluções para abolir a economia escravocrata baseada no trabalho compulsório, por exemplo. O fato de apresentar um enredo em que as injustiças contra os africanos sejam o tom da linguagem constitui o valor da obra.

No enredo da obra apresenta-se fortemente a questão religiosa, o cristianismo, no qual Maria Firmina se apega para desenvolver as virtudes que seus personagens exibem. Concomitantemente, Bailey (2007) identifica o apego religioso na escrita da autora peruana Matto de Tuner¹: “[...] O uso da ideologia cristã como código de comunicação com os leitores [...]” (BAILEY, 2007, s/p). Ou seja, através da religiosidade, as escritoras conseguiam atingir a massa social, uma vez que a leitura que mencionava o cristianismo seria, de fato, uma leitura de Deus. Pensamos, no entanto, que a religião não foi pensada racionalmente como um código de acesso aos leitores. A própria escritora acreditava na justiça divina, uma vez que vivia em uma sociedade em que o sagrado era uma resposta às vicissitudes e não podia escapar da ideologia dominante formadora.

Desse modo, Bailey (2007) revela os pontos comuns que Maria Firmina tem com as autoras latino/hispano-americanas: seu enredo fictício possui cunho político

e uma ideologia revolucionária, utilizando-se do sentimentalismo romântico para agradar os leitores da época. Em *Úrsula*, Maria Firmina desmistifica a imagem da mulher, em especial, das negras escravas que eram retratadas como sensuais e sexualmente desejáveis, conquistadoras, luxuriosas ou invejosas, apontando-as nos seus enredos como sentimentais, fiéis e bondosas.

Embora pudéssemos apontar certas limitações na composição dos seus personagens e nas soluções narrativas que encontra para o problema da escravidão no Brasil, constata-se, no entanto, que Maria Firmina dos Reis colocou-se na contramão do discurso dominante do nosso Romantismo, inaugurando ela, em meados do século dezenove, a narrativa afro-brasileira, ao fazer de sua ficção um veículo de intervenção política, estabelecendo um vínculo com a diáspora africana [...]. (BAILEY, 2007, s/p)

Maria Firmina trilhou um caminho na luta pela educação, visando proporcionar uma identidade social para a população menos favorecida: os brancos pobres, e, principalmente, negros livres ou em regime escravista, que sofriam com a discriminação social e o racismo. Assim, Maria Firmina produziu *Úrsula* (1859), um romance que antecedeu outras publicações que abordavam o regime escravocrata de forma mais contundente, e, como mencionado anteriormente, um enredo crítico aos costumes sociais da época. No entanto, pensamos que a autora não se utiliza do código romântico somente como estratégia racional de comunicação com o leitor. Sua escrita é fruto de seu tempo, e a visão de mundo sentimental romântica era hegemônica. Os autores estavam inseridos nessa dinâmica supraestrutural e dela faziam parte.

4.4 LITERATURA E HISTÓRIA NO ROMANCE FEMININO DO BRASIL NO SÉCULO XIX: ÚRSULA

O trabalho de graduação apresentado por Eleuza Diana Almeida Tavares²³, orientado pela professora Fani Miranda Tabak²⁴, na UESB²⁵, em 2007, busca expor as dificuldades referentes à inserção da mulher no mundo da literatura brasileira durante o século XIX, bem como, abordar o reconhecimento de Maria Firmina como escritora crítica. “[...] Maria Firmina empreende sua trajetória literária sob o reinado de D. Pedro II e incorpora a luta contra a escravidão, assistindo, anos mais tarde, à libertação dos negros e à proclamação da República” (TAVARES, 2007, p. 01).

²³ Graduação em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB-2004) e especialização em Teoria e História Literária (UESB-2007). Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação - (PPGED-UESB-2015).

²⁴ Professora doutora em Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

²⁵ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Em sua caminhada pela conquista dos direitos negados às mulheres como: instrução escolar, voz social e escrita literária, Maria Firmina excede os padrões impostos pela sociedade e rompe as estruturas patriarcais, pois no século XIX, quando as mulheres não eram vistas como seres capazes de produzir obras literárias ou qualquer arte cultural, a escritora publica o romance *Úrsula* (1859): “[...] a escrita de *Úrsula* constitui-se com um duplo movimento, que oscila entre a realização da obra, enquanto arte e ato político” (TAVARES, 2007, p. 2).

Úrsula vai além do romance, uma vez que a autora atribui aos seus personagens negros e escravos, Túlio, Suzana e Antero, toda a dignidade e ternura de um povo oprimido por um sistema de escravidão. Esta obra desafia a casta senhorial da época, já que a confere a esses personagens, transformando-os em heróis.

Dessa maneira, Maria Firmina apresenta histórias como as de Túlio e Suzana, e de acordo com Tavares (2007) “[...] histórias, construídas através de personagens cujo discurso reflete sobre a escravidão, com pontos de vista bem diferentes das ideias correntes de sua época.” (TAVARES, 2007, p.6). Esses personagens presenciavam em seu cotidiano o desprezo da sociedade, sendo vistos apenas como serviçais, sem cultura, sem capacidade intelectual, hostilizados e tidos como mercadorias. Assim, vê-se a personagem Preta Suzana como porta-voz da escravidão ao relembrar seu passado antes de ser escravizada. Conforme Tavares (2007), “[...] pela primeira vez em um romance brasileiro é dado o direito à voz para que uma negra conte ao leitor, através de sua memória, outra perspectiva da história da escravidão [...]” (TAVARES, 2007, p.7).

O romance de Firmina traz um enredo abolicionista, uma vez que figurantes encenavam discursos antiescravistas:

[...] dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio meo amigo, eu avalio a grandesa de dores sem linitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim – prosequio- tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspio sobre a pureza dos seus sentimentos! Sim, acerbo deve ser o seu soffrer, e elles que o não comprehendem!! (REIS, 1859, p.18)

Maria Firmina revela através do discurso de Tancredo, homem jovem e branco, de família abastada, o que anos mais tarde viria acontecer, conforme o decreto da abolição da escravidão oficializado pela Lei Áurea, de 13 de maio de

1888, assinada pela Princesa Isabel, responsável por colocar em liberdade os mais de 700 mil negros escravos no Brasil.

Dentro da obra, outras abordagens também são enfatizadas: classe social, romance, traição, ciúmes, tirania, lealdade, compaixão, política e, até mesmo, a influência religiosa. Maria Firmina idealiza seus personagens com uma finalidade particular [...] a escritora denuncia a escravidão, tema importante do enredo, a opressão sofrida pela mulher e incorpora reflexões de cunho social que estiveram presentes no discurso dos abolicionistas anos depois”. (TAVARES, 2007, p. 10)

No presente trabalho, Tavares (2007) analisa a coragem que Maria Firmina teve ao escrever e publicar o romance *Úrsula*, dando voz aos reprimidos, criticando de forma sutil e sucinta o sistema dominante que imperava naquele momento. Maria Firmina descreve as agruras sofridas por todos os negros escravizados, trazidos de terras distantes arrancados de suas origens e ceifados de suas famílias. Fatos que tornaram o romance *Úrsula* uma literatura que ultrapassa as barreiras do romantismo. Entretanto, acreditamos que a crítica à estética romântica deve ser minimizada, uma vez que a escritora se insere no padrão cultural de sua época. O Romantismo foi uma visão de mundo presente e constituía o meio cultural que permeava a linguagem. Escrever era se inserir nesse meio, consciente ou inconsciente. Os códigos culturais estão por dentro da linguagem e do discurso de cada época. Concordamos com a autora aqui trazida no sentido de destacar que as personagens negras são heroínas na obra, em virtude da ação que praticam no enredo ser de suma importância, e de suas falas serem bastante complexas, trazendo para dentro da obra vozes sociais importantes contra a escravatura. Essas personagens, em virtude do que expusemos, dão vida à obra, relegando as personagens brancas a um segundo plano. Elas apresentam mais agência que as personagens brancas.

4.5 A REPRESENTAÇÃO DO HERÓI MARGINAL NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA RELEITURA DOS ROMANCES ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS E PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A dissertação de mestrado, escrita por Paraguassu de Fátima Rocha²⁶, UNIANDRADE, 2008, faz uma análise da literatura produzida pelos escritores brancos Bernardo Guimarães, Aluísio de Azevedo, e escritores negros, sendo estes Luís Gama, Cruz e Sousa, Machado de Assis, Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis, dos séculos XIX, XX e XXI, que abordaram, sob perspectivas diferenciadas, a questão do escravagismo no Brasil. Contudo, o foco central deste estudo é a literatura afrodescendente e antiescravista de Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo.

De acordo com Rocha (2008), a literatura deveria ser fonte de desmistificação da visão dos afrodescendentes em obras, todavia, no caso dos autores Bernardo Guimarães e Aluísio de Azevedo, “[...] produz uma representação desvirtuada do afrodescendente, espelhando somente o lado negativo do negro escravo [...]” (ROCHA, 2008, p. 3). Dessa maneira, a desumanização e inferioridade com as quais os escravos eram tratados, acabam sendo retratadas de forma romantizada. Discordamos, pois tanto em Guimarães quanto em Azevedo, as personagens negras apresentam complexidade, afastando-se de soluções simplistas. Tomemos a personagem Bertoleza do romance *O Cortiço*. Escrava que é enganada por João Romão, seu amásio, e se revolta contra ele em inúmeras passagens em que sua fala é bastante incisiva, denunciando a situação da escravidão e menosprezo em que vive. Ao final da narrativa, suicida-se como ato de emancipação do cativo (o suicídio é um ato documentado no século XIX como estratégia de emancipação do cativo). Não é dócil ao escravismo. Já a personagem Rita Baiana é independente, alegre, trabalha para sobreviver e, com sua renda, dá festas coletivas no cortiço e não se deixa dominar pelos homens. Utiliza-se de sua sexualidade para o seu deleite e não para o prazer masculino. É extremamente ardilosa e independente.

Portanto, Rocha (2008) propôs dar uma nova visão do afrodescendente nas obras literárias, apoiando-se em escritoras antiescravistas: Maria Firmina, autora do

²⁶ Mestrado em Teoria da Literatura – UNIANDRADE.

romance *Úrsula* (1859) e Conceição Evaristo, escritora de *Ponciá Vicêncio* (2003). Duas escritoras de séculos diferentes, mas com uma ideia convergente: valorizar o heroísmo afrodescendente e a imagem do negro escravizado nos romances.

[...] O heroísmo está contido na essência das personagens, ou seja, na forma como elas são apresentadas nas narrativas traduzindo o seu verdadeiro caráter, seus valores morais e sociais, e a maneira como esses sujeitos se relacionam entre si, e não conceitos que evidenciam suas características físicas, tais como a cor da pele. (ROCHA, 2008, p.4)

Desse modo, Rocha (2008) pretende estudar personagens negros e heróis nas obras das autoras, abordando o processo de humanização do escravo dentro dos romances, enfatizando sua trajetória em busca do reconhecimento e da liberdade na sociedade. Reconhecer, por conseguinte, o negro como parte da formação cultural brasileira. Reis e Evaristo, na análise de Rocha, abordam em seus enredos que “[...] o herói afrodescendente mesmo nascendo sob estigma da marginalidade não deixa de ser herói, especialmente pelas manifestações de humanidade que se delineiam nos romances [...]” (ROCHA, 2008, p.17). Tais personagens demonstram coragem ao superar impedimentos impostos pela sociedade.

O romance *Úrsula* narra as experiências da escravidão, revela a história das raízes negras, a preservação da etnicidade e suas práticas culturais como forma de resistência ao colonialismo e demonstra uma preocupação com a construção de uma nova identidade ao negro que se afirma diante de seu opressor. [...] Já *Ponciá Vicêncio*, mesmo resgatando a memória de seus antepassados, situa-se nas histórias contemporâneas [...]. O romance de Conceição Evaristo traz à tona a realidade do cativo social da modernidade, em que o negro é exposto a toda forma da negação. (ROCHA, 2008, p. 22)

Maria Firmina, por ser mulher, negra e escritora, teve que assumir o pseudônimo *Uma Maranhense*, negando suas raízes para que suas publicações não fossem excluídas ou desclassificadas no meio literário, que era regido por uma sociedade patriarcal e excludente. Quanto à Conceição Evaristo, um século após Maria Firmina, afirma sua identidade afrodescendente e utiliza-se de problemas reais e sociais enfrentados por afrodescendentes na época contemporânea. “[...] a Literatura Afro-Brasileira esbarra na distinção de classes, na distribuição desigual de riquezas, nas questões políticas, na falta de consenso da crítica e no desconhecimento da sua produção, fatores esses que impedem seu reconhecimento [...]” (ROCHA, 2008, p. 26).

Por conseguinte, as literaturas produzidas por pessoas brancas foram de maior prestígio, deixando a escrita afrodescendente à mercê do esquecimento. Rocha (2008) confirma, graças a pesquisas realizadas na área de cultura e estudos afro-brasileiros em universidades públicas do Brasil, que se tem acesso ao conhecimento de figuras negras esquecidas e/ou excluídas por uma sociedade racista. Com isso, a produção afro-brasileira é baseada nas vivências, lutas, simbolismos, cultura, experiências e conquistas de um povo oprimido e massacrado, ou seja, retrata o cenário real, e, assim, “[...] os autores afrodescendentes buscam através de suas narrativas resgatar temas ligados a sua trajetória, marcados pelo sofrimento e pela sensação de isolamento num espaço que parece não lhes pertencer” (ROCHA, 2008, p. 27). A exemplo disso, Rocha (2008) aborda a literatura desenvolvida por Maria Firmina no romance *Úrsula* (1859), que enfatiza o tema da escravidão como um sistema violento e desumano. O desenvolvimento do roteiro de *Úrsula* (1859) tem uma visão voltada para a valorização dos negros, quando Maria Firmina não só dá vida a estes personagens, como também passa a transformá-los em seres com sentimentos de compaixão pelo próximo. “*Úrsula* desponta, assim, como uma primeira tentativa de reestruturar o quadro de descaso para com os descendentes africanos no cenário da ficção e também como ponto de referência no tocante à recepção da identidade enquanto sinônimo de inter-relações” (ROCHA, 2008, p. 48).

O enredo principal acontece entre dois jovens, Tancredo, que havia se decepcionado com o amor, e Úrsula, que se encanta pelo rapaz; caracterizando uma narrativa romântica, “[...] o texto de Maria Firmina narra a história de amor entre os jovens brancos [...] e a interferência maléfica do Comendador Fernando P., tio da menina que se apaixona por ela e é rejeitado [...]” (ROCHA, 2008, p. 52). Dessa maneira, Maria Firmina consegue repassar os constrangimentos sofridos pelo sexo feminino, que numa sociedade patriarcal, encontra-se rebaixado e vítima da submissão. Contudo, Maria Firmina não deixou de expor seus ideais e, através de seus personagens, apoiou-se no discurso polifônico para registrar situações opressoras direcionadas às mulheres e aos afrodescendentes.

Em relação aos personagens negros, apresentam-se os personagens heróis Túlio e Preta Suzana. Túlio é marcado pela persistência, ao salvar um homem branco desconhecido, no caso, Tancredo. “O negro Túlio representa a figura do herói marginal retratado no primeiro capítulo do livro de Reis. Solidário ao sofrimento do jovem acidentado, salvando-lhe a vida [...]” (ROCHA, 2008, p. 67). Esse é apenas o primeiro ato de heroísmo e coragem de Túlio, e, entre tantos atos, ao fim da saga, entrega sua própria vida para salvar o casal. Além de Túlio, Rocha (2008) analisa outra voz de protesto e resistência às atrocidades sofridas pelo povo escravizado, a personagem Preta Suzana, que expressa sua dor e tristeza por ter sido arrancada de sua família das distantes terras, onde era dona de sua liberdade e felicidade.

Úrsula (1859) tem seu enredo produzido por uma afrodescendente, bem como a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo: “[...] retoma o tema da escravidão desenvolvido por Maria Firmina dois séculos antes [...] narrativa memorialística que recupera o passado de sofrimento do afrodescendente [...]” (ROCHA, 2008, p. 73). *Úrsula* e *Ponciá Vicêncio* são duas obras escritas em épocas diferentes, contudo, é notável que a produção aborde a mesma problemática: a exclusão do povo africano/afrodescendente. “[...] As lembranças evocadas por Ponciá através da sua memória voluntária normalmente estão relacionadas à figura do seu avô e projetam as marcas da escravidão e os medos pelos quais passara em sua infância.” (ROCHA, 2008, p. 74). De acordo com Rocha (2008), Ponciá é uma personagem feminina forte que se constrói conforme o desenrolar da narrativa, afirmando a sua personalidade como mulher autônoma:

Evaristo, além de traduzir em seu romance a busca da personagem por sua identidade como mulher e negra, também discute a questão da condição humana da personagem que se delinea na narrativa através da complexidade de seu perfil, ao materializar suas ações e seu estado psicológico, distinguindo assim, suas inúmeras facetas [...] (ROCHA, 2008, p. 76)

Assim, *Ponciá Vicêncio* (2003) é uma obra que revela a busca de identidade afrodescendente, representando a luta pela aceitação do negro na sociedade, bem como o reconhecimento das raízes afrodescendentes, e, por isso, ambos os enredos

analisados coincidem em suas histórias, uma vez que o objetivo das personagens é encontrar a verdadeira identidade que fora retirada durante a escravidão.

Desse modo, observa-se que a dissertação escrita por Rocha (2008) traça um paralelo no qual os personagens negros, criados por Firmina, se aproximam das personagens de Conceição Evaristo no enredo *Ponciá Vicêncio*, em que Ponciá luta contra a desigualdade social e falta de oportunidades. As privações da personagem de Conceição Evaristo expõem essa realidade no século XX, e através dos relatos de Ponciá, que cresceu ouvindo os contos de seu avô que vivera no século XIX durante o período da escravidão, se percebe que muitas coisas permaneceram com poucas mudanças, principalmente no que diz respeito à igualdade para todos. *Úrsula* (1859) e *Ponciá Vicêncio* (2003), duas narrativas escritas em épocas diferentes, nos fazem refletir sobre a questão da discriminação e exclusão das pessoas escravizadas durante séculos.

Maria Firmina, no século XIX, e Conceição Evaristo nos séculos XX e XXI, são escritoras que contribuíram para o desenvolvimento da literatura brasileira, mas, infelizmente, não obtiveram o merecido reconhecimento da sociedade literária brasileira. Conceição Evaristo ainda busca esse merecido reconhecimento que caminha a passos lentos, por estar inserida em uma sociedade machista, racista e excludente. Entretanto, temos visto que essa literatura desponta com firmeza e trilha caminhos frutíferos.

4.6 O NEGRO E A MULHER EM *ÚRSULA* DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis é uma obra escrita pelo autor Juliano C. Nascimento²⁷, que enfatiza a vida do negro e da mulher no romance *Úrsula*. Nascimento destaca a importância de Maria Firmina para a literatura brasileira, que, com a sua escrita antiescravista, oferece um novo rumo para a criação literária. O livro de Nascimento foi analisado por Régia Agostinho da Silva²⁸, professora doutora da UFMA²⁹, no ano de 2012, e teve sua resenha

²⁷ Mestre pela UFRJ. Autor do livro *O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis*.

²⁸ Professora do Departamento de História da Universidade do Maranhão. Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará

²⁹ Universidade Federal do Maranhão.

publicada na revista *Outros Tempos Dossiê História e Cidade*, no mês de julho deste mesmo ano.

Conforme Silva (2012), o livro de Juliano C. Nascimento oportuniza que trabalhos, obras e poesias de escritores como Maria Firmina tenham um destaque no campo da literatura. Todavia, para que isso aconteça, é preciso uma ampla divulgação nos cursos superiores de formação que atuam nas áreas teóricas literárias, englobando autores esquecidos. Concordamos plenamente, uma vez que cadeiras sobre a Literatura Afrodescendente são raras em matrizes curriculares de cursos de Letras. Muitas vezes figuram somente como disciplinas optativas, quando ocorrem.

Silva (2012) relata que a obra de Nascimento (2009) nasceu de uma dissertação defendida na UFRJ³⁰, e, contudo, Silva (2012) julga que o escritor não teria abordado a leitura de *Úrsula* de forma crítica, mas como uma leitura de deleite³¹.

Assim, Silva (2012) produz seu artigo baseado na obra de Nascimento (2009), a fim de investigar a posição do autor em relação à literatura de Maria Firmina. Primeiramente, podemos concordar que *Úrsula* (1859) era uma leitura de deleite, quando estava inserida no contexto da época, uma vez que a sociedade não compreendia sua escrita como antiescravista. Contudo, ao analisarmos os fatos históricos, concluímos que *Úrsula* (1859) é muito mais do que uma leitura passatempo ou romântica, pois traz o desafio de uma mulher negra ao escrever sobre o regime escravo durante a escravidão. Não concordamos com o posicionamento de que a sociedade leitora da época entendesse a obra como simplesmente folhetinesca. A obra se constituía mediante a formalização estética das vozes sociais e reais contra a escravidão que vicejavam na sociedade da época. Os debates entre escravistas e abolicionistas eram uma constante. A resistência negra era permanente na sociedade. Pelourinhos, quilombos, alforrias, castigos, proibições de toda ordem aos negros, leis contrárias a favor da abolição faziam parte de um cenário contraditório e que demonstrava claramente que as lutas eram reais

³⁰ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³¹ A opinião de Silva (2012) revela que Nascimento (2009) teve uma visão limitada sobre a obra de Firmina, e, por isso, não a analisou de forma precisa, uma vez que delimitou que a autora produzia enredos para o lazer da classe social mais abastada.

entre escravos e senhores. Essa contradição é exposta pela obra cujo teor não é só romântico e, sim, realista.

4.7A MENTE, ESSA NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR: MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA FEITA POR MULHERES NO MARANHÃO

Na análise do presente artigo escrito por Régia Agostinho da Silva³² (2009), enfoca-se a trajetória de Maria Firmina e discute-se sua escrita e literatura, que no século XIX ainda era uma prática exclusivamente masculina, não permitindo a participação efetiva das mulheres. “[...] Maria Firmina tem clareza que o lugar que ela tenta ocupar no mundo das Letras era de difícil acesso para as mulheres” (SILVA, 2009, p.3).

No romance *Úrsula*, de Maria Firmina (1859), os personagens que estão na condição de escravos se destacam pela ousadia de falar sobre o sistema de exploração em que vivem e as condições a que muitos foram submetidos, narrando desde a longa viagem da África, até a chegada ao Brasil.

Maria Firmina, além de outras autoras do século XIX, estava esquecida, mas José Nascimento de Moraes coletou seus manuscritos no ano de 1975, com a obra *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. Nesse livro, cuja pesquisa teve apoio do governo do Maranhão, Moraes Filho recolheu obras e produções feitas pela autora há mais de um século e as compila dentro de uma reedição. “Maria Firmina é considerada por muitos críticos como a primeira romancista brasileira [...]” (SILVA, 2009, p.3).

Segundo Silva (2009), o fato que levou Maria Firmina a cair no esquecimento foi justamente o embasamento antiescravista que seus escritos possuíam, uma vez que o meio literário já não permitia a participação de mulheres, e, quando o faziam, as literaturas se resumiam a uma espécie de passatempo:

[...] literatura de “perfumaria” era algo permitido e até bem visto por moças de boa família, [...] Escrever alguns versos, publicar em algum jornal, ter seus álbuns de recordação escrita, era até considerado de bom tom, mas escrever contra a escravidão, colocar os cativos para falar nos seus escritos, criticar a sociedade hodierna, não deve ter sido fácil. (SILVA, 2009, p. 4)

³² Professora do Departamento de História da Universidade do Maranhão. Mestre em História Social na Universidade Federal do Ceará.

Por isso, a quebra da padronização da literatura feminina enfeitada leva as obras da autora muito mais longe, mostrando seus escritos como abordagens antiescravistas claramente destacadas e reconhecidas em *Úrsula* (1859) e *A escrava* (1887). Acreditamos que essa leitura de Silva seja importante abordagem para a luta negra, uma vez que destaca não só o esquecimento de Firmina por ser mulher, mas pelo teor político de seus escritos.

4.8 A ESCRITA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: SOLUÇÕES PARA UM PROBLEMA EXISTENCIAL

O livreto produzido por Bárbara Simões³³ em colaboração ao Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, Ministério da Cultura, no ano de 2012, refere-se à obra *Úrsula*, de Maria Firmina, considerada uma literatura que fazia críticas ao sistema escravista. Simões (2012) cita outros autores abolicionistas consagrados do século XIX, entre eles, Bernardo Guimarães, com a autoria do livro *Escrava Isaura*, publicado em 1875, e Joaquim Manoel de Macedo com sua produção *Vítimas algozes*, publicada em 1869. Contudo, Maria Firmina inova seu olhar diante do processo de escravidão, revelando um questionamento diferenciado, uma vez que sua história se transforma em uma crítica ao sistema escravista. A respeito disso, Simões (2012) avalia: “Mulher de seu tempo, a escritora parece ter apostado no salto da fé como tentativa de superação da angústia causada por uma grande forma individual e coletivo da sociedade em que estava inserida, a saber, a escravidão” (Simões, 2012, p. 11).

Simões (2012) reafirma que os enredos de Guimarães (1875) e Macedo (1869) abordam a questão da escravidão de maneira mais branda, ou seja, os personagens da trama não são empoderados como os protagonistas de Maria Firmina. A exemplo disso, Simões (2012) ressalva que em *Vítimas algozes* (1869), os escravos são conotados como cruéis, e seus senhores, como nobres e bondosos. No enredo de *Escrava Isaura* (1875), a suposta escrava não merece a escravidão por possuir a pele mais clara que os demais escravos e ser dotada de uma beleza inigualável, portanto, a beleza de Isaura condiciona a conquista do amor que compra sua liberdade. Entretanto, discordamos em parte, uma vez que a obra de Bernardo

³³ Pesquisadora e doutora. Livro em contribuição ao Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, no Maranhão.

Guimarães não foca somente na protagonista, Isaura, mas também na escravidão como um todo, uma vez que o personagem herói é um abolicionista que se apaixona por uma escrava. Porém, antes de se apaixonar, já era adepto da abolição.

E assim, Simões (2012) afirma que Maria Firmina desenvolve em *Úrsula* (1859), um enredo do amor entre dois jovens brancos; todavia, parte de toda a história se transforma em uma espécie de protesto contra a escravidão, destacando os personagens negros como grandes protagonistas que falam contra o sistema de cativeiro a que eram submetidos.

Além do protesto contra o sistema opressor e escravista, *Úrsula* (1859) apresenta também a religiosidade catolicista em sua literatura. De acordo com Simões (2012), os negros eram privados da religiosidade católica, pois a sociedade acreditava que estes eram a face do mal, por conta de suas peles escuras, por isso, muitos fiéis não aceitavam os negros como seres de alma “[...] a concepção de que a cor de pele revelava o caráter do indivíduo [...]” (SIMÕES, 2012, p. 23). Entretanto, as exclusões sociais e religiosas não impediram que Maria Firmina exaltasse a religião católica em sua obra, já que a autora era devota e praticante, mostrando que seus personagens negros eram sujeitos dotados de fé, bondade, nobreza e heroísmo. Discordamos dessa informação, uma vez que nos séculos de escravidão houve várias manifestações religiosas negras dentro do Catolicismo. Escravos construía igrejas para si, sobretudo à noite, após os trabalhos domésticos. Essas igrejas estão espalhadas pelo Nordeste, Sudeste, Sul e Centro do país, sobremaneira, e são motivo de estudos e pesquisas, comprovando a permissão do exercício da religiosidade. Obviamente que essa prática também visava a uma amenização da escravidão e possível domesticação dos escravos. Porém, as igrejas erigidas por escravos demonstram sua capacidade arquitetônica, artística e de resistência. São verdadeiras obras de arte, espalhadas por todo o Brasil.

Por conseguinte, o objetivo de Simões (2012) foi expor a autora Maria Firmina como escritora que revolucionou a escrita antiescravista, mostrando a verdadeira face da escravidão e colocando seus personagens escravos como protagonistas e donos de sua própria trajetória. Apesar de resgatada e reconhecida

só recentemente, Maria Firmina não deixa de ser uma das escritoras romancistas mais importantes do Brasil.

4.9 MARIA FIRMINA DOS REIS, VIDA E OBRA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS MULHERES E DOS AFRODESCENDENTES NO BRASIL

Esse artigo, escrito por Janaína Santos Correia³⁴, publicado no ano de 2013, na revista *Feminismos*, aborda a importância que as mulheres tiveram no desenvolvimento literário para o Brasil, em especial Maria Firmina, principalmente a partir do século XIX, quando textos escritos e publicados passaram a ser considerados como fontes históricas e literárias.

Correia (2013) traz em seu artigo a opinião de Tavares (2007) sobre o reconhecimento da capacidade intelectual feminina no século XIX, que aconteceu por meio de duas vertentes: uma se relacionava à instrução feminina; e a outra à escrita literária para poder se expressar. “Ainda que as últimas décadas do século XIX apontassem para a necessidade de educação da mulher, aliando-se ao projeto de modernização da sociedade, o tipo de educação oferecido a esta sempre foi diferenciado” (CORREIA, 2013, p. 6).

Maria Firmina já demonstra isso na sua literatura, mesmo sendo uma escritora oitocentista, ela retrata a luta e a busca pelo reconhecimento intelectual da mulher e de sua importância para a sociedade brasileira. De acordo com Correia (2013), as mulheres “[...] no século XIX, foram excluídas do processo de criação cultural, estando sujeitas à autoridade-autoria masculina. Mas, mesmo assim, foi a partir desta época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar [...]” (CORREIA, 2013, p.6).

No romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina, a abordagem retrata a luta entre o bem e o mal do ser humano, respectivamente representado pela bondade, amor e generosidade de alguns personagens da saga, em reverso à crueldade, ciúmes e ódio que personifica outros sujeitos do enredo. A liberdade perdida, sofrimento e a exploração dos escravos pelos senhores, assim, Maria Firmina dá visibilidade aos seus personagens escravos, fazendo com que tenham opiniões e

³⁴ Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PPGHS/UEL 2013), graduada em História pela mesma universidade (2009).

voz dentro da obra. Correia (2013) relata que “[...] o escravo se torna sujeito pleno e visível, identificado mais à africanidade e suas características coletivas e ancestrais que à condição de mercadora ou objeto” (CORREIA, 2013, p. 9). Nesse contexto, há os escravos que sofrem todo tipo de crueldade, mas mantêm seu coração puro, e, concomitantemente, os senhores brancos e exploradores, que se pautam, muitas vezes, na religião para justificar seus atos de selvageria contra os escravos. Há, também, os senhores bondosos, demonstrando haver uma rede mais complexa de relacionamentos.

A literatura de Maria Firmina é uma crítica à sociedade da época, que subjugava o povo africano por meio da escravidão, ou seja, “[...] um livro escrito declaradamente por uma mulher, cuja narrativa fazia uma denúncia contundente aos maus-tratos sofridos pelos negros no Brasil [...]” (CORREIA, 2013, p.9). Maria Firmina não só retratava os maus-tratos direcionados aos negros, mas, também, mencionava os sequestros e as torturas sofridas pelos escravos durante o trajeto da África até a chegada no Brasil.

Úrsula destoa da literatura produzida na época, por diversas razões, tais como o fato de o negro não aparecer apenas como tema, mas como sujeito de enunciação, pois o narrador lhe dá a palavra para que ele possa contar sua história a partir de um *ponto de vista interno*. O escravo é sujeito da narrativa, portanto, a disposição textual, a forma literária, também indica que ele é “dono de si” do que pensa, do que fala. (CORREIA, 2013, p. 9)

Desse modo, o enredo atenta para a importância do escravo como ser humano ciente do seu valor e de quem era antes de estar submetido ao cárcere escravocrata. É essencial para a construção da saga que Maria Firmina trouxesse o ponto de vista do escravizado, uma vez que essa era uma das causas pelas quais a autora escrevia.

Além da escravidão, existia a opressão e a pouca visibilidade do sexo feminino. “A luta de Maria Firmina, entretanto, não era só na questão da etnia, mas, também, de gênero: defendia a mulher da opressão social que começava, na maioria das vezes, dentro da própria casa” (CORREIA, 2013, p. 12). Em *Úrsula*, a mulher é desmerecida e submissa, já que, socialmente, a submissão feminina era considerada comum, pois a mulher deveria dedicar-se à família e aos assuntos internos de sua residência.

Contudo, a autora enfoca firmemente durante a obra, a violência física e verbal advinda dos personagens masculinos para com as personagens femininas, mostrando a toxicidade que esses relacionamentos trazem para a vida das mulheres.

Temos personagens que representam mulheres de distintas camadas sociais, pois a construção do romance não se fixa em apenas um modelo de identidade cultural das mulheres que represente apenas um tipo de submissão no contexto do patriarcado do século XIX, mas a pluralidade do feminino construída por identidades culturais que abrangem situações de mulheres submetidas à conduta imposta pelo homem, na tentativa de superá-la. (CORREIA, 2013, p. 18)

Maria Firmina se insere num contexto sociocultural que defende as minorias esmagadas por ideologias sociais impostas pela época, pois engloba questões antiescravistas e feministas. Assim, os fatos abordados pela autora acabam se tornando referências que mostram as situações enfrentadas pelos negros e pelas mulheres na sociedade escravista e patriarcal.

Correia (2013) aborda em seu artigo a luta pelo reconhecimento da mulher escritora no século XIX. Dessa forma, Maria Firmina é seu foco de estudo, uma vez que a autora é a primeira mulher negra e escritora que expandia seus ideais por meio de seus romances que, de certa maneira, se tornaram críticas aos costumes sociais do século XIX. Correia aponta a genialidade de Maria Firmina ao dar voz aos seus personagens escravos, bem como, a retratação da submissão da mulher. O romance antiescravista e feminista é uma fonte histórica que faz compreender o passado da exclusão feminina, e, principalmente, da coação dos africanos e afrodescendentes. Entretanto, não advogamos a tese de que o contexto era totalmente inóspito para as escritoras. Salientamos que Firmina conseguiu enfrentar esse contexto, e isso comprova que o cenário, embora desfavorável, apresentava brechas a partir das quais Maria Firmina pôde se sobressair.

4.10 UMA PIONEIRA MARIA FIRMINA DOS REIS

O artigo elaborado por Zahide Lupinacci Muzart³⁵, publicado na revista *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, no ano de 2013, traz questionamentos muito ricos para a literatura brasileira, destacando poetas negros e poetisas do século XIX:

[...] houve alguns percursores no Brasil do século XIX: os poetas negros João da Cruz e Souza (1861-1898) e Luis Gama (1830 -1882) e também algumas mulheres: Auta de Souza (1876-1901), Luciana de Abreu (1847-1880) e Maria Firmina dos Reis. (1825-1917) (MUZART, 2013, p. 247)

O ano de 1859 demarca grande importância para mulheres que escreviam romances no Brasil: “[...] neste ano duas pioneiras publicam narrativas: a catarinense Ana Luisa de Azevedo Castro (1823? – 1869) e a maranhense Maria Firmina dos Reis” (MUZART, 2013, p. 247). *Úrsula* (1859), obra romântica escrita por Maria Firmina, foi considerada como a primeira publicação feminina. Contudo, a autora optou por não usar seu nome de batismo, identificando-se nos seus escritos como *Uma maranhense*. “[...] A autora, como tantas outras mulheres do século XIX, escondeu-se sob pseudônimo. [...]” (MUZART, 2013, p. 248).

Segundo Muzart (2013), que cita Martins (1977), há um debate sobre o primeiro romance brasileiro que fora publicado. Martins (1977) comenta que antes de citar Maria Firmina, deveriam ser citadas as autoras femininas que antecederam a escritora com publicações românticas: Nísia Floresta, com as obras *Daciz*, *Jovem Completa* (1847) e *Dedicação de Amiga* (1850); Eufrosina Barandas com *A Filósofa por Amor* (1845) e Idelfonsa Laura com *Lição a Meus Filhos* (1854). Desse modo, *Úrsula* (1859), de acordo com Martins (1977), ao se encaixar somente no contexto romântico, foi um dos primeiros romances abolicionistas publicados no Brasil. Não concordamos com o fato de a autora se encaixar completamente no contexto romântico, uma vez que traz para o interior do romance um debate acirrado em torno da escravidão, o que comprova que o romance em tela se constitui como obra realista também, organicamente vinculada com o cenário extraliterário.

³⁵ Graduação em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1961), graduação em Música pela Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Letras pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Toulouse-Le Mirail (1970), pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales, Paris (1983-1984).

Após formar-se professora, Maria Firmina fundou no Maranhão uma escola mista, como já informamos. Esse tipo de instituição ia contra os princípios morais e religiosos da época, mas a autora desejava levar a educação ao alcance de todos, torná-la um marco de liberdade, uma vez que sua proposta pregava o ensino gratuito para todos. Conforme Muzart (2013), “em 1881, mesmo aposentada do ensino público oficial, continuou ensinando no povoado de Maçaricó a filhos de lavradores e de fazendeiros, demonstrando sua vocação primeira: a de mestra” (MUZART, 2013, p. 250).

Muzart (2013) relembra o resgate da autora e sua obra *Úrsula* (1859), por Horácio de Almeida, em um sebo, no Rio de Janeiro. O pesquisador percebeu que de todos os críticos que estudavam a literatura maranhense, Maria Firmina só fora mencionada por Sacramento Blake¹. Além de *Úrsula*, outros escritos de Maria Firmina foram descobertos e compilados alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1975, por Morais Filho, que publicou manuscritos da autora a partir de 1853, que, conforme Muzart (2013), seria o ano de sua primeira publicação. Os materiais publicados por Morais Filho foram disponibilizados por Leude Guimarães, filho adotivo de Maria Firmina, segundo o qual, algumas anotações de sua mãe desapareceram, após um roubo que ele sofreu dentro de um quarto de hotel. As anotações que sobraram do incidente vinham de um *Álbum*¹, que seria uma reunião de pequenos rascunhos das memórias íntimas de Maria Firmina.

Com isso, a autora maranhense se destaca pela originalidade de suas obras, que eram acima de tudo, romances que criticavam as atitudes da sociedade por meio de um enredo de cunho abolicionista, na visão de Muzart. À época, a ideia de degenerescência racial circulava na sociedade. Isso vem ao encontro da seguinte citação:

A ideia de que os escravos contaminavam os brancos com suas maneiras, crenças e vícios, muito disseminada na época, é derivada da política de branqueamento, que se alimentava do biologismo do século XIX, classificando a variedade humana em raças superiores e inferiores. (MUZART, 2013, p. 254)

Contrário a esse pensamento, Maria Firmina colocava os personagens escravos como protagonistas de sua própria história, pessoas nobres e, em sua maioria, dotadas de caráter, bondade, fidelidade, compaixão e ética, desmistificando

a crença social do escravo corrompido, maltratado, submisso e até mesmo louco. Esse é o enfoque de *Úrsula* (1859), “[...] a voz negra é tão forte que neste romance é tão verossímil, pois a autora privilegia a identidade com a cultura negra [...]” (MUZART, 2013, p. 256). Ou seja, a autora escreve como a verdadeira descendente do povo africano.

O artigo de Muzart (2013) trouxe um apanhado de importantes escritores negros e, com estes, enfatizou Maria Firmina dos Reis. Na pesquisa, os dados apresentados realçam a trajetória da escritora, desde os primórdios de sua instrução, sua aparição como escritora, até o seu resgate no ano de 1962. Muzart reconstrói e explica a obra *Úrsula* (1859), relacionando-a com o contexto da época, na qual a literatura fora escrita, e isso faz com que o artigo seja enriquecedor e informativo.

4.11 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA: UM ESTUDO DE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O presente artigo escrito por Bárbara Loureiro Andreta³⁶, no ano de 2013, acerca do romance *Úrsula* (1859), faz uma análise referente à invisibilidade das mulheres na produção literária do século XIX por meio de um levantamento bibliográfico crítico-interpretativo. Conforme Andreta (2013), nesse período, o Brasil ainda estava sob o domínio imperial, com questionamentos sobre a escravidão, que era adotada ainda no país, e a família dominada pelo poder centralizado nas mãos dos homens, em que as mulheres não tinham participação direta em vários setores. Portanto, afirma-se que “[...] o descrédito à literatura produzida por mulheres no passado é uma forma de controlar o campo literário a partir de um conceito que ratifica o aparato do saber/poder ligado às elites culturais [...]” (ANDRETA, 2013, p. 30)

Desse modo, Andreta (2013) compreende que a invisibilidade de Maria Firmina durante o período em que viveu e escreveu, se deu, principalmente, pelo fato de ser negra, filha de alforriados e mulher, levando em conta que a sociedade machista e excludente contribuiu para que a escritora e suas obras ficassem

³⁶ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (2005) e em Filosofia - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

esquecidas por cem anos: “[...] *Úrsula* teve sua primeira publicação em 1859 e só voltou a ser estudada na década de 1970, a partir da publicação de sua edição fac-similar por Horácio de Almeida [...]” (ANDRETA, 2013, p. 31). A produção de Maria Firmina é romântica e carregada de questões sociais: “a escravidão é o cenário social do enredo; [...] as mulheres do século XIX produziram uma literatura marcada por sua história corporal, psíquica e social” (ANDRETA, 2013, p. 33). A obra *Úrsula*, juntamente com o enredo *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, de Luís Gama, escritor negro e alforriado, fundam a literatura afrodescendente. Como ressalva Andreta (2013), “*Úrsula* adota um posicionamento explicitamente antiescravagista. O romance não tem a pretensão de ser uma bula abolicionista, entretanto, o fato de se tratar de uma literatura emergente deve ser privilegiado” (ANDRETA, 2013, p. 39).

Apesar de produzir um enredo revolucionário, Maria Firmina não ascendeu e, posteriormente, fora esquecida pela sociedade que visava enaltecer produções românticas de autores masculinos, brancos e reconhecidos. Contudo, o resgate da obra tornou-se parte da fonte de estudo para compreender o regime escravista do século XIX: “o romance envolve ainda uma dimensão entre raça, cultura e gênero, como parte das representações da condição da mulher brasileira no século XIX, retratada a partir da perspectiva de uma intelectual negra” (ANDRETA, 2013, p. 45).

Por conseguinte, Andreta (2013) trata das questões relevantes encontradas e estudadas na obra *Úrsula*, reconhecendo-a como a primeira literatura romancista e abolicionista do Brasil, produzida por uma mulher afrodescendente. Alega-se que Maria Firmina e suas obras ficaram esquecidas preponderantemente pela questão de gênero e etnia, ou seja, a sociedade enraizou uma amnésia com relação aos escritores negros, uma vez que a predominância é voltada para classes e raças que se consideram dominantes. Todavia, enfatizamos que Maria Firmina teve sua obra conhecida localmente. Não atingiu o cenário nacional das letras. Porém, o contexto não lhe foi totalmente desfavorável em sua época em virtude de sua classe social e relacionamento com outros escritores, beneficiando-se de certa rede relacional e da posição de professora de que dispunha.

4.12 ÚRSULA: A VOZ DOS EXCLUÍDOS DO SÉCULO XIX NO ROMANCE DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O presente artigo, escrito por José Geraldo da Rocha³⁷ e Patrícia Luisa Nogueira Rangel³⁸, no ano de 2014, traz em pauta o romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina. De acordo com Rocha e Rangel (2014), o século XIX era representado por classes majoritárias, e, desse modo, excluía grupos divergentes, rejeitados, minoritários ou que não se encaixavam nos padrões impostos socialmente. Tais problemáticas se encontram presentes na obra literária *Úrsula*, de Maria Firmina.

A autora é considerada a primeira escritora brasileira, e por ser negra, também assume a categoria de primeira escritora da literatura que aborda temas sobre o negro. [...] A literatura afro-brasileira é uma grande fonte histórica, em que ocorre o resgate da identidade de negros escravizados, os quais sofreram com tentativas de aculturação de uma classe dominante. (ROCHA; RANGEL, 2014, s/p)

Nessa perspectiva, *Úrsula* (1859) aborda em seu enredo uma literatura romancista sob um olhar diferente, e conforme Rocha e Rangel (2014), é uma obra que quebra os padrões da época, uma vez que enaltece os subjugados, que neste caso são definidos como os negros e as mulheres, e por meio dessas vozes oprimidas, expõem-se críticas à sociedade oitocentista e ao regime escravista. Assim, a obra pode ser considerada uma fonte histórica. “Através de seu romance, é possível uma leitura nas entrelinhas sobre o que era ser negro naquela sociedade, levando o leitor a refletir sobre o universo escravista” (ROCHA; RANGEL, 2014, s/p).

Por isso, Rocha e Rangel (2014) revelam que Maria Firmina descreve as qualidades de seus personagens com precisão, mostrando que são indivíduos responsáveis pela trajetória que traçam no livro, dando voz aos escravos que

³⁷ Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997). Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993), bacharel em Teologia - Faculdade Nossa Senhora da Assunção - São Paulo (1990), cursou Filosofia na Escola Superior de Estudos Filosóficos e Sociais (Colégio Máximo Palotino) Santa Maria, RS, 1986.

³⁸ Doutora em Humanidades, Cultura e Artes pela UNIGRANRIO (PPGHCA), com o projeto de pesquisa "Do canto se fez o encanto: o diverso no verso de Martinho da Vila" (bolsista CAPES), que visa a analisar as questões sociais nas composições do artista, sob a orientação do Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Felix. Mestre em Letras e Ciências Humanas pela UNIGRANRIO, cuja Linha de Pesquisa é Gênero, Etnia e Identidade.

criticam o sistema opressor escravagista por meio de suas experiências. Outro destaque importante é o papel que a mulher branca desempenha nesse enredo: “[...] mulheres brancas em *Úrsula* é uma visão crítica do papel delas na sociedade patriarcal no século XIX. [...]” (ROCHA; RANGEL, 2014, s/p). Esse fato condiz com a realidade social, pois as mulheres oitocentistas eram excluídas de decisões e desprovidas de opiniões dentro de qualquer contexto. Entretanto, acreditamos que as personagens femininas brancas na obra apresentam opinião, embora em contexto limitador. A heroína e sua mãe subjugadas pelo poder masculino não perdem sua capacidade de agir e sua volição.

Por conseguinte, o artigo de Rocha e Rangel (2014) expõe o livro de Maria Firmina como sendo de suma importância para compreender comportamentos opressores considerados comuns no século XIX, ou seja, atitudes excludentes que incapacitavam as vozes oprimidas. Todavia, Maria Firmina, no decorrer de sua literatura, relata o sofrimento e desprezo direcionado aos grupos marginalizados e subjugados, transformando *Úrsula* (1859) em uma crítica à sociedade que oprimia e incapacitava as classes inferiorizadas, tornando-se, assim, base para estudos históricos.

4.13 MULHERES NEGRAS, LETRAS E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO FINAL DO SÉCULO XIX A MEADOS DO SÉCULO XX

O presente trabalho, redigido por Francelene Costa de Santana Oliveira³⁹, exibido no 18º REDOR⁴⁰ da UFRPE⁴¹, 2014, analisa duas escritoras negras: Maria Firmina e Carolina Maria de Jesus, trazendo em pauta questões referentes às mulheres negras, principalmente aquelas que viviam sob o sistema da escravidão, ou descendentes de escravos, pois estas tinham pouco reconhecimento intelectual, social e humano por grande parte da sociedade oitocentista, no caso de Maria Firmina, e do século XX, no caso de Carolina. Nessa perspectiva, o Brasil seguia os parâmetros ideológicos europeus, ou seja, a visibilidade da mulher era precária.

³⁹ Mestre pela UFRPE.

⁴⁰ Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero.

⁴¹ Universidade Rural Federal de Pernambuco.

A falta de reconhecimento do sexo feminino como agente intelectual na sociedade brasileira originou a visão da mulher submissa. Essa desvalorização atingia de modo mais forte as mulheres negras. Conforme Oliveira (2014), a exploração das mulheres negras se deu em todas as áreas de trabalho existentes na época, e, em muitos casos, eram sujeitadas à prostituição para poder sobreviver e gerar lucros para os seus senhores.

Contudo, quando as instruções letradas se abrem para o acesso de mulheres da alta e média sociedade, estas começam a não se sujeitar aos costumes sociais que obrigam à submissão feminina.

No Brasil oitocentista as influências europeias lentamente estabeleceram mudanças de valores também. As filhas da aristocracia e da alta burguesia, apropriadas das letras não aceitavam com facilidade as determinações da sociedade patriarcal do Brasil. (OLIVEIRA, 2014, p. 1.592)

Desse modo, a exigência pela igualdade se estendeu em especial à classe de escritoras, que, por meio da literatura, poderiam se expressar e tentar reivindicar seus direitos como parte de uma sociedade. Entre essas mulheres escritoras, cita-se Maria Firmina, autora de obras abolicionistas. Maria Firmina nasce e cresce durante o período oitocentista marcado pelo preconceito e proibições. Todavia, apesar de ter nascido no século da restrição feminina, a escritora teve acesso à educação.

Maria Firmina dos Reis, uma exceção para o período. Uma mulher negra muito instruída. Condição que a outras tantas negras no mesmo período foi negada devido ao sistema de escravidão, a vida de pobreza e miséria; exposições ao preconceito. (OLIVEIRA, 2014, p. 1593)

Maria Firmina foi uma exceção por conta da condição social de sua família, e tal condição não era comum aos negros e afrodescendentes. Conforme Oliveira (2014), o surgimento das leis, como *Ventre Livre*⁴², atrapalhava a economia dos grandes senhores, pois estes não queriam que a instrução chegasse aos seus escravos. “[...]. Os fazendeiros encontraram na própria Lei do *Ventre Livre*, brechas que garantissem o descumprimento da lei, excluindo as crianças do direito a educação; apresentando-se como seus tutores” (OLIVEIRA, 2014, p. 1595). Dessa maneira, o tutelado permitia que o senhorio ainda influenciasse a vida do escravo

⁴² Lei abolicionista promulgada em 28 de setembro de 1871. Considerava-se livre todo filho de escrava nascido a partir dessa data.

livre de forma direta, sendo responsável legal pela criança, o que lhe dava o direito de decidir o seu futuro.

Contudo, com o fim do regime escravocrata, os negros e afrodescendentes não tiveram seu espaço cultural, político e econômico melhorado de imediato dentro da sociedade.

A libertação de homens e mulheres do jugo da escravidão foi feita de forma desequilibrada por não permitir uma organização social da população negra melhor. Logo, desfavorecida economicamente, tem na mulher negra, mais uma vez a saída da miséria. Agora como doméstica assim apresenta-se para sustentar a família, devido à grande necessidade do seu trabalho. (OLIVEIRA, 2014, p. 1595-1596)

Portanto, Oliveira (2014) observa que a mulher negra esteve distante da instrução formal, uma vez que a sociedade não possibilitava essa condição aos recém-libertos da escravidão, forçando, em especial, as mulheres, a encontrarem outros caminhos para sustentarem suas famílias, e esses caminhos eram distanciados dos estudos formais. Posições mais subalternas foram a saída para sobrevivência.

No romance *Úrsula* (1859), Maria Firmina retrata a opressão e o descaso sofridos pelos negros escravizados, por meio de relatos dos personagens que vivem ainda submissos aos seus senhores. Com isso, pode-se inferir como era a vida dessas pessoas, e, principalmente, a força e a representatividade que as mulheres apresentavam naquele universo machista e opressor.

No século XX, mais precisamente na década de 50, surge outra autora crítica social. Com a obra *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus, traz em seu enredo a vivência cotidiana do povo pobre ao qual ela pertence. De acordo com Oliveira (2014), Carolina de Jesus frequentou a escola espírita Allan Kardec, instituição voltada ao trabalho com crianças pobres, apenas por dois anos, e foi dessa instrução que desenvolveu o domínio da leitura e escrita. Assim como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus e suas obras acabaram esquecidas, uma vez que sua ideologia não agradava à política da época. Entretanto, como salientamos, Carolina de Jesus difere de Maria Firmina. Esta teve acesso à educação formal, formando-se professora e pertenceu à classe média. Aquela foi favelada, com o mínimo de instrução formal.

A pesquisa de Oliveira (2014) estudou temas relacionados à exploração das mulheres negras nos séculos XIX e XX, bem como apontou duas importantes escritoras negras: Maria Firmina e Carolina Maria de Jesus. No caso de Maria Firmina, criada na casa de sua tia materna, que era de uma família de poucas posses, onde teve apoio para seguir carreira e ser considerada instruída. Maria Firmina criticava o sistema escravocrata adotado no Brasil, dando voz aos personagens negros, também já esboçava a rebeldia das mulheres que lutavam pela liberdade de expressão e direito de escolha. Já Carolina Maria de Jesus, favelada e de pouca instrução, escreveu obras que criticaram as ideologias sociais e a condição de descaso em que os pobres viviam. São duas autoras negras, nascidas em épocas diferentes, mas que trouxeram grandes contribuições para literatura afro-brasileira. Mais uma pesquisa que destaca essas duas escritoras, demonstrando que as condições culturais e econômicas não são tão dessemelhantes assim, passados mais de século entre uma autora e outra.

4.14 RELAÇÕES DE GÊNERO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX NA PERSPECTIVA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: ANÁLISE DO ROMANCE ÚRSULA

A dissertação desenvolvida por Katiana Souza Santos⁴³, no ano de 2015, apresenta três momentos de análises e estudos, sendo estes, uma abordagem histórica, englobando o conceito de gênero e poder no Brasil do século XIX, questionamentos sobre elementos representativos na obra *Úrsula* e ênfase da importância do enredo como fonte histórica. “O século XIX foi marcado por uma tentativa de expansão nas relações sociais que cultivavam a difusão da informação, favoreciam a escrita e mantinham práticas que elevavam os grupos à condição de letrados [...]” (SANTOS, 2015, p. 49). Contudo, o ramo literário ainda exibia dificuldades em aceitar o gênero feminino como escritora. Santos (2015) destaca uma tabela que apresenta 35 escritoras entre o século XIX e XX, e entre elas, encontra-se Maria Firmina. Esses dados confirmam a dificuldade da mulher em se apresentar como autora de obras, pois, ao longo de um século, encontraram-se apenas 35.

⁴³ Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão (2009), graduação em História - Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Maranhão (2013) e mestrado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (2015).

Tratando-se de Maria Firmina, a pesquisadora destaca o uso de linguagem acessível e, acima de tudo, enfatiza a crítica que a autora empreende em relação aos costumes da sociedade, em que a mulher era obrigada a ser mais submissa. Firmina é revolucionária para a época. Também destaca que ela se posiciona contrariamente ao regime escravista, já que além de mulher, Maria Firmina era afrodescendente, e isso, com certeza, fez com que construísse o enredo do romance de modo a explicitar sua denúncia.

Afirma, pela voz de uma de suas personagens, que a escravidão é anacrônica ao século XIX. Não cabia em uma sociedade tão moderna usar o trabalho escravo [...] Firmina era uma defensora forte da mudança no modelo da escravidão no Brasil. (SANTOS, 2015, p. 60)

Dessa maneira, Maria Firmina critica a sociedade a partir de sua literatura, utilizando-se do artifício do pseudônimo para realizar publicações em jornais e em seu livro *Úrsula* (1859). No entanto, “[...] Maria Firmina passou no anonimato durante muitas décadas de sua existência [...]” (SANTOS, 2015, p. 67), e seu esquecimento definitivamente só não ocorreu para a sociedade literária, devido ao descobrimento do romance *Úrsula* (1859), em uma loja do Rio de Janeiro, por Horácio de Almeida nos anos de 1960, e a publicação de um livro na década de 1970, com o título *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, organizado por Nascimento Morais Filho. Santos (2015) afirma que sem a perseverança e o pioneirismo desses dois pesquisadores, essa escritora negra, que em sua época teve coragem de escrever contra o sistema escravocrata do Brasil, desafiando as autoridades e os grandes fazendeiros, teria suas obras enterradas nos porões dos olvidados e seu nome jogado ao vento.

É válido lembrar que o resgate de Maria Firmina no século XX, de acordo com Santos (2015), se deu também pelo fato da iniciação da valorização da mulher como componente importante para a formação/herança histórica e progressão da sociedade. “[...] Mulheres, crianças, índios, negros, movimentos sociais, homossexuais, minorias religiosas passaram a fazer parte do campo analítico de muitos pesquisadores” (SANTOS, 2015, p. 85). O século XIX marcou o processo de inserção do romantismo na cultura, e, por meio dele, os autores expressavam seus ideais, que se transformavam em leitura de deleite para as massas privilegiadas. Por isso, as ideologias colocadas nos romances não tiveram o impacto esperado, pois

as histórias eram associadas à ficção. Contudo, *Úrsula* (1859) traduzia a retratação realística do regime escravagista na sociedade oitocentista.

Neste romance, considerado o primeiro que se discute a questão do negro, escrito por uma mulher, a escritora expõe diversas percepções sobre a sociedade maranhense, em meados do século XIX, marcada pelos traços da escravidão, supremacia masculina e segregação social. Percebemos que todos os personagens são reafirmados e ganham espaço na narrativa a partir da presença de uma mulher. (SANTOS, 2015, p. 107)

Sendo assim, Maria Firmina desenvolve seus personagens de acordo com os trejeitos que a escritora reconhecia como pontuais num comportamento social oitocentista, e desse modo, “[...] o discurso produzido por Maria Firmina foi pautado em conceitos ligados à heteronormatividade presente no cenário social e nos sujeitos sociais, fruto do contexto que ela escreve” (SANTOS, 2015, p. 123). E, por isso, a literatura de Maria Firmina se torna inovadora em sua época, pois de acordo com a perspectiva que a autora conhece, ela considera tais atitudes incoerentes e, dessa forma, escreve um enredo no qual potencializa as minorias esmagadas/rejeitadas.

Com isso, a dissertação de Santos (2015) debruçou-se sobre a obra da escritora Maria Firmina, destacando sua novidade para a época. Esquecida no período em que viveu e sendo resgatada décadas depois no acaso, ainda não ouvimos seu nome circular com convicção pelas universidades e nas salas de aula das escolas de ensino regular. Entretanto, pesquisas buscam por seu reconhecimento para a história da Literatura Brasileira. Todavia, acreditamos que Firmina gozou de popularidade, dentro de certos limites, no contexto maranhense, sobretudo.

4.15 A LITERATURA AFRODESCENDENTE DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Esse artigo, redigido por José Benedito dos Santos⁴⁴, publicado na revista *Literartes*, no ano de 2016, traz uma análise referente à obra *Úrsula* (1859). O regime escravista no Brasil foi majoritariamente narrado pela visão dos senhores donos de escravos, e não raros são os relatos depreciativos desses últimos.

⁴⁴ Doutorando em Literatura Contemporânea da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras (Área de Concentração em Estudos Literários), com a dissertação "Vozes emergentes: uma leitura do romance Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra", de Mia Couto.

No entanto, para se desprender da padronização literária senhorial, no romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina, os figurantes escravos se destacam por terem direito de agir e falar abertamente sobre a escravidão. O sistema cultural adotado pelo Brasil baseava-se no europeu: a figura do homem é o centro de todas as ações. Por isso, Maria Firmina foi difícil de ser aceita, uma vez que, além de escritora mulher, era também afrodescendente, o que dificultava o seu reconhecimento como romancista.

O caso mais notório de que os negros, e, em particular a mulher afrodescendente, não podem falar nem escrever na sociedade brasileira é visível na trajetória da escritora, contista, poeta, folclorista, musicista, abolicionista e professora Maria Firmina dos Reis, que, por ser negra, pobre, bastarda, não teve sua obra comentada pelos citados especialistas. (SANTOS, 2016, p. 185)

A obra de Maria Firmina foi deixada à margem, pois não havia interesse em tornar público um romance que abordava o sistema escravista no Brasil. Sua escrita passava aos leitores a humanidade e os sentimentos dos escravos, transformando-os em seres humanos dotados de pensamento, compaixão e, acima de tudo, pessoas que deram a própria vida para proteger outras que nem mesmo eram da sua etnia. “[...] A escritora ousa, ainda, por utilizar-se de personagens brancas para denunciar os problemas vivenciados pelos escravos.” (SANTOS, 2016, p. 186). Entretanto, discordamos dessa tese de total apagamento da escritora. Em sua época foi reconhecida no microcontexto do qual fazia parte.

Úrsula (1859) só viria a ser resgatada na metade do século XX, devido a uma pesquisa realizada por Horácio de Almeida em um sebo na cidade do Rio de Janeiro.

Somente a partir da edição fac-similar preparada por Horácio de Almeida e vinda a público em 1975, a obra passou a ser considerada por vários críticos como o primeiro romance abolicionista e afrodescendente escrito por uma mulher na literatura brasileira. (SANTOS, 2016, p. 186)

Maria Firmina nasceu na ilha de São Luís, em uma região distante dos grandes centros culturais, como a cidade do Rio de Janeiro (capital), São Paulo, Salvador, entre outros. Esse cenário, talvez, tenha prejudicado sua visibilidade. Entretanto, outros escritores do Maranhão foram reconhecidos, conforme Santos (2016):

[...] ilha de São Luís, capital da província do Maranhão, famosa por ser a terra natal de vários escritores, como Gonçalves Dias, Aluísio de Azevedo, Sousândrade, entre outros, ela não teve o mesmo privilégio de seus conterrâneos: o de ser reconhecida nacionalmente como escritora. (SANTOS, 2016, p. 187-188)

A própria sociedade literária se mostrava resistente a acreditar no potencial das obras escritas por uma escritora descendente de escravos, uma vez que os poetas e escritores reconhecidos no século XIX eram do sexo masculino. Todavia, surge o questionamento: por que após praticamente dois séculos (XIX e XX), Maria Firmina, um dos pilares da literatura brasileira, ainda não é reconhecida como deve ser? Seria o fato de ser mulher negra e descendente de escravos? Conforme Santos (2016):

Apesar das qualidades literárias, o romance *Úrsula* (1859) não alcançou repercussão nacional na época em que foi publicado, pois anunciava as primeiras ideias abolicionistas, ao mesmo tempo em que denunciava a violência dos “senhores” contra os escravos e, principalmente, porque exigia um lugar para o negro escravizado ou alforriado como partícipe da identidade brasileira. (SANTOS, 2016, p.188)

Dessa maneira, Santos (2016) ressalva questões maiores do que a etnia afrodescendente ou o gênero da autora: o conteúdo antiescravista que as obras de Maria Firmina carregavam foi e talvez seja um dos impeditivos de sua pouca visibilidade. A pesquisa destaca a obra *Úrsula* (1859) e sua perspectiva política como fator de desprezo pela sociedade da época. Também menciona a mesma questão para o descaso em relação ao escritor Teixeira Souza, enfatizando que o universo oitocentista era carregado de preconceito.

O ideal político, literário, abolicionista e afrodescendente de Maria Firmina de construir uma nação sem opressão, por meio da literatura, encontra resistência no desejo da elite brasileira de ser uma cópia esmaecida da sociedade europeia. Essa resistência à literatura escrita por negros e/ou afrodescendentes manifesta-se nos primórdios do Romantismo, quando a crítica canônica nega ao mulato Teixeira de Souza, de origem humilde a carpinteiro, a primazia de ser o primeiro escritor do Romantismo, com o romance *O filho do pescador* publicado em 1843. Assim, o privilégio de ser o introdutor do gênero romance, no Brasil, coube ao médico, político e professor, Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A moreninha* (1844).

Por conseguinte, a pesquisa percebe que a etnia e a condição social exerceu grande influência, respectivamente, na ausência de ascensão de Teixeira de Souza e Maria Firmina, impedindo-os de conquistar o título de primeiros romancistas brasileiros, como aborda Santos (2006) “[...] para os detentores do

poder literário, a cor da pele e a condição social do escritor podiam ser usadas para elevá-lo ou deixá-lo no limbo [...]”. (SANTOS, 2016, p. 190)

Havia a tentativa de “silenciar” as ideias da pensadora, já que as ideologias expostas por ela remavam contra o pensamento social do século XIX. “A literatura abolicionista, afrodescendente e subversiva de Maria Firmina tem início com a publicação de *Úrsula*, em 1859, na qual aborda a escravidão a partir do ponto de vista do escravo [...]” (SANTOS, 2016, p. 191). Ou seja, não se via maior afronta do que uma mulher negra e com uma literatura antiescravista, mostrando a verdadeira face do regime escravocrata.

Úrsula (1859) permuta, nas vozes das figuras brancas e negras, uma mistura de sentimentos positivos (amor, sanidade e alegria) e negativos (morte, opressão, subordinação, castigo e loucura), enaltecendo os valores da cultura africana que simbolizavam a libertação:

Na prosa de Maria Firmina comparecem não apenas as propostas teóricas da literatura romântica, mas também o desejo de elaborar uma literatura afro-brasileira em consonância com a contribuição dada pelo negro ao Brasil. Além disso, o esquecimento por mais de cem anos de sua obra revela o preconceito da crítica canônica em nomear uma mulher triplamente marginalizada como autora do primeiro romance do romantismo brasileiro. (SANTOS, 2016, p. 204)

É por isso que Maria Firmina se torna diferente de qualquer autor da sua época, uma vez que a maioria dos escritores visava seguir o padrão do romance europeu, enquanto a autora salientou as riquezas herdadas da África, a ideologia antiescravista e a representatividade do negro e afrodescendente na sociedade.

4.16 A ESCRITORA MARIA FIRMINA DOS REIS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA PROFESSORA NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX

A dissertação de mestrado realizada por Carla Sampaio dos Santos⁴⁵, no ano de 2016, tem como objetivo analisar as três obras de Maria Firmina: *Úrsula* (1859), *A escrava* e *Gupeva*, bem como a vida e trajetória de educadora e escritora. Segundo Santos (2016), Maria Firmina lhe chamou a atenção pela sua escrita abolicionista, que era o foco de estudo da mestranda:

⁴⁵ Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (2013) e mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2016). Atualmente, doutoranda em Educação na Unicamp. Experiente na área de História, com ênfase em História da Educação, História Cultural e Sociologia literária.

[...] Ela seria então um símbolo por se tratar de uma mulher negra, pobre, nordestina que fora esquecida pela historiografia e que em tempos recentes, fora “resgatada” do esquecimento por ações isoladas de memorialistas ou estudiosos de literatura [...]. (SANTOS, 2016, p.11)

Além deste fato, Santos (2016) admite que acima de tudo identificou-se com a autora “[...] A primeira identificação ocorre porque estou em condições que remetem a Maria Firmina: mulher, negra, nordestina, residente na cidade de Salvador (Bahia) [...]” (SANTOS, 2016, p.11). Dessa maneira, Santos (2016) se identifica com Firmina, devido às semelhanças em suas vidas: mulher negra, pobre e nordestina que por muitas vezes foi discriminada em sua vida acadêmica, conforme a pesquisadora relata em seu trabalho.

Como ressalva Santos (2016), as informações coletadas sobre a vida e trajetória da professora e escritora, por vezes não eram verídicas, uma vez que os dados da escritora foram, na grande maioria, perdidos. Por esses e outros motivos – ser mulher e negra – o reconhecimento de Maria Firmina e suas obras acontecem apenas na metade do século XX, quando Horácio de Almeida, em 1962, descobre, por acaso, *Úrsula* (1859). Apesar disso, José Nascimento Morais Filho, em 1975, publica o livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, com fragmentos da vida, obras e documentos da escritora.

Santos (2016) revela que Maria Firmina teve apoio de sua família para trilhar o caminho de professora e se aprofundar nos estudos. Ao se tornar professora, é possível que Maria Firmina tenha utilizado o Método Lancasteriano⁴⁶ para lecionar, o qual era exigido pela Lei de 1827⁴⁷, artigo nº 6. Contudo, essa informação não pode ser de fato confirmada, pois não há documentos que comprovem isso.

Santos (2016) remete ao estudo aprofundado das dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes, pois eram classificados como seres incapazes de produzir culturalmente, ou contribuir com seu intelecto. Todavia, Maria Firmina comprova o

⁴⁶ Método de ensino pedagógico desenvolvido por Joseph Lancaster que se atentava a usar alunos destaques das turmas para ensinar outros alunos. O professor cumpria o papel de instrutor desses alunos destaque.

⁴⁷ Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil.

contrário, produzindo importantes obras, mesmo não sendo reconhecida nacionalmente naquele momento.

O romance *Úrsula*, de 1859, descreve os personagens que têm grande participação no desenvolvimento do enredo da história, contrariando “regras sociais” impostas na época. Tulio e Preta Suzana, personagens relevantes, questionam o sistema da escravidão e crueldade impostas pelos senhores de escravos. Santos (2016) também observa que a busca pelo reconhecimento de Maria Firmina como uma das pioneiras da literatura brasileira, começa a ganhar força e forma com maior efetividade no século XXI, quando pesquisas e artigos sobre a autora começam a ter uma maior frequência, juntamente com a efetivação da Lei 10.639/03⁴⁸. Acreditamos nessa tese e comprovamos pelo levantamento aqui realizado que a partir de um contexto favorável ao estudo da história da África e dos afro-brasileiros, inclusive em forma de lei na educação de ensino médio e básico, a partir de 2003, a visibilidade da autora se fortalece. Com a obrigatoriedade de estudo da cultura afro-brasileira e africana instituídos nas grades curriculares nacionais desde 2003, autores e autoras negras passam a ser mais pesquisadas e estudadas.

4.17 MARIA FIRMINA DOS REIS E SUA ESCRITA ANTIESCRAVISTA

O artigo de Régia Agostinho da Silva⁴⁹ (2017) busca passar para o leitor que a obra *Úrsula* foi um romance com abordagem sobre igualdade racial entre negros e brancos, destacando a importância dos personagens negros no desenvolvimento da história. Esses personagens, mesmo vivendo no período da escravidão, são descritos como pessoas generosas e nobres, e, como relembra Silva (2017):

[...] ao pensarmos as formas como Maria Firmina dos Reis representou os cativos em seus escritos, podemos perceber como ela lutou contra discursos considerados dominantes, em relação à escravidão da época. A escravidão foi tema de diversos literatos do período, mas o que demonstramos aqui é que Maria Firmina dos Reis teve um olhar diferenciado para isso [...]. (SILVA, 2017, p. 43)

Dessa forma, Silva (2017) afirma que, com a escrita e literatura sutilmente antiescravista, Maria Firmina, de linhagem afrodescendente, conseguiu passar sua mensagem a todos que tinham o pensamento de luta pela liberdade.

⁴⁸ Lei que efetiva o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

⁴⁹ Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PPGHS/UEL 2013), graduada em História pela mesma universidade (2009).

A obra *Úrsula* (1859) traz em seu enredo personagens dotados de qualidades, e Silva (2017) analisa cada característica marcante dos protagonistas do romance. Lembrando que, sendo uma obra antiescravista, ela retrata o escravo como uma figura de bondade e honestidade.

Primeiramente, observamos as qualidades de Tulio, cativo bondoso e generoso, que sem medir esforços ajuda um homem branco e desconhecido que estava caído em uma estrada. Portanto, é com tais descrições que Maria Firmina descaracteriza a suposta superioridade intelectual imposta pelos brancos sobre os negros, uma vez que, na obra, os escravos têm em suas falas atitudes opositoras aos opressores.

Outra personalidade forte e marcante da saga é Preta Suzana que, com sua aparente calma e ternura, conta aos mais jovens toda a trajetória de um povo capturado nas distantes terras da “Mãe África” e escravizado no Brasil colonial, enfatizando a desumanidade que esse povo sofria durante o percurso da viagem. “[...] A preta Suzana é uma personagem fundamental para entendermos o discurso antiescravista de Maria Firmina e como a autora se preocupou, ao longo do romance, em discutir a questão da escravidão” (SILVA, 2017, p. 49).

Ao colocar toda sua fascinação pela África, a personagem Suzana busca entender como seria a liberdade e felicidade se ainda vivesse na África livre.

Suzana funciona como uma espécie de memorialista, tratando do passado ancestral e do movimento de diáspora para o Brasil, ao contrário de Túlio, que pensava a África como um lugar de origem dos seus ancestrais. Suzana é uma negra cativa que passou pelo processo do trágico negreiro. (SILVA, 2017, p.50)

Com isso, os diálogos desta personagem sempre lamentam o fato de ter sido retirada de sua família e levada para além do grande mar. No entanto, apesar dos relatos descritos pela autora parecerem realistas, eles são idealizações da escritora, ou seja, nas palavras da Preta Suzana, Reis (1859) passa a sua criação literária, descrevendo as terras distantes de seus antepassados, dando voz à personagem para falar contra a escravidão. Discordamos, pois os africanos aqui aportados tiveram em África sua vida, sua comunidade, seus bens e famílias. Vinham para cá e não se esqueciam de lá, contando e recontando sua vida pregressa.

Por fim, o último escravo analisado por Silva (2017) é Antero, este que se opõe um pouco aos princípios nobres, já que é um cativo alcoólico e idoso que trabalha nas terras do Comendador Fernando P, vilão do romance.

O velho escravo é apresentado como alguém dado ao hábito da embriaguez. Esse estratagema vai ser usado por Maria Firmina para explicar duas coisas: primeiro, como Túlio conseguirá fugir da fazenda de Fernando P..., e, segundo para falar mais uma vez dos tempos da mãe África, de que Antero se recordará quando Túlio o advertir sobre mau hábito de beber. (SILVA, 2017, p. 52)

Contudo, Reis (1859) esclarece na voz de Antero que o alcoolismo na África era considerado parte de um ritual ligado à religião, onde se misturavam fetiches, brincadeiras e diversões nessas adorações politeístas. Essas idealizações referentes a rituais e os saberes dos personagens na África são informações, que, possivelmente foram obtidas por Maria Firmina (1859) por meio de textos literários e relatos de viajantes que reconheciam essa temática. O alcoolismo, como referimos, era uma forma de resistir ao cativo. Nele, muitos encontraram a saída para amenizar a vida sofrida.

Tratando-se de religião, Silva (2017) percebeu a relação da religiosidade citada por Maria Firmina (1859), e como sua obra tinha ligação com o famoso romance antiescravista *A Cabana do Pai Tomás*, do século XIX, da escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe. Embora as obras tenham temáticas antiescravistas, Silva (2017) acredita que Firmina não teve acesso a esse romance “[...] que saiu entre os anos de 1851 e 1852 em formato de folhetim no jornal *National Era* e depois, em março de 1852, publicado como livro” (SILVA, 2017, p.53).

Dessa maneira, presumimos que os fatos não passam de uma coincidência, mas o ponto chave desta questão que Silva (2017) reforça é justamente a referência religiosa. Enquanto em *Úrsula* (1859) predomina o catolicismo, em *A Cabana do pai Tomás* (1851), se acentua o protestantismo.

No Brasil, durante o período em que o romance *Úrsula* foi escrito, percebemos uma forte influência da religião católica, que era a única permitida no território do Império. Perante a Igreja, a escravidão era um ato permitido por “Deus”, pois estes não tinham o conhecimento da salvação ditado pelos homens brancos

(europeus), detentores de todos os saberes. Discordamos, pois não eram todos os religiosos que concordavam com essa visão. Não se pode fazer generalizações dessa ordem. Como aqui já mencionamos, houve muitas igrejas dos pretos construídas e frequentadas por eles no período colonial e imperial, comprovando a sua atuação como crentes, arquitetos e artistas. Essas igrejas hoje são sítios turísticos no Brasil e também continuam com ofícios religiosos.

Estes homens, os brancos, são retratados como bárbaros em uma passagem do romance *Úrsula*, na voz da personagem Preta Suzana, que sofre toda a amargura de seu estado de escravidão:

E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira, era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...]. (Reis, 2004, p.116-117)

E assim, segundo a pesquisadora Régia Agostinho da Silva, a obra *Úrsula* se finaliza tendo em vista a menção catolicista, mostrando que os personagens escravocratas podem encontrar a salvação, se arrependidos. “Maria Firmina continua sua empreitada na escrita antiescravista e, em 1887, publica um conto chamado *A Escrava* com tons mais arrojados e menos religiosos [...]”. (SILVA, 2017, p. 55)

Silva (2017) retoma a obra *Úrsula* através da perspectiva que enfatiza a análise de seus personagens, e como a literatura antiescravista estava intimamente ligada à questão religiosa, relacionando a obra da autora com o livro da escritora Harriet Beecher Stowe, uma vez que ambas têm enredos antiescravistas e com forte presença da religiosidade; em Maria Firmina, o catolicismo, e em Stowe, o protestantismo. Silva (2017) também destaca minuciosamente a participação que cada personagem negro tem dentro da obra *Úrsula*, mostrando que a visão de Maria Firmina era completamente diferente de qualquer obra da época. Entretanto, nos EUA, o afro-americano viveu de modo mais substantivo o protestantismo e internalizou os valores protestantes de modo mais duradouro à sua especificidade histórica, não congregando com os brancos o mesmo templo. Até hoje, as igrejas se dividem entre as frequentadas por pretos em separado das em que predominam os

brancos. É uma forma de resistência negra. Esse fato é quase majoritário em território americano, o que é raro no Brasil.

4.18 A INVISIBILIDADE DA LITERATURA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Artigo que investiga a vida e obra de Maria Firmina e sua invisibilidade no meio literário, realizado por meio de pesquisas bibliográficas pelos autores José Jonas Mangueira da Silva⁵⁰, Gessé Gabriel de Almeida da Silva e Sérgio Araújo de Mendonça Filho⁵¹. Silva et al (2017) encontram em *Úrsula* (1859) a verdadeira história da literatura romântica, brasileira e afrodescendente.

Silva et al (2017) descrevem que Maria Firmina foi uma peça influente no meio literário, uma vez que representava a sua classe: a minoria. Numa sociedade que privava o escravo e a mulher de ter acesso à educação e aos seus direitos, como seres participantes e integrantes ativos socialmente, a obra *Úrsula* (1859), contesta e critica essas atitudes por meio da importância que Maria Firmina atribui a cada personagem de sua saga. “[...] *Úrsula* se apresenta totalmente diferente dos romances da época, pois dá voz aos negros e mulheres para que falem sobre seus sofrimentos. [...] Maria Firmina coloca o escravo como um sujeito visível, pelo e com uma moral pessoal” (SILVA et al, 2017, s/p). Assim sendo, a literatura de Maria Firmina é original, uma vez que dá voz aos oprimidos, todavia, sua invisibilidade perdurou por décadas:

[...] Maria Firmina foi redescoberta em 1961 por Horácio de Almeida, antes disso ela só foi mencionada em dois livros: o Dicionário Bibliográfico Brasileiro (1900), de Sacramento Blake, e Dicionário Literário Brasileiro (1978), de Raimundo Menezes. A ausência de Maria Firmina dos Reis é percebida em vários livros didáticos e nas maiores obras sobre a história da nossa literatura [...]. (SILVA et al, 2017, s/p)

Nessa perspectiva, Silva et al (2017) relatam que o esquecimento injusto da autora se deu por conta dos padrões exigidos pela sociedade oitocentista que era, acima de tudo, patriarcal e racista, voltados majoritariamente ao grupo elitico, ou seja, a elite comandava as atividades sociais e, certamente, não possibilitaria que uma escritora negra e abolicionista fizesse parte dos grupos prestigiados. Apesar

⁵⁰ Graduando em Direito pela Universidade Federal da Paraíba - Campus Sede. Técnico em Mecânica integrado ao Ensino Médio pelo Instituto Federal da Paraíba - IFPB.

⁵¹ Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual do Ceará (2006) e especialização em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos (2010).

disso, Maria Firmina enfrentou todos os contratemplos e levou suas obras a conhecimento público, e mesmo que não tivesse o reconhecimento merecido, não deixou de expor o que pensava sobre os costumes oitocentistas.

O artigo de Silva et al (2017) possibilitou analisarmos as razões pelas quais Maria Firmina caiu no esquecimento, mesmo sendo uma escritora talentosa que tecia seus enredos de forma consistente. A obra *Úrsula* (1859) é uma fonte histórica que precisa ser reconhecida, não só pelos estudiosos das áreas literárias, mas pelos estudantes das instituições escolares e universitárias, já que é uma leitura enriquecedora, carregada de conhecimento, e principalmente, direcionada às minorias que mesmo nos dias de hoje, ainda sofrem situações excludentes em uma sociedade que priva pelo status. Entretanto, temos insistido que Firmina, em virtude da classe social, escolaridade e rede de relacionamentos, alcançou em seu meio local visibilidade.

4.19 “VOU CONTAR-TE O MEU CATIVEIRO” MARIA FIRMINA DOS REIS E A REEDIÇÃO DE ÚRSULA NO SEU CENTENÁRIO DE MORTE

A presente matéria, redigida por Leonardo Nascimento⁵², para a revista Pernambuco⁵³, no mês de outubro de 2017, visa exaltar as obras e trajetória de vida de Maria Firmina no seu ano de centenário de morte. Negra, maranhense, pobre, professora e escritora, Maria Firmina criou uma literatura inovadora, “[...] teve uma grande atuação na imprensa local, publicando poemas e contos [...] *Úrsula* obteve também significativa repercussão por parte da crítica literária maranhense [...]” (NASCIMENTO, 2017, p. 14). Concordamos com essa informação. Infelizmente, boa parte das análises sobre a escritora apenas repete a informação sobre sua total invisibilidade, o que não é verdade.

Contudo, isso não foi suficiente para perpetuar sua memória, pois apesar de ser uma escritora brilhante, ela permaneceu esquecida por quase um século, sendo redescoberta por Horácio de Almeida na década de 60 e, depois, na década de 70, com a publicação da obra que retratava sua trajetória de vida como escritora. De acordo com Nascimento (2017), não há retratos que possam dar uma noção de como Maria Firmina era fisicamente, e, por isso, em suas retratações, a escritora é vítima do branqueamento.

⁵² Jornalista e historiador.

⁵³ Capa da revista em anexo.

[...] o caso mais recorrente e emblemático é o uso da ilustração do busto da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann, [...] em outra representação recente, que é o quadro contendo a pintura do que se imaginou ser o rosto de Maria Firmina dos Reis, afixado na galeria da Câmara Municipal de Guimarães [...] foi nitidamente baseado no retrato da escritora gaúcha [...]. (NASCIMENTO, 2017, p. 15)

Dessa maneira, Maria Firmina é alvo da ideologia que mais abominava: a do poder de uma raça sob a outra, do encobrimento de uma identidade considerada de pouco valor e da exclusão. Por isso, no enredo de *Úrsula* (1859) é possível reconhecer que a autora focaliza aqueles que são desvalorizados perante a sociedade e utiliza seus personagens para transmitir seus ideais e as causas pelas quais estava inclinada.

A importância de Nascimento (2017) resgatar Maria Firmina no seu centenário de morte é uma forma de divulgar sua obra, bem como, reconhecer o talento de uma autora que permaneceu muitos anos esquecida. *Úrsula* (1859) se afirma como uma literatura abolicionista, que repassa a trajetória de um povo subjugado e sofrido, e é por causa desses aspectos que a literatura produzida por Maria Firmina é única.

4.20 A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA LEITURA DE A ESCRAVA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS E MINHA MÃE DE LUÍS GAMA

O presente artigo, elaborado por Tatiana Valentin Mina Bernardes⁵⁴, Zâmbia Osório dos Santos⁵⁵ e Eliane Santana Dias Debus⁵⁶, tem como fundamentação o estudo de casos de duas obras, *A escrava*⁵⁷ e *Minha mãe*⁵⁸, produzidas por escritores negros do Brasil oitocentista: Maria Firmina dos Reis e Luís Gama⁵⁹. De

⁵⁴ Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-graduação *latu senso* em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora efetiva de Educação Infantil desde 2002 pela Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC).

⁵⁵ Mulher negra, professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis, mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (2018). Bacharelada e licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Pesquisadora filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as)/ABPN.

⁵⁶ Possui graduação em Letras, com Licenciatura em Português e Inglês pela Fundação Educacional de Criciúma (1991), mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996), doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e pós-doutorado na Universidade do Minho (PT).

⁵⁷ Conto abolicionista escrito por Maria Firmina dos Reis e publicado no ano de 1887.

⁵⁸ Enredo abolicionista escrito pelo autor, negro e escravo liberto, Luís Gama no ano de 1861.

⁵⁹ Escritor romântico oitocentista.

acordo com Bernardes et al (2018), apesar de serem literaturas divergentes, o ponto comum entre elas seria a representação e a tematização da mulher negra, bem como, a apresentação de um enredo contraditório ao sistema político-cultural do século XIX.

Bernardes et al (2018) ressaltam que Maria Firmina foi escolhida para estudo justamente por fazer da classe marginalizada e menosprezada da época. Primeiramente, o fato de ser mulher não lhe garantia reconhecimento, e segundo a sua condição de afrodescendente, a tornava descredenciada. Com seu romance *Úrsula*, Maria Firmina traz uma nova visão aos leitores do século XIX.

Romance de cunho abolicionista leva o nome da personagem Úrsula, mas, conforme se nota, no tratamento dado às personagens negras e negros, às mulheres e à escravidão, percebemos que as preocupações centrais no romance são outras, para além da história de amor entre Úrsula e o bacharel Tancredo. (BERNARDES et al, 2018, p. 121)

Portanto, a obra de Maria Firmina se tornou revolucionária, uma vez que boa parte dos livros continham uma imagem secundária da mulher e do negro, desvalorizando ambos ou colocando-os como personagens de pouca importância dentro do enredo. Porém, seguindo nossa linha de pensamento, destacamos que outros romancistas elaboraram narrativas protagonizadas por negros. A exemplo da peça *Mãe*, de Alencar, em 1860.

Tratando-se do escritor negro Luís Gonzaga da Silva Gama (1830-1882), outro autor que é foco desse estudo, este, durante toda sua vida, travou uma constante luta para se tornar um homem livre e conseguir conquistar algum espaço para seu reconhecimento como um dos escritores de destaque do Brasil escravagista.

Nascido em 21 de junho de 1830 em Salvador, na Bahia, filho de africana livre e de homem branco de origem portuguesa. Aos sete anos de idade, no ano de 1837, perde contato com a mãe, Luísa Mahin, que se envolve na revolta de Sabinada e deixa a cidade de Salvador rumo ao Rio de Janeiro. (BERNARDES et al, 2018, p. 122)

Assim como Maria Firmina, Luís Gama também tinha em suas veias o sangue africano, mas sua trajetória de vida foi diferente da autora. Conforme Bernardes et al (2018), Luís Gama era livre até seu pai vendê-lo para sanar dívidas de jogatinas. Dessa maneira, acabou vendido a um fazendeiro da província de São Paulo e aprendeu diversos ofícios. O autor aprendeu a ler e escrever com seu amigo Antônio Rodrigues do Prado, um estudante da capital que se hospedava na casa do

senhorio de Gama. “[...] Em 1848, Luís Gama consegue provar nos tribunais que é um homem livre e foge da casa do alferes Cardoso, nesse ano entra para a Polícia Militar e permanece até 1854, chegando a ser promovido a cabo da esquadra.” (BERNARDES et al, 2018, p. 122). Lutando contra o regime escravista, Luís Gama filiou-se ao Partido Liberal para participar das causas abolicionistas. No ano de 1859, publica o livro de poesia *Primeiras trovas burlescas*⁶⁰.

Os livros escritos por Maria Firmina e Luís Gama, segundo essa pesquisa, trazem uma abordagem diferente sobre as mulheres negras no contexto do século XIX, dando voz a elas, diferentemente de outras obras que, em sua maioria, desprezavam a presença do negro. É necessário ressaltar que as obras oitocentistas diferenciavam a mulher negra da mulata:

[...] em verdade a construção é de dois “gêneros” de mulher negra: a mulata e a preta. [...] A mulata tem a materialização de sua representação na figura da mulher fogosa, fruto da mistura proibida do branco com a negra, detentora de toda libido tropical; enquanto a preta é a força bruta, da labuta diária, trabalhando lado a lado dos homens negros no eito ou no espaço da cozinha. (BERNARDES et al, 2018, p. 123)

Desse modo, é possível perceber a hierarquia racial presente nessas obras. A mulata era vista de forma diferente, uma vez que tinha o sangue mestiço, então passava de servente para sedutora e desejada pelos senhores de engenho.

[...] negros e negras eram personagens quase ausentes ou referidos ocasionalmente como parte da cena doméstica. Personagens mudos, desprovidos de uma caracterização que fosse além da referência racial, logo sem história ou profundidade. (BERNARDES et al, 2018, p. 124)

Maria Firmina e Luís Gama quebram esse paradigma, apresentando conceitos realistas em suas obras e, como mencionado anteriormente, não seguiam os mesmos enredos das obras publicadas naquele período, pois grande parte delas, como destaca Bernardes et al (2018), apenas retratavam as mulheres negras como objetos de trabalho ou de prazer.

Portanto, Maria Firmina e Luís Gama, autores de origem negra, buscaram desmistificar os estereótipos pré-estabelecidos para essas mulheres negras ou descendentes, nos quais a negra africana estava destinada ao trabalho e a mestiça “mulata” era desejada sexualmente. Luís Gama, em sua obra *Minha mãe*, enfatiza a personagem que preza pela união e defesa dos filhos. Maria Firmina, em seu

⁶⁰ Obra que contém a compilação de poemas e produções do autor Luís Gama, que na época usava o pseudônimo *Getulino*.

romance *Úrsula*, dá voz a todos os personagens que vivem no regime de cativos, personagens negros dotados de grandes emoções.

O artigo de Bernardes et al (2018) abordou dois importantes escritores abolicionistas, Maria Firmina e Luís Gama, que procuravam através de suas obras trazer a realidade do povo afrodescendente. Apesar de o foco central de Bernardes et al (2018) não ser a obra *Úrsula*, as autoras realçaram a presença do afrodescendente nas obras literárias, por isso, este trabalho se enquadrado na presente pesquisa, pois além de destacar Maria Firmina como escritora negra e revolucionária, também focaliza a relevância de uma literatura produzida por escritores que reconheciam a opressão do povo escravo.

4.21 A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA: A AUTORA E AS PERSONAGENS EM ÚRSULA.

O artigo de Maria Valdenia da Silva⁶¹ e Francisca Lisiani da Costa Rodrigues⁶², publicado na Revista de Letras e Linguística, no ano de 2018, aborda a questão da mulher e dos escravos no Brasil oitocentista e como são descritos nas obras literárias. As pesquisadoras tomaram como base para seus estudos o romance *Úrsula*, escrito por Maria Firmina e publicado em 1859, período que o Brasil passava por conflitos políticos e sociais.

A literatura escrita por Maria Firmina desmitificou a mulher do século XIX, que parecia ser sempre submissa, sem direitos de se expressar, que simplesmente obedecia e não colocava em questionamento o que era determinado pelo patriarcado vigente. Conforme Silva e Rodrigues (2018), “Maria Firmina atua no século XIX para além das barreiras de gênero, enfrentando também outros muros da literatura por ser uma mulher afro-brasileira [...]”. (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p)

A fase literária predominante no Brasil oitocentista era o Romantismo, e “[...] é possível observar como a literatura fora excludente mesmo com o objetivo de criar uma identidade nacional [...]” (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p). Isto é, a literatura não era acessível a todos.

⁶¹ Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2008), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1993).

⁶² Mestrado interdisciplinar em História e Letras – Muhl – Universidade Estadual do Ceará.

Escritores brancos escreviam sobre índios heróis e românticos que aceitavam o colonizador de maneira pacífica. Escritores homens escreviam sobre mulheres submissas, excluindo negros da formação social brasileira, porque o contexto do romantismo animalizava e escravizava a população negra, portanto, sua participação na literatura limitava-se a personagens que seguiam esse estereótipo. (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p)

Não concordamos inteiramente com esse posicionamento. Na obra *Iracema*, de Alencar, por exemplo, temos no enredo os conflitos étnicos e não somente um feliz consórcio entre portugueses e índios. A personagem Iracema, a exemplo, é construída de forma mais elaborada que Martim. Este é bastante claudicante e fraco em relação à Iracema. Esta é valorosa na nação Tabajara, toma a iniciativa de romper com sua comunidade, enfrenta Martim, flechando na face, insta-o a travar um intercuro sexual, dá à luz a Moacir. Desse modo, embora houvesse idealização nos romances, e a identidade nacional positiva fosse o foco, é necessário empreender uma leitura mais apurada de obras que intentavam criar uma brasilidade. Nem todas criam personagens indígenas desprovidos de agência e autonomia. No enredo é melhor retratada que o português. Como ressaltam Silva e Rodrigues (2018), quando as minorias rejeitadas pelo sistema conseguiam se manifestar, estas eram esmagadas pela exclusão, “[...] Sem as mesmas chances, esses foram apagados da historiografia literária ou passaram por um processo de branqueamento para serem aceitos como escritores [...]” (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p). Não concordamos, pois Firmina foi reconhecida localmente.

No século XIX, de acordo com Silva e Rodrigues (2018), ser uma escritora não era comum no meio feminino, pois as mulheres estavam destinadas aos afazeres do lar e tinham o papel de leitora dos clássicos quando pertencentes a classes mais abastadas, caso contrário, eram serventes, domésticas, costureiras, entre outras profissões comuns às classes menores, e no caso das escravas, estas estavam destinadas, em grande maioria, ao trabalho pesado, estando impossibilitadas de estudarem ou terem acesso às instruções. Contudo, Maria Firmina quebra esses paradigmas ao apresentar um enredo antiescravista, voltando-se contra as ideologias sociais impostas.

Maria Firmina dos Reis, mulher e negra, não pertencia ao padrão de escritor romântico e suas personagens e enredo destoavam dos modelos vigentes nas obras românticas. Desta forma, a escritora se compromete com os sujeitos excluídos da literatura e da sociedade oitocentista: homens negros e mulheres negras. (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p)

Maria Firmina focaliza as minorias marginalizadas colocando-as em suas obras:

Em seu romance *Úrsula*, Maria Firmina apresenta uma narrativa esteticamente típica do Romantismo: o enredo romântico, o amor que não triunfa, um triângulo amoroso, a morte e outros temas comuns nos romances do século XIX. Não obstante, as vivências dos escravos descritas na narrativa oferecem fortes traços de crítica social, apresentando uma narrativa consciente das condições do negro no período escravista, além de denunciar os maus tratos sofridos pelos negros na época, em que navios negreiros traziam africanos para serem escravizados no Brasil. (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p)

Maria Firmina dá poder aos seus personagens através da palavra, e como realça Silva e Rodrigues (2018), é uma mulher afrodescendente que escreve sobre mulheres e transfere seus pensamentos aos personagens do enredo, que apresentam vozes ativas. “[...] As personagens de *Úrsula* são vozes ativas, são protagonistas, são denunciantes, são mulheres negras” (SILVA; RODRIGUES, 2018, s/p). Portanto, diferente das mulheres submissas retratadas na literatura brasileira, Maria Firmina busca a essência da mulher crítica e as coloca em suas representações, revelando, por meio dessas vozes, o verdadeiro sistema opressor e escravista enfrentado no Brasil.

Silva e Rodrigues (2018) reforçam que em *Úrsula*, Maria Firmina não poupa as falas revolucionárias por meio de seus personagens escravos. A exemplo disso, temos Túlio, um jovem e nobre escravo, símbolo da coragem e da lealdade, que tem papel importante durante a narrativa da obra e, mais tarde, conquista a sua liberdade ao ser alforriado. Preta Suzana, escrava que representa a crueldade da escravidão, relata suas angústias e ressentimentos ao ser arrancada de sua família na África para ser escravizada e relembra com frequência da dor, do sofrimento e das saudades que sente de sua família e seu povo, tudo isso por decorrência do regime escravizador.

Como visto anteriormente, a voz na obra de Maria Firmina é feminina, por isso, a mulher branca também ganha seu espaço no romance. Temos a senhora Luísa B., mãe de *Úrsula*, que relata o sofrimento que passou enquanto estava casada, criticando-se o patriarcalismo. *Úrsula*, a protagonista branca, do enredo que tem fim trágico pela obsessão incessante de um pretendente que ela não amava, é também exemplo de voz feminina. Ao demonstrar isso em sua história, Maria

Firmina revela a falta de liberdade sofrida pela mulher, independentemente de classe social.

O presente trabalho de Silva e Rodrigues (2018) focaliza Maria Firmina e sua obra *Úrsula* como literatura histórica, uma vez que o romance pode ser visto como documento dos sistemas vigentes no Brasil oitocentista. Dessa maneira, podemos perceber como Maria Firmina estava à frente de seu tempo, mesmo tendo sido deixada no esquecimento. Enfrentando resistência por ser mulher e afrodescendente, registrou em sua literatura que as mulheres oitocentistas buscavam seus direitos, pois muitas já não se sujeitavam à opressão masculina. No campo da luta negra, a população escrava se agitava a cada conquista de alforria, bem como construíam estratégias de atuação política interna e externa para abolir a escravidão no Brasil. O romance retrata essa luta.

4.22 MARIA FIRMINA DOS REIS: A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE UMA ESCRITORA AFRODESCENDENTE NO BRASIL OITOCENTISTA

A presente dissertação de mestrado desenvolvida pelo pesquisador Zin, em 2018, ilustra a trajetória e a escrita de Maria Firmina. De acordo com Zin (2018), a pesquisa objetiva “[...] separar trechos substanciais e analisar, em profundidade, a partir da obra e somente pela obra, os fragmentos selecionados para depois emergir o conteúdo histórico presente em seus escritos [...]” (ZIN, 2018, p. 20). Para fundamentar sua pesquisa, informa que as fontes históricas presentes nas bibliotecas das universidades do estado de São Paulo (USP, Unicamp, Unesp, Unifesp, PUC-SP e FESPSP) foram de grande relevância, assim como a “[...] busca por informações em arquivos públicos e o resgate de periódicos maranhenses dos anos de 1860 a 1917 [...]” (ZIN, 2018, p. 20).

A escrita de Maria Firmina se dá na época em que o Brasil ainda estava sob o regime imperialista e sistema escravagista. Maria Firmina foi mulher, negra e escritora que criticou esse sistema opressor. [...] Proveniente das massas, mas não se dirigindo necessariamente para elas, a escritora encontrou na literatura uma forma de expressão estética, mas, sobretudo, política [...] (ZIN, 2018, p. 17). Maria Firmina procurava retratar as verdadeiras histórias dos cativos, um povo escravo que sofria na sociedade imperialista. Concordamos que a obra infelizmente não era lida pelos descamisados, uma vez que o analfabetismo predominava.

Zin (2018) destaca que o contexto social de Maria Firmina era bem movimentado culturalmente: [...] o Maranhão conheceu, assim, uma fase agitada e próspera de seu jornalismo, já que muitos periódicos foram colocados em circulação [...] (ZIN, 2018, p.31). Maria Firmina conseguiu espaço para publicar vários de seus poemas em um dos periódicos chamado *Eco da Juventude*⁶³, presente no Maranhão entre os anos de 1864 e 1865. Isso vai ao encontro do que temos frisado: a autora teve reconhecimento em vida.

Por se tratar de uma “publicação dedicada a literatura”, como anuncia seu frontispício, esse jornal conseguiu reunir um conjunto expressivo de novos literatos que almejavam ocupar o cenário do belas-letas, dentre os quais, Maria Firmina dos Reis. Foi nesse periódico, inclusive, que a ficcionista encontrou espaço para publicar alguns de seus poemas e a versão final do seu conto *Gupeva*. [...] (ZIN, 2018, p. 34)

Entre os escritores e jornalistas da província, encontrava-se Francisco Sotero dos Reis, primo de Maria Firmina, e que Zin (2018) acredita que tenha ajudado a escritora a publicar seus manuscritos, uma vez que o jornalista tinha grande influência na impressão e reprodução de periódicos. Contudo, a aproximação entre os primos nunca fora registrada ou confirmada.

Dessa maneira, a literatura de Maria Firmina é inserida no contexto social, abordando a questão do negro, que passa a ser tema recorrente para vários escritores do século XIX: “[...] a temática do cativo passa a ocupar algum espaço em nossa literatura, sendo que o poeta maranhense Gonçalves Dias passa também a se interessar pelo tema. [...]” (ZIN, 2018, p. 48). Seguindo essa linha, Zin (2018) afirma que Maria Firmina também foi precursora ao escrever sobre os negros escravizados no Brasil, uma vez que colocava voz em seus personagens cativos, como ocorre no enredo de *Úrsula* (1859), e Zin (2018) rebate que “[...] o que se percebe em *Úrsula* é uma preocupação inerente da autora em tratar do lugar ao qual os africanos e afrodescendentes foram destinados naquela sociedade, bem como da instituição da escravidão como um mal a ser combatido” (ZIN, 2018, p.49).

A obra *Úrsula* apresenta o enredo que acontece em uma região rica e não identificada pela autora, tendo personagens negros escravizados: Túlio, Suzana e Antero.

⁶³ Um dos periódicos de maior importância no Maranhão do século XIX.

Túlio, Suzana e Antero são personagens cujas identidades se destacam no plano constitutivo do romance, uma vez que suas vozes aparecem em dissonância com os discursos histórico e literário tradicionais, ou seja, não apenas como vozes de escravizados que aceitam a subordinação ao poder estabelecido, mas, pelo contrário, fazendo a crítica do processo escravagista. (ZIN, 2018, p. 51)

Dessa forma, Maria Firmina coloca os personagens que viviam sob o regime escravocrata na posição de questionadores e afrontadores de senhores da casa grande. Ao desenrolar o romance, observam-se sentimentos de compaixão, sofrimento, traição, religião, crueldade, liberdade, saudade, escravidão e morte, fortemente presentes em seus figurantes, o que gera um final inusitado para toda a trama, “[...] a perspectiva a qual a autora se filia para encerrar a sua narrativa não prevê para as personagens um final feliz, mas, sim, um desfecho fúnebre e sem quaisquer perspectivas de melhora” (ZIN, 2018, p. 60). Nesse cenário, também acreditamos que a escolha da autora foi certa, pois o universo escravocrata apresenta poucas saídas para as vidas ali narradas.

Conforme Zin (2018), *Úrsula* não é um manual contra a abolição, mas suas críticas recorrentes tornam a obra parte de uma literatura abolicionista e antiescravista. “[...] embora a atuação política de Maria Firmina tenha se dado de modo indireto e através das letras, ela não pode e nem deve ser subestimada. [...]” (ZIN, 2018, p. 89). As obras de Maria Firmina demonstram a coragem de uma mulher que diante de um sistema opressor não deixou de expor a sua ideologia e utilizou-se de seus manuscritos para disseminar seus ideais, por isso, a autora se torna brilhante e memorável. É uma literatura de resistência, como temos referido.

4.23 A IMPORTÂNCIA DE MARIA FIRMINA NA LITERATURA

A notícia redigida pelo jornalista José Carlos Ruy⁶⁴, em abril de 2019, na página online *Portal Vermelho*, destaca a celebração dos 160 anos da primeira publicação da obra *Úrsula* (1859), redescoberta pelo pesquisador Horácio de Almeida no ano de 1962, em um sebo do Rio de Janeiro. *Úrsula* foi dividida em duas edições, conforme Ruy (2019): “[...] a primeira, de 1859, saiu inicialmente em folhetim no jornal *A Moderação*, de São Luís, e depois em livro, no mesmo ano, pela Tipografia do Progresso, da capital maranhense”. (RUY, 2019, s/p)

⁶⁴ Jornalista e historiador. É editor do jornal *Classe Operária*, da equipe *Portal Vermelho* e da comissão editorial da revista *Princípios*.

O romance *Úrsula* veio à tona no período em que o Brasil Império passava por debates acirrados sobre a escravidão:

Úrsula foi o primeiro romance abolicionista publicado em língua portuguesa. Antiautoritário, criticou com ênfase a opressão da mulher pelo mesmo autoritarismo patriarcal que então dominava. Na vida real, Maria Firmina abominava a escravidão e a desumanização que decorre dela. (RUY, 2019, s/p)

Ruy (2019) revela a necessidade da correção dos livros considerados destaques importantes na literatura brasileira e a inserção, entre esses, da obra *Úrsula*, de Maria Firmina, ou seja, apresentar essa obra abolicionista como primeira e principal obra do romance brasileiro, destacando-se entre os romances tradicionais escritos por autores brancos e renomados na época, como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar.

Dessa maneira, a intenção do jornalista José Carlos Ruy é noticiar sobre a importância de uma obra que por muito tempo se manteve esquecida: *Úrsula*. Na matéria, comemora-se os 160 anos de lançamento da obra, bem como a exaltação de seu conteúdo antiescravista. De acordo com estudos realizados e agora, lembrados na notícia produzida, Maria Firmina nasceu em 1822 e enfrentou o subjugo imposto pelo homem em relação à mulher na sociedade escravagista, patriarcal, e com agravante por ser afro-brasileira. Para muitos, era impensável que mulheres tivessem a capacidade de produzir uma obra literária, e muito menos uma mulher negra.

4.24 DAS RAZÕES LITERÁRIAS E SOCIAIS AS QUAIS ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS, FOI INVISIBILIZADA

O artigo produzido por Luciano Santos Xavier⁶⁵ e Paulo André de Carvalho Correia⁶⁶, publicado na *Discentis*, no ano de 2019, focaliza a questão da inviabilização sofrida por Maria Firmina: [...] as mulheres sofreram inúmeras repressões e privações, simplesmente pelo fato de serem mulheres” (XAVIER; CORREIA, 2019, p. 17). O patriarcalismo levou-as ao estado de negligência.

⁶⁵ Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus IV - Jacobina/BA.

⁶⁶ Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus IV - Jacobina/BA.

A produção de conhecimento acadêmico/privilegiado na sociedade sempre foi direcionada a uma hegemonia masculina; [...], No entanto muitas dessas mulheres desafiavam esse sistema genérico e excludente, imergindo-se mesmo que “clandestinamente” na produção e difusão do conhecimento. (XAVIER; CORREIA, 2019. p. 17)

Nesse caso, Maria Firmina, negra e mulher, nascida no Maranhão, superou todos os obstáculos socialmente impostos e publicou a primeira obra abolicionista da história: *Úrsula*, e como ressaltam Xavier e Correia (2019), para acobertar sua identidade, utilizou-se do pseudônimo “Uma Maranhense”, deixando claro na nota redigida em sua obra “[...] que sua produção literária não seria negada pela elaboração textual, mas pelo lugar e contexto social em que ela vivia” (XAVIER; CORREIA, 2019, p. 19).

Desse modo, *Úrsula* (1859) é uma leitura antiescravista produzida por uma autora negra, e como confirmam Xavier e Correia (2019), vários autores também se posicionavam contrariamente à escravatura e redigiam sobre ela, no entanto, estes pertenciam a classes privilegiadas e eram brancos, o que tornava o olhar sobre o regime escravista não tão original quanto as produções elaboradas por Maria Firmina.

A autora pensou a frente de seu tempo, com aspectos políticos e ideológicos que visavam a condenação do sistema escravocrata, abordando em sua narrativa todo o discurso daqueles que não tinham poder de voz na sociedade, expondo as torturas e a exploração do trabalho, as condições decadentes de moradia, alimentação e as humilhações as quais as pessoas escravizadas eram submetidas. (XAVIER; CORREIA, 2019, p. 23)

Para compor e dar força à *Úrsula* (1859), Firmina apoia-se na religiosidade católica, e como destacam Xavier e Correia (2019), a autora enfatiza que os sujeitos são iguais diante dos olhos de Deus, direcionando, assim, o reconhecimento dos leitores para com o sofrimento do povo escravizado. Assim, Maria Firmina tece uma fortaleza de ideologia antiescravista através da história de seus personagens, exibindo a indignação pelo subjuogo sofrido no escravagismo.

Xavier e Correia (2019) buscaram nesse artigo exaltar a imagem de Maria Firmina dos Reis como a primeira escritora antiescravista da história brasileira, que mesmo sendo mulher e descendente de um povo condenado à inferioridade, não desistiu e encontrou forças para produzir uma obra que, no decorrer dos séculos,

tem se mostrado representativa dos negligenciados e marginalizados e se torna símbolo histórico de uma verdadeira produção abolicionista.

4.25 MARIAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: A ESCRITA DA VIDA E AS MARCAS DE UMA ESCRITA NEGRA EM TRÊS AUTORAS BRASILEIRAS

O artigo de Maria de Nazaré Barreto Trindade⁶⁷, publicado na revista *Relacult* – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, no ano de 2019, aborda a escrita de três mulheres brasileiras: Maria Firmina, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Para a articuladora, é importante ressaltar a escrita de mulheres que ultrapassaram as barreiras impostas pela sociedade para defender sua ideologia. “Pensar a literatura produzida por três mulheres negras é estar no campo de conflito, que se estabelece nas formas de representação das personagens negras nos diferentes aportes literários [...]” (TRINDADE, 2019, p. 8).

Cada qual respectivamente em sua época, Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são escritoras afrodescendentes contrárias aos padrões impostos pela sociedade, que direcionaram através de seus enredos o reconhecimento da minoria oprimida: mulheres e afrodescendentes. Trindade (2019) ressalta que são autoras de épocas históricas divergentes e que “[...] tiveram dificuldades de toda ordem e apresentam um legado de escrita de vida e de resistência que deve ser considerado pelas gerações atuais e futuras desse país” (TRINDADE, 2019, p. 9).

Maria Firmina, com seu romance *Úrsula* (1859), faz uma crítica à sociedade escravagista e empodera seus personagens escravos, dando-lhes voz para falar de seus sofrimentos. Carolina Maria de Jesus, com a obra “*Quarto de despejo*”, produzida com papéis reciclados do lixo, relata a sua vivência numa favela de São Paulo: “[...] Carolina de Jesus faz uma leitura do seu mundo e traduz em palavras, com força de denúncia, todo o drama, toda luta diária não apenas dela, mas de um coletivo, a favela [...]” (TRINDADE, 2019, p. 12). Por fim, Conceição Evaristo, também negra e provinda da favela de Pendura Saia, Minas Gerais, é a voz atual das causas sociais e raciais. Suas primeiras produções foram publicadas nos *Cadernos Negros* (1989). “Tem diversos contos publicados em obras coletivas e seis obras individuais, dentre elas, *Becos da Memória* e o romance *Ponciá Vicêncio*”

⁶⁷ Doutoranda em Antropologia na UFPA (PPGA/2017). Área de Concentração: Antropologia Social. Linha de pesquisa: memória, paisagem e produção cultural.

(TRINDADE, 2019, p. 12). Trindade (2019) afirma que Conceição Evaristo é a nova geração de autoras que dão continuidade à literatura que problematiza a igualdade de gênero, social e racial, ou seja, é inspirada por autoras que em décadas anteriores voltavam seus olhares aos grupos excluídos e/ou marginalizados.

Por conseguinte, Trindade (2019) objetivou nesse artigo visualizar a importância histórica e literária que Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo representam para a cultura nacional. Assim, a literatura produzida por essas mulheres é considerada fonte de conhecimento/reconhecimento histórico. Maria Firmina já é exemplo e fonte para suas sucessoras.

4.26 O MUNDO DA VIDA E O MUNDO DO TEXTO EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O artigo elaborado por Monica Saldanha Dalcol⁶⁸ e Anselmo Peres Alós⁶⁹, no ano de 2019, aborda duas questões inerentes: *Úrsula* foi o primeiro romance abolicionista, como também, o primeiro escrito por uma afrodescendente. Maria Firmina dava voz aos seus antepassados e contemporâneos e, dessa forma, repassava seus ideais que confrontavam os regimes sociais oitocentistas.

O romance *Úrsula* possui o seu caráter inovador com relação aos outros romances do período por trazer em seu enredo personagens negros e negras. Porém, não é apenas esse fator que ele seja inovador. [...] pela primeira vez na história da literatura brasileira, nós temos a voz de uma narradora escravizada, a personagem Mãe Suzana. Apesar de o romance partir de um fenômeno histórico vergonhoso e obscuro do regime escravocrata, a autora consegue, através de seu recurso ficcional, ultrapassar essa dimensão histórica. (DALCOL; ALÓS, 2019, p. 5)

Maria Firmina, ao possibilitar a fala dos personagens socialmente excluídos, libera-os do aprisionamento escravista e machista, reconhecendo-os como indivíduos componentes da sociedade, donos de suas próprias histórias, dotados de generosidade, bondade, fidelidade e produtores de cultura.

Conforme Dalcol e Alós (2019), a autora buscava de todas as maneiras fazer com que as classes desprestigiadas pela sociedade patriarcal fossem vistas sob outra perspectiva, ou seja, mulheres e negros estavam privados dos seus direitos

⁶⁸ Doutoranda em Letras (2016) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em filosofia (2014) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e licenciada em Filosofia (2010) pela mesma universidade.

⁶⁹ Graduação em Letras (2002) e Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

como sujeitos socialmente participativos. Entretanto, na ficção da escritora, assumem papéis que protagonizam e organizam o enredo através de atitudes e feitos que valorizam e destacam as suas melhores qualidades. Portanto, “Úrsula caracteriza a atitude política da escritora Maria Firmina, cuja ficção mostra-se como palco de denúncias, principalmente com relação às injustiças vivenciadas pelas mulheres e escravos no século XIX” (DALCOL; ALÓS, 2019, p. 13).

O propósito de Dalcol e Alós (2019) foi resgatar *Úrsula*, literatura de Maria Firmina, apontando a importância da autora ao se voltar para os grupos marginalizados, uma vez que se reconhecia como participante e pertencente desse grupo, pois era mulher e negra, ambas particularidades desprivilegiadas no meio social e literário oitocentista.

4.27 A IMPORTÂNCIA DA OBRA ÚRSULA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UM LIBELO CONTRA A ESCRAVIDÃO EM FORMA DE ROMANCE

O artigo elaborado por Ângela Maria Rubel Fanini⁷⁰ e João Carlos dos Passos⁷¹, de 2019, buscou se aprofundar nos estudos do romance *Úrsula* (1859), destacando o estudo do romance como discurso político contra a escravidão, bem como se debruçou no estudo das vozes no romance, destacando as personagens negras, tratando de polifonia e monologismo.

A partir da perspectiva de Bakhtin e do Círculo russo, *Úrsula* (1859), foco no estudo do romance, enquanto um discurso literário que traz as vozes sociais de seres humanos em cativeiro, ou seja, os escravos do enredo que representam as vozes do oprimido. Realça, desse modo, que, embora a parte formal do romance seja bastante ingênua e simples, constituindo-se em parte como narrativa folhetinesca e sentimental, com personagens pouco elaborados psicologicamente, o romance tem seu valor, sendo um libelo contra a escravatura.

A romancista Firmina não é alheia a essa realidade discursiva. Percebe as vozes sociais de seres concretos e as traz para dentro de sua obra a fim de compor uma dada narrativa em que essas personagens possam interagir entre si, concretizando suas vidas afetivas, sociais e laborais e no cativeiro. [...] Firmina responde ao seu tempo por intermédio da

⁷⁰ Graduada em Letras/Português/Inglês pela Universidade Federal do Paraná (1987), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1991) e doutorado em Teoria Literária e Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003)

⁷¹ Graduado em História pela Faculdades Integradas Espírita. Mestrando em Teoria Literária pela UNIANDRADE.

estetização de falas cotidianas reais de seu tempo e lugar. [...] Os romancistas, especialmente, observam a vida concreta em que vige a ideologia do cotidiano, ou seja, o real do dia a dia dos encontros e desencontros humanos e o formalizam por intermediação do discurso literário. (FANINI; PASSOS, 2019, s/p)

Nessa perspectiva, no discurso do romance *Úrsula*, Maria Firmina expõe o sofrimento dos escravos, que faziam parte da realidade vivida pela autora no Maranhão. A obra *Úrsula* foi escrita em terceira pessoa, mas suas personagens têm voz. Para os pesquisadores, entretanto, a maioria das personagens que advogam a causa abolicionista, sejam negros ou brancos, apresentam formação discursiva semelhante em termos de sintaxe e léxico, empobrecendo-se as falas. Maria Firmina parece querer enfatizar sua tese contrária à escravidão, criando um uníssono de vozes. Todas se parecem. Apenas a da personagem Preta Suzana difere, sendo mais bem elaborada e mais condizente com a narrativa e história da personagem. O romance, nesse sentido, é monológico, pois uma voz impera. Todavia, essa voz predominante contrapõe-se à escravatura, e esse fato faz do romance um discurso político necessário e emancipador, na visão dos pesquisadores. Na fala dos pesquisadores, temos: “A narrativa serve ao propósito de propagação de ideias abolicionistas. A ação fica como que a reboque do discurso sobre a questão africana. [...] A importância do romance, no entanto, é de caráter sociológico e histórico à medida que é nossa primeira obra feminina abolicionista” (FANINI; PASSOS, 2019, s/p). Desse modo, a literatura *Úrsula* pode ser analisada como um fragmento da história dos escravos no Brasil, partindo do ponto de vista dos próprios escravos.

O artigo de Fanini e Passos (2019) destaca a resistência do povo negro e a sua contribuição para a formação da nação brasileira. Em *Úrsula*, a obra em estudo, essa resistência se encontra nas páginas escritas por Maria Firmina que, através das palavras, empodera seus personagens negros criticando o sistema escravagista.

Os pesquisadores também destacam que o reconhecimento da obra *Úrsula*, como uma escrita antiescravista, se avoluma a partir dos anos 2000, uma vez que o resgate em definitivo das obras de Maria Firmina só ocorreu no século XX. Além da descoberta tardia dos seus trabalhos, outros fatores podem ter influenciado para que seu nome não tenha ganhado notoriedade nos meios literários da época, entre eles,

a questão de gênero (mulher e negra) e por ser uma área dominada exclusivamente pelos homens. Também se enfatiza que, embora passados mais de cem anos do falecimento de Maria Firmina, há ainda muitas instituições de ensino superior, sobretudo, cursos de Letras, que ainda não inserem Maria Firmina e suas obras de maneira mais efetiva em suas matrizes curriculares e disciplinas.

5 COMENTÁRIOS SOBRE AS PRODUÇÕES REFERENTES À ESCRITORA MARIA FIRMINA DOS REIS, BEM COMO SUA OBRA, O ROMANCE *ÚRSULA*

Trabalhamos com um apanhado de pesquisas/produções que resgataram o nome de Maria Firmina, tornando-a frequente em estudos culturais. A partir da década de 1970, o pesquisador Nascimento Moraes Filho foi decisivo para esse resgate, pois sua iniciativa foi pioneira, com todos os dados que conseguiu encontrar sobre a escritora. Contudo, sabemos que Horácio de Almeida, na década anterior, resgatou-a ao acaso num sebo, enquanto pesquisava sobre autores maranhenses, tendo importância capital nesse redescobrimto de Maria Firmina.

A autora se identificava como *Uma Maranhense*, pseudônimo que acobertava a sua origem e amenizava o preconceito da sociedade patriarcal e racista. As produções aqui trazidas, com certeza, não são as únicas sobre o *corpus*. No entanto, trouxemos considerável número delas, comprovando a importância da leitura. Em vez de analisarmos a obra, preferimos levantar o contexto de leitura da obra, percebendo os vários prismas de análise ali empreendidos. Nosso tempo de pesquisa é de dois anos e isso limitou nossa busca. Outros pesquisadores poderão acrescentar mais análises encontradas, contribuindo para a elaboração da fortuna crítica de Maria Firmina.

As seleções dos periódicos e demais pesquisas aconteceram de forma a procurar mais especificamente sobre a obra *Úrsula*. Portanto, a partir da primeira obra referente a Maria Firmina, *Maria Firmina: Fragmentos de uma vida*, no ano de 1975, de modo cronológico, as produções foram selecionadas até o ano de 2020, mostrando a trajetória de leitura relacionada à autora e seu romance. Interessante notar que houve, em algumas dessas pesquisas, a comparação com escritoras contemporâneas, Maria Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, provando que Maria Firmina estava muito à frente do seu tempo, quando se inclinou para propagar

as causas nas quais acreditava e que também dá início e exemplo para outros escritores e escritoras.

PESQUISAS COM PONTOS EM COMUM

Representatividade e leitura afro-brasileira
<ul style="list-style-type: none"> • 4.2: Zélia M Bora; artigo; 2004; Revista <i>latino-americana</i>. • 4.3: Cristina Ferreira Pinto-Bailey; artigo; 2007; <i>LITERAFRO</i>. • 4.4: Eleuza D. A. Tavares; trabalho de graduação; 2007; UESB. • 4.6: Régia Agostinho Silva; resenha; 2009; UFMA. • 4.8: Bárbara Simões; livreto; 2012; Maranhão. • 4.9: Janaína Santos Correia; artigo; 2013; Revista <i>Feminismo</i>. • 4.12: José Geraldo da Rocha, et al; artigo; 2014; Rio de Janeiro. • 4.14: Katiana Souza Santos; dissertação; 2015; Maranhão. • 4.15: José Benedito dos Santos; artigo; 2016; Revista <i>LITERARTES</i>. • 4.21: Maria Valdenia da Silva, et al; artigo; 2018; Revista de <i>Letras e linguística</i>. • 4.24: Luciano Santos Xavier, et al; artigo; 2019; Revista <i>Discentis</i>. • 4.26: Monica Saldanha Dacol, et al; artigo; 2019; <i>Scielo</i>. • 4.27: Ângela Maria Rubel Fanini; João Carlos dos Passos; artigo; 2019;

Tabela 3. Artigos/livros/trabalho/dissertação que trazem focos semelhantes, com ênfase na importância de Firmina no cenário cultural, literário e histórico.

Invisibilidade da autora
<ul style="list-style-type: none"> • 4.11: Bárbara L. Andreta; artigo; 2013; Revista <i>Ao pé da letra</i>. • 4.18: José Jonas Mangueira da Silva, et al; artigo; 2017; IFPB.

Tabela 4. Artigos que discutem a pouca visibilidade de Maria Firmina dos Reis.

Leitura comparativa (obra <i>Úrsula</i> com outras produções afro-brasileiras)
<ul style="list-style-type: none"> • 4.5: Paraguassu de Fátima Rocha; dissertação; 2008; UNIANDRADE. • 4.7: Régia Agostinho Silva; resenha; 2009; Fortaleza. • 4.10: Zahide L. Muzart; artigo; 2013; Ponta Grossa. • 4.13: Francelene C. S. Oliveira; artigo; 2014; UFRPE. • 4.17: Régia Agostinho da Silva; artigo; 2017; Maranhão. • 4.20: Tatiana Valentin Mina Bernardes, et al; artigo; 2018; Revista da <i>Anpoll</i>. • 4.25: Maria de Nazaré Barreto Trindade; artigo; Revista <i>RELAcult</i>.

Tabela 5. Dissertação/resenha/artigos que reforçam a ideia de continuidade da prosa romanesca sobre escravatura, realizada por autores negros.

Trajetória da autora
<ul style="list-style-type: none"> • 4.1: José Nascimento Morais Filho; livro; 1975; Maranhão. • 4.16: Carla Sampaio dos Santos; dissertação; 2016; Unicamp. • 4.19: Leonardo Nascimento; matéria de revista; 2017; Pernambuco. • 4.22: Rafael Balseiro Zin, dissertação; 2018; PUC-SP. • 4.23: José Carlos Ruy; Notícia; 2019; página online <i>Portal Vermelho</i>.

Tabela 6. Livro/dissertações/revista/portal online que trazem detalhes sobre a biografia

QUANTIDADE TOTAL DE CADA PESQUISA COM PONTOS EM COMUM

Representatividade e leitura afro-brasileira	Invisibilidade da autora	Leitura comparativa (obra <i>Úrsula</i> com outras produções afro-brasileiras)	Trajetória da autora
13	2	7	5

Tabela 7. Quantidade de pesquisas.

A tabela acima representa o número de livros, artigos, dissertações, trabalho de graduação e revistas que tivemos a possibilidade de consultar, focando no desenvolvimento da pesquisa sobre a autora, que é o âmago de nossa arguição.

VISUALIZANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS AUTORES DAS PESQUISAS ANALISADAS

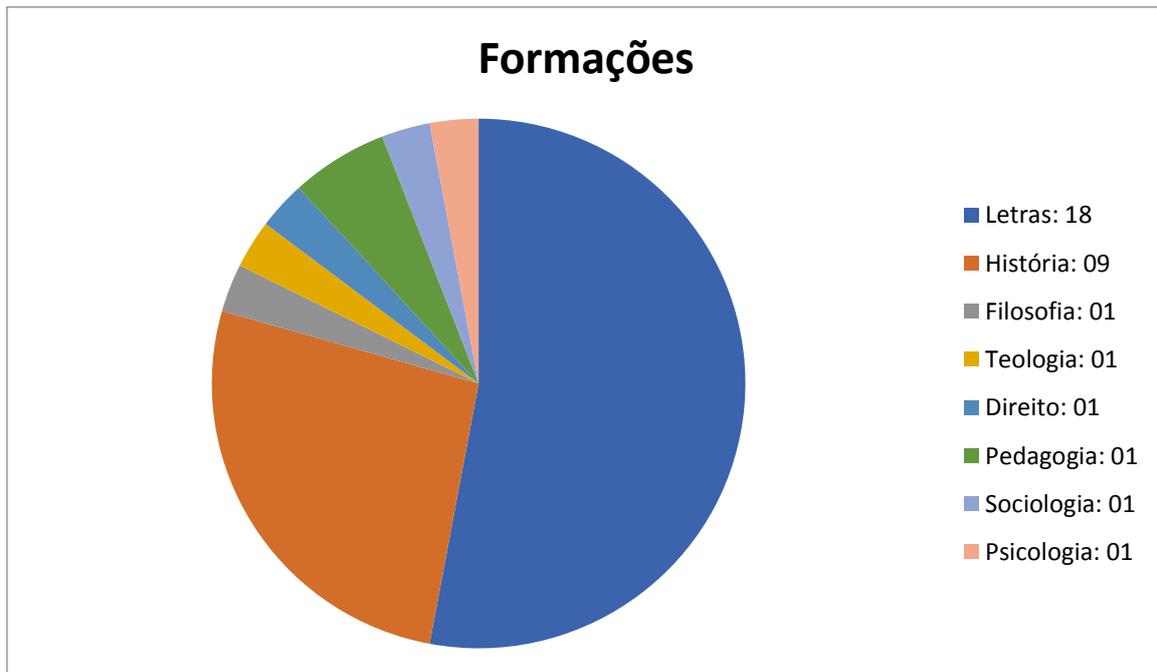


Gráfico 1. Quantidade das formações acadêmicas.

Conforme o gráfico disposto, notamos que a maior concentração de pesquisas relacionadas à autora Maria Firmina provém das áreas acadêmicas de Letras e História, contendo Letras o total de 18 pesquisadores, e História 9 estudiosos. Dentre as outras áreas abrangentes do estudo, encontramos Filosofia, Teologia, Direito, Pedagogia, Sociologia e Psicologia.

A FREQUÊNCIA DAS PESQUISAS REFERENTES À MARIA FIRMINA DOS REIS A PARTIR DE 1975 NA AMOSTRA ESTUDADA

1975-1999	2000-2009	2010-2019
1	7	20

Tabela 8. Frequência das pesquisas sobre Maria Firmina.

Conforme os dados, identificamos que o maior número de pesquisas se desenrolou a partir do ano 2000, provavelmente depois das leis 10.639 e 11.645,

que enfatizavam o ensino da cultura e da história negra e afro-brasileira, e por isso, autores afrodescendentes da literatura, em especial Maria Firmina, ganham espaço nos estudos literários.

Portanto, ao ler as pesquisas aqui arroladas, percebemos que cada uma apresentava um foco específico, mas também pontos em comum, duplicando as mesmas informações. Muitos dos pesquisadores repetem os mesmos dados. Em se tratando de escritora há muito esquecida, isso não é inadequado, uma vez que parece que, para cada um de nós, a autora é novidade. Por ser quase desconhecida, a repetição de dados ocorre. São pesquisas de diversos locais e períodos. Nosso propósito foi reunir em um só documento algumas dessas pesquisas. Isso pode minimizar a repetição de dados. De acordo com as tabelas de referência dadas anteriormente e com o gráfico, observamos que cada objeto de estudo tem certos pontos em comum. Ler essa produção nos fez perceber que, unanimemente, os autores pesquisadores reconhecem que a autora não atingiu o reconhecimento devido na época oitocentista e posterior, sendo apenas lida somente recentemente. Isso é unânime. Entretanto, apesar de toda repressão enfrentada, Maria Firmina não desistiu de expor seus ideais e deixar como herança para as próximas gerações literárias suas obras, que nos permitem conhecer um pouco mais a sociedade do século XIX através do olhar dos oprimidos e de uma escritora afrodescendente.

Verificamos também, que Maria Firmina dá o tom inicial para que outras escritoras nos séculos seguintes tratem da questão da escravatura em romance, indicando uma certa continuidade. Notamos, pelos estudos apresentados, que outras escritoras, em séculos subsequentes, também tiveram problemas de invisibilidade, como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Percebemos que a partir de 2000, mais pesquisas ocorrem sobre Maria Firmina; com certeza, o fato é devido à legislação mencionada sobre obrigatoriedade de estudos afro-brasileiros e também pelo aumento de associações e movimentos negros em prol da resistência, a partir de mais estudos sobre a História negra no país. A área predominante de estudo advém das Letras, mas com abordagem contextual e não formal, o que é um ganho no universo das Letras que, infelizmente, tem ultimamente se deslocado para pesquisas formalistas e descontextualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio da pesquisa de fortuna crítica, trouxemos à luz deste estudo um pouco da trajetória do contexto de leitura sobre a escrita de Maria Firmina e sobre sua biografia. O percurso da primeira escritora afrodescendente e abolicionista da história da Literatura Brasileira vai se esclarecendo a partir dessa fortuna crítica coletiva. Maria Firmina, fica claro, foi escritora de boas obras e mulher atuante política e socialmente, mas por causa do regime opressivo escravocrata e da desvalorização do sexo feminino, não foi merecidamente reconhecida e valorizada em sua época, uma vez que era mulher e negra, o que acarretou o esquecimento de seu nome por quase um século. No entanto, teve certo reconhecimento em sua comunidade maranhense. Isso pode estar ligado ao fato de ser professora, ter uma rede de relacionamentos com escritores e pertencer à classe média. Esse cenário com certeza auxiliou em sua valorização, já que sua obra foi publicada em folhetins de jornais de sua época, o que lhe conferia certa visibilidade.

Para embasar esta dissertação foram exploradas e comentadas o total de 27 pesquisas, com o intuito de aprofundar o estudo referente à autora. As pesquisas coletadas e investigadas enfatizam o redescobrimto de seu nome na década de 1960 e 1970, e a exposição de sua caminhada como escritora abolicionista, ativista e professora. Conforme as datações das obras e dos periódicos acadêmicos estudados, atentamos que as menções à autora foram mais frequentes a partir do ano 2000. A partir do século XXI, os estudos e aprofundamentos sobre os legados e contribuições da população negra para o desenvolvimento da nação brasileira foram pautados em criações de leis, como a 10.639/03, e, posteriormente, a 11.645/08, documentos que instituíram a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena, em todas as instituições de ensino. Obviamente que esse fator contribuiu para que pesquisas sobre a questão negra fossem impulsionadas.

De acordo com as análises e reflexões realizadas, consideramos que Maria Firmina apresentava uma escrita com visão além de seu tempo, já que era crítica e libertária para a época escravista na qual se encontrava. Atualmente, sua literatura é considerada fonte histórica, além de fortalecer a ideia de que sempre houve resistência negra em solo nacional. Os africanos e seus descendentes lutaram pela liberdade, e essa luta é narrada por Maria Firmina, cuja literatura se vincula ao

contexto. Os dados sobre a autora não são precisos quanto à sua data de nascimento, morte e até mesmo etnia, como observamos. Isso comprova o pouco caso em relação à escritora. Em não sendo prestigiada, sua biografia padece de exatidão. Contudo, análises recentes têm se empenhado na busca dessas informações.

É plausível admitirmos que Maria Firmina revolucionou a literatura oitocentista, pois sendo mulher, negra e pouco abastada de posses, suas chances de reconhecimento como escritora eram parcas. Entretanto, algumas pesquisas trazidas nesse estudo citam a possibilidade de a autora ter recebido o apoio de seu primo Francisco Sotero dos Reis, respeitado jornalista, que lhe proporcionou a chance de publicar suas histórias, contos e poesias em jornais oitocentistas, os quais seguem exemplares nos anexos⁷². Esse fato é plausível, pois a rede de relacionamento com certeza lhe foi benéfica.

A literatura de Maria Firmina teve certo impacto na sociedade, contribuindo para a perspectiva abolicionista e antirracista, mesmo dentro do regime escravocrata. A resistência negra e de brancos abolicionistas era uma constante, e Maria Firmina as ouve e as faz migrar para o interior de sua obra. Suas personagens falam a vozes cotidianas da época. A maioria das pesquisas salienta essa questão. Na época, *Úrsula* pode ter sido considerado um exemplar romântico escrito por *uma maranhense*, pseudônimo escolhido, provavelmente, para camuflar a identidade verdadeira da autora. No entanto, o libelo contra a escravidão também fazia parte da obra. Vários pesquisadores são unânimes em apontar as personagens negras como mais bem elaboradas em termo de falas e densidade do que as personagens brancas. Preta Suzana comparece como sendo a personagem mais marcante do enredo. Suas falas e narrativa são bem elaboradas e orgânicas à fábula.

Maria Firmina retratava a sociedade da época, detendo-se no enfoque das causas dos afrodescendentes. O material literário produzido pela escritora é considerado fonte histórica, já que retrata, a partir dos excluídos, parte do século XIX, e sua obra *Úrsula* é muito mais do que um romance, sendo símbolo de resistência das classes oprimidas. Essa questão também comparece nas pesquisas que percebem a obra como discurso histórico, político e de resistência.

⁷² Parte desta pesquisa dedicada às imagens.

Por fim, observamos que o número de pesquisas que tratam da relevância de Maria Firmina para a cultura e história nacionais aumentou consideravelmente, sobretudo após a obrigatoriedade legal, desde 2003, de se inserir disciplinas que verssem sobre a cultura e história da África e dos afro-brasileiros no ensino básico e fundamental. Dessa maneira, essa pesquisa de fortuna crítica coletiva tentou coletar de cada trabalho o que ali foi explorado e constatou que se reconhece que Maria Firmina é a primeira escritora feminista e abolicionista do Brasil oitocentista, estando muito à frente do seu tempo e se constituindo em exemplo de narrativa engajada ao social e na causa contra escravidão. Sua escrita abolicionista fornecia uma nova luz ao romance, destacando os personagens escravos e conferindo a eles narrativas e vozes. Maria Firmina criticava o sistema patriarcal e escravocrata, trazendo os olhares daqueles que na sociedade eram subjugados, oprimidos ou excluídos, e é essa perspectiva que demonstra o quanto essa autora era politizada e espetacular.

O romance *Úrsula* não apresenta complexa estrutura formal, sendo bastante simples em termos estruturais, constituindo-se em narrativa sentimental. Além disso, os personagens são pouco elaborados do ponto de vista psicológico. As falas da maioria das personagens que advogam a causa abolicionista são muito semelhantes, como se constatou em Fanini e Passos (2020), repetindo-se os mesmos temas e apresentando sintaxe e léxico parecidos, como se a autora objetivasse reforçar seu libelo contra a escravidão pela repetição.

A voz da personagem Preta Suzana, no entanto, difere, sendo mais orgânica ao personagem. Todavia, o romance tem sua relevância, não como forma inovadora, mas como se constrói enquanto discurso político antiescravista, e esse engajamento o faz ainda ser legível para o nosso tempo, pois ainda vivemos em uma sociedade que aboliu o regime escravista econômico com a proibição da escravatura laboral, mas permanece com cultura e práticas escravocratas. Maria Firmina dos Reis foi pioneira e tem vivido no contexto de leitura de uma fortuna crítica coletiva que se avoluma a cada ano.

REFERÊNCIAS

ANDRETA, B, L. A literatura afro-brasileira de autoria feminina: um estudo de Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Revista *Ao pé da letra*, vol. 15.2, 2013.

ALVES, M. A história da escritora Carolina de Jesus. Disponível em:
<<https://revistaraca.com.br/a-historia-da-escritora-carolina-de-jesus/>>. Acesso:

03. jul. 2019

ANDREWS, G, R. Mobilização política negra no Brasil 1975-1990. História: Questões & Debates, Curitiba, volume 63, n.2, p. 13-39, jul./dez. 2015.

BAILEY, C, F, P. Na contramão: a narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>>. Acesso: 05. jul. 2019

BARBOSA, E, V. O Jornal das Senhoras: Conexões culturais femininas pelo Atlântico em meados do século XIX. Disponível em:
<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364605779_ARQUIVO_jornal_das_senhoras.pdf>. Acesso: 01. dez. 2018

_____. A estrutura física e pessoal de um periódico escrito por/para mulheres em meados do século XIX no Brasil. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/22710/16450>>. Acesso: 10. dez. 2018.

BAKHTIN, M. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. 13. ed. São Paulo: Unesp/Hicitec, 2009.

BERNARDES, T, V, M; SANTOS, Z, O dos; DEBUS, E, S, D. A representação de mulheres negras na literatura afro-brasileira: uma leitura de “A escrava” de Maria Firmina dos Reis e “Minha mãe” de Luís Gama. Disponível em:
<<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1198>>. Acesso: 01. ago, 2019.

Biblioteca Digital da Câmara. Úrsula e outras obras [recurso eletrônico]/Maria Firmina dos Reis. – Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara: Brasília, 2018

BORA, Z, M. A diáspora afro-brasileira em Úrsula de Maria Firmina dos Reis. Revista Del Cesla, 2004.

BRASIL, M. Conheça as origens do movimento negro. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/a-origem-do-movimento-negro-do-brasil/>>. Acesso:

04. abr. 2019

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html>. Acesso: 06. jul. 2019.

_____. Parecer nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. Brasília: CNE-CEB/MEC.

_____. Política nacional de promoção da igualdade racial. Brasília: SEPPIR, 2003.

_____. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: CNE/CP, 2004.

_____. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso: 22 jan. 2020.

CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira. Vol 01. Edição 09. Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada.

CAVALCANTI, V, R, S. Mulheres em ação: revoluções, protagonismo, e práxis dos séculos XIX e XX. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/14-Artg-Vanessa%20Simon\).pdf](http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/14-Artg-Vanessa%20Simon).pdf)>. Acesso: 29. nov. 2018.

CUNHA, K, D. As mulheres brasileiras do século XIX. Disponível em: <http://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf>. Acesso: 05. jul. 2019

Compra estranha. Você não vai acreditar nesses anúncios. Disponível em: <<http://compraestranha.com/wp2/2018/09/voce-nao-vai-acreditar-nestes-anuncios/>>.

Acesso: 01.set.2019

CORREIA, J, S. Maria Firmina dos Reis, vida e obra: uma contribuição para a escrita da história das mulheres e dos afrodescendentes do Brasil. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29943>>. Acesso: 12. jul. 2019

DACOL, S. M; ALÓS, A, P. O mundo da vida e o mundo do texto em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciabstract&pid=S0104-026X19000100203&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso: 08.out. 2019

D'Angelo, H. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso: 01. dez. 2018

DUARTE, C, L; TOLENTINO, L; BARBOSA; M, L, COELHO, M, S, V. Maria Firmina dos Reis: faces de uma percursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FANINI, A, M, R. O romance: uma forma ético-política na perspectiva bakhtiniana. Bakhtiniana, São Paulo. Revista bakhtiniana. Puc-SP. 8 (1): 21-39, jan/jun. 2013.

FANINI, A, M, R; VENTURA M, D, P. Vida e trabalho de seres humanos escravizados nas obras *Mãe e o demônio familiar* de José de Alencar. Revista da ABPN, Associação Nacional de pesquisadores(as) negros(negras). V 11. N. 27 nov 2018 – fev 2019. n. 206-229.

FANINI, A, M, R; PASSOS, J, C. A importância da obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis: um libelo contra a escravidão em forma de romance. Revista Cadernos de Gênero. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/10503>>. Acesso em: 22 jan. 2020

FONSECA, M.V. A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil. Bragança Paulista: ESUSF, 2002.

FREYRE, G. Casa grande e senzala. São Paulo: Global, 2005.

GABRIEL, R, de S. Sor Juana Inés de la Cruz, uma feminista barroca. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html>>. Acesso: 05 jul. 2019.

Geledés: Instituto da mulher negra. Livro retrata três séculos de escravidão. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/livro-retrata-tres-seculos-de-escravidao-no-brasil>>. Acesso: 28 ago.2019

Hemeroteca digital brasileira. O Jornal das Senhoras (RJ) 1852-1855. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>>. Acesso 30 ago.2019

Literafro, o portal da literatura afro-brasileira. Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso: 01 dez. 2018

LOBO, L. Crítica sem juízo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

LOPES, R da S. O movimento negro no Brasil: luta e conquistas em prol de uma sociedade equânime. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/wp-content/uploads/2014/08/Movimento-Negro-Brasileiro-Robson-S.-Lopes.pdf>>. Acesso 07 abr. 2019.

MORAES, A. Direito Constitucional. São Paulo: Atlas, 2005.

MORAIS FILHO, J. N . *Maria Firmina*: fragmentos de uma vida. São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.

MUZART, Z, L. Uma pioneira Maria Firmina dos Reis. Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.2, n.2, p. 247-260, 2013.

NASCIMENTO, J. C. do. O negro e a mulher em *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.

NASCIMENTO, L. Vou contar-te o meu cativoiro” Maria Firmina dos Reis e a reedição de *Úrsula* no seu centenário de morte. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/1962-vou-contar-te-meu-cativoiro.html>>. Acesso 17 out. 2019

NASCIMENTO, D, G. A Lei 10.639/03 entre a teoria e a prática escolar: História e cultura afro-brasileira e africana em uma escola no município de Franca/SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153957/Nascimento_DG_me_francan.pdf?sequence=3>. Acesso em: 22 jan. 2020.

NUNES, R. Conheça o clássico livro *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/04/interna_diversao_arte,614989/ursula-livro.shtml>. Acesso 30 ago.2019

OLIVEIRA, F, C, S. Mulheres negras letras e literatura: uma análise da condição da mulher negra no final do século XIX a meados do século XX. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2309/731>>. Acesso: 20 jul. 2019

Pacotilha. Jornal Pacotilha 07 de maio de 1900. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/168319/per168319_1900_00107.pdf>. Acesso 30 ago. 2019

PEREIRA, R. Pioneira do feminismo é tema de palestra histórica. Disponível em: <<https://liberal.com.br/cultura/literatura/pioneira-do-feminismo-e-tema-de-palestra-historica-998105/>>. Acesso: 03 jan. 2020.

PINSKY, J. PINSKY, C, B. História da Cidadania. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

QUEIROZ, I. Africanidades e democracia. 1 ed. IESD BRASIL S/A: Curitiba. 2018.

REIS, D, J. Propagandas históricas: venda de ama de leite. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2018/04/anuncio-venda-de-escravo.html>>. Acesso: 28 ago.2019

REIS, M, F. *Úrsula*. Edição Fac-similar. 1975.

_____. *Úrsula e outras obras*. Edições Câmara: Brasília. 2018

ROCHA, J, G; RANGEL, P. L, N. *Úrsula: a voz dos excluídos do século XIX no romance de Maria Firmina dos Reis*. Disponível em:

<<https://litcult.net/2014/08/18/ursula-a-voz-dos-excluidos-do-seculo-xix-no-romance-de-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso 10 out.2019

ROCHA, P, F. A representação do herói marginal na literatura afro-brasileira: uma releitura dos romances *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

RUY, J, C. A importância de Maria Firmina na literatura. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/319639-1>>. Acesso: 04 out. 2019.

SANTOS, J, B. A literatura afrodescendente de Maria Firmina dos Reis. Revista LITERARTES, n. 5, 2016.

SANTOS, C, S. A escritora Maria Firmina dos Reis: História e memória de uma professora no Maranhão do século XIX. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

SANTOS, K, S. Relações de gênero na segunda metade do século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis: análise do Romance *Úrsula*. 2015. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar) – Universidade Federal do Maranhão. 2015.

SILVA, José Jonas Manguiera da; SILVA, Gessé Gabriel de Almeida; FILHO, S, A, M. A invisibilidade da literatura de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/joinbr/trabalhos/TRABALHO_EV081_MD_1_SA72_ID897_13092017124056.pdf>. Acesso 13 out.2019

SILVA, Maysa Ferreira da. Pensamento abissal, educação e movimento negro. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 349-355, maio/jun. 2018

SILVA, R, A. A mente, essa ninguém pode escravizar”: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. ANPUH-XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Fortaleza, 2009.

_____. Dossiê da História e Cidade. Revista *Outros Tempos*, volume 9, n. 13, 2012.

_____. Maria Firmina dos Reis e sua escrita antiescravista. Revista *Interdisciplinar em Cultura e Sociedade* (RICS). São Luís – volume 3, n 02. jul/dez, 2017

SILVA, Maria Valdenia da; RODRIGUES, F, L da C. A voz feminina e negra na literatura brasileira oitocentista: a autora e as personagens de Úrsula. *Revista de Letras e Linguística. Afluente, UFMA/Campus III*, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018

SIMÕES, B. A escrita de Maria Firmina dos Reis: soluções para um problema existencial. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/producao/documentos/escrita-maria-firmina-reis-solucoes-um-problema-existencial>>. Acesso: 10 out.2019

TAVARES, E, D, A. Literatura e história no romance feminino no Brasil no século XIX: *Úrsula*. 2007. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, 2007.

TRINDADE, M de N, B. Marias que contam histórias: a escrita da vida e as marcas de uma escrita negra em três autoras brasileiras. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1533>>. Acesso 08 out. 2019

VEIGA, C, G. História da educação. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED, v. 13, n. 39 set/dez, 2008

VERÍSSIMO, J. História da literatura brasileira. Engenho Novo: Rio de Janeiro. 1915

XAVIER, L, S; CORREIA, P, A de C. Das razões literárias e sociais as quais Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. *Revista Discentis*, UNEB, DCHT-XVI, Irecê, v. 7, n 1, p. 17-27, fev. 2019.

XIMENES, S, B. O ano da primeira divulgação do romance “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<https://aarteliteraria.wordpress.com/2017/09/26/o-ano-da-primeira-divulgacao-do-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis/#D>>.

Acesso: 30 ago. 2019

____ “Pacotilha”, 6/7/1900, ano XX, número 159, página 3, quarta coluna. Disponível em: <<https://aarteliteraria.wordpress.com/2017/12/04/a-producao-artistica-avulsa-de-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso: 03 jan. 2020.

ZIN, R. B. A dissonante representação pictórica de escritoras negras no Brasil: o caso de Maria Firmina dos Reis (1825-1917). Revista *Do centro de pesquisa e formação*, nº 3, 2016.

____ Maria Firmina dos Reis e a imprensa literária no Maranhão do século XIX. Rev. *Interd. em Cult. e Soc.* (RICS), São Luís, v. 4, n. especial - dossiê temático. 2018

____ Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Sociologia, Pontifícia Universidade Católica, 2018.

ANEXOS

TOMO II.—DOMINGO, 22 DE DEZEMBRO DE 1852.

O JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na última pagina.

UMA DESGULPA.

Não surpreenderá por certo ás nossas Assignantes, que o nosso n. 50 do *Jornal das Senhoras* chegue hoje ás suas delicadas mãos tristemente, só e sem a sua constante companhia, que tanto agrada, dos nossos figurinos do bom-tom. Haveria algum desarranjo! Quebraria a empresa!

Faltaria os correspondentes de Pariz! oh! se assim é.... está tudo perdido!...

Soceguem, minhas queridas senhoras; nada disto graças a Deus aconteceu. Tudo marcha felizmente debaixo das melhores disposições: a Estrella de nossos dias nos é benigna; nós nos curvamos agradecidas.

Pois então o que será?

Vou já satisfazer-vos. A simples razão, que deu lugar a este incidente, nada mais é que a nossa firme resolução de vos darmos sempre figurinos modernos, sempre estampas novas, e sempre d'aquellas mesmas que também chegam dentro dos jornaes francezes para serem distribuidas a muitas de vós aqui na corte.

Como porém estas estampas só nos chegam mensalmente, nem por outra fórma podia realisar-se o nosso proposito; e nos chegam pelos paquetes inglêzes, desta feita o vapor *Tay* ancorou a boa hora para muitos, e infelizmente tarde para nós, porque não pôde effectuar a sua descarga tão a tempo, que podessemos haver os nossos figurinos para serem distribuidos. E pois ficamos logradas desta vez.

Outro tanto não nos acontecerá para Domingo que vem; nossos figurinos e jornaes francezes já estarão em nosso poder, e nesse dia teremos a satisfação de vos oferecer duas estampas, sobre as quaes podereis affirmar a quem quer que seja—que são os figurinos mais modernos que é possível chegar ao Rio de Janeiro.

Por uma tal fórma esperamos preencher a involuntaria falta commettida hoje, e pagaremos contentes a nossa dívida a um credor tão cheio de bondade, como sois vós todas, a quem nos confessaremos sempre agradecidas.

A redactora em chefe

D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellozo.

50

Fig 1. O Jornal das Senhoras. Disponível: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>>



Fig 2. Capa original da obra Úrsula (1859), de Maria Firmina dos Reis. Fonte <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/08/04/interna_diversao_arte,614989/ursula-livro.shtml>.

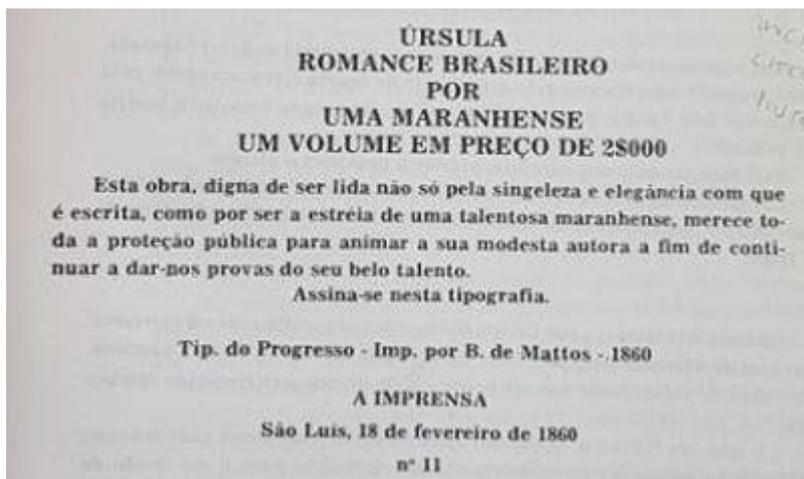


Fig 3. “Maria Firmina – Fragmentos de uma Vida”, José Nascimento Morais Filho (São Luís, 1975). Fonte: <<https://aarteliteraria.wordpress.com/2017/09/26/o-ano-da-primeira-divulgacao-do-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis/#D>>

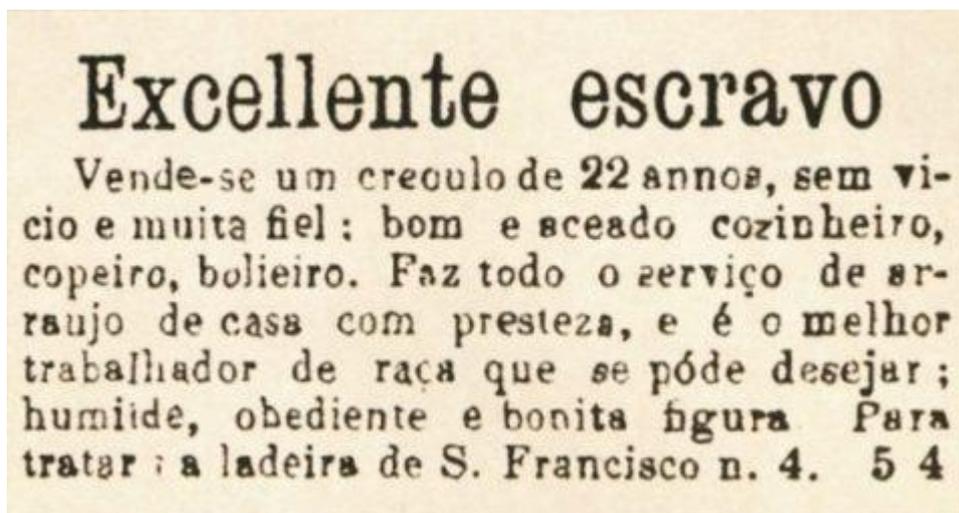


Fig 4. Anúncio de venda de escravo no jornal A província de São Paulo – 20/12/1878. Fonte: <<https://www.geledes.org.br/livro-retrata-tres-seculos-de-escravidao-no-brasil/>>

Escravo

Vende-se por commodo preço um escravo, preto, de 45 annos pouco mais ou menos, excellente official de pedreiro. Trata-se á rua do Constituição n. 3 C.
3-3

*Correio Paulistano, 23/4/1878**

ALUGADA

Aluga-se uma escrava que lava, engomma e costura. Para tratar no largo de Paysandú n. 19
3-2

*Correio Paulistano, 8/1/1878**

Fig 5. Anúncio de escravos no Correio Paulistano. Disponível: <<http://compraestranha.com/wp2/2018/09/voce-nao-vai-acreditar-nestes-anuncios/>>.

ESCRAVA

VENDE-SE uma, mulata de 38 annos, com um filho de 3 annos de cor clara e compra-se um negrinha de 10 a 12 annos. Para tratar á rua Quitanda n. 20.
3-3

Fig 6. Venda de escrava. Disponível: <<https://www.geledes.org.br/anuncios-de-escravos-os-classificados-da-epoca/>>.

AMA
DE LEITE.

VENDE-SE uma preta, muito moça com cria ; sabendo lavar perfeitamente, e bem desembaraçada para o serviço domestico : é muito sadia, e o motivo da venda, é não querer servir mais a seus antigos senhores. Para tratar—no largo do carmo, numero 75—sobrado.

Fig 7. Venda de ama de leite. Disponível: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2018/04/anuncio-venda-de-escravo.html>>.

PACOTILHA

JORNAL DA TARDE

Segunda-feira

Maranhão, 7 de Maio de 1900

Numero 107

PACOTILHA
Jornal da tarde
Fundado por Victor Lobato

Anno XX

PUBLICAÇÃO DIARIA
E' o jornal de maior circulação na capital.
Contra-se a publicação de annuncios pelos mais módicos preços.

Largo do Carmo n. 24

Numero do dia..... 100 reis
anterior..... 200 "

Assinaturas

Para o interior..... 10\$000

Serviço Medico Gratuito

—AOS POBRES—
Dr. Affonso Salazar—Consultas das 7 as 8 horas da manhã no Hospital da Misericórdia.
Dr. Almir Nina—Consultas das 8 as 9 horas da manhã no Hospital da Misericórdia.
Dr. Juvenal Mattos (Medico da Assistencia Publica)—Consultas das 9 as 11 horas da manhã na Intendencia e chamados a qualquer hora em sua residencia.
Dr. Oscar Galvão—Consultas das 10 as 11 horas da manhã na Pharmacia Normal.

Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão

Para Caxias escala rebocando barca.

Seguirá no dia 8 de maio as 6 da tarde o vapor C. Coelho. Recobe-se carga até 6 dia da partida no meio dia encomendas até as 3 da tarde e fechamento do expediente as 4 da tarde. 1440

Para as Pedreiras, rebocando barca para Barra do Corda. Seguirá no dia 8 de maio a meia noite o vapor Messem. Recobe-se carga até o dia da partida no meio dia encomendas até as 3 da tarde e fechamento do expediente as 4. 1480

Para Alcanãra e São Bento regressando por Alcanãra no dia 13 a tarde. Seguirá no dia 12 do corrente as 4 horas da tarde o vapor Colombo. 1500

Para o Ceará com escala por Tutuoa regressando por Camocim e Amareco. Seguirá no dia 10 de maio as 2 horas da tarde o vapor Continente. Recobe-se carga até o dia antecedente no meio dia encomendas até o dia 10 as 9 expediente as 4 horas da tarde. 1481

Para o Pará directo regressando por Bragança, Vitoria, Turvassô, Cururuçú e Guimaraes. Seguirá no dia 8 de maio as 6 horas da tarde o vapor Cabral. Recobe-se carga até o dia antecedente, encomendas até o dia da partida no meio dia e fechamento do expediente as 4 horas. 1481

Companhia Fluvial Maranhense

Para Caxias e costeira O vapor Victoria sahirá no dia 8 as 7 horas da noite. Recobe carga até o dia antecedente no meio dia, encomendas e passageiros 2 horas da tarde. 1518

Vapor Estabeneze
Este vapor sahirá de Lisbon em 30 do passado, em viagem directã para este porto, procedendo do Liverpool e decaia. Maranhão, 1. de Maio de 1900
Harry Arize & C.

A Companhia Seguranga
Toma seguros Maritimos e Terrestres contra todos os riscos de incêndios, raios e suas consequencias. A Companhia cedera ao segurado o premio do sétimo anno se no correr desse tempo não houver caso de indenmização alguma ou diminuição alguma do valor segurado.

Adolpho B. Nogueira
15-Rua 28 de Julho—15
SAO LUIZ

Companhia Fieira-Carril do Maranhão
Previno ao publico que, depois dos espectaculos havera soltas para todas as linhas, sendo cobradas as passagens a razão de 500 rs.

Especialidades pharmaceuticas
João Antonio de Mattos Valle, aprovadas e licenciadas pelas Excmas Juntas de Hygiene do Rio de Janeiro e Paris.

GRINDELIA
ROBUSTA COMPOSTO DO pharmaceutico Oliveira Junior

Cestas Cestas
Lindissimas cestas proprias para meninas. Para collegio, de todos tamanhos. Despachou o PAULINA AMERICANA. 1541 a rua Grande

ALUGA-SE
A casa (sobrado) a rua da Estrella n. 56 reconstruida do novo, tendo agua e gas, com cozinha e com comodidades, para numerosa familia, a tratar com Manoel Sobrinho & C. 1542-1

MORINS
E' completo o sortimento de morins que tem a Loja do Leque, tanto em qualidades como em tempo, vende sem competencia a

Alfaiataria Elegante
Virtissimo José d'Almeida Silva leva ao conhecimento do respeitavel publico, seus amigos e conhecidos frequentes que mudou a sua Alfaiataria Elegante, para a casa n. 51 a rua, mesma rua Grande.

Bouquets para noiva
Alta novidade. RECIBBU O Sul Americano. 1493

Companhia Salineira Alcantareense
Tabella para a venda do sal do 1. de Maio em diante

—Redução de preços—
EM ALcantARA NA CAPITAL

A granel	litro	38000	38000
	Sacaco de 50 litros	2400	2400
 30	38000	38000
 20	48000	48000
 10	28000	28000
 5	38000	38000
 20	48000	48000
 10	28000	28000
 5	38000	38000
 20	48000	48000
 10	28000	28000
 5	38000	38000

Maranhão, 30 de Abril de 1900.
Rogamunda N. Ribeiro.—Gerente

Chapeus de palha enfeitado
Para meninas ditas de moda ultima, moda de Paris. Despachou o PARIS NA AMERICA a rua Grande canto de S. João. 1558

Capotas para batizado
De seda e de lã enfeitados. Despachou o PARIS NA AMERICA a rua Grande canto de S. João. 1558

O delicioso "Abafado"
chegou nova remessa desta VINDO PARA 1596-4

Casa Bernardo
Soltas com dadas os pertences o que ha de mais perfeito VENDE A

Casa Bernardo
1566-4

DEFLUXO
tosses, catarrho, rouquidão, irritações do peito e garganta, asthima, coplecheo, etc., etc., o melhor remedio e o mais effizaz para as moléstias acima e o XAROPE

GRINDELIA
ROBUSTA COMPOSTO DO pharmaceutico Oliveira Junior

Costas Cestas
Lindissimas cestas proprias para meninas. Para collegio, de todos tamanhos. Despachou o PAULINA AMERICANA. 1541 a rua Grande

ALUGA-SE
A casa (sobrado) a rua da Estrella n. 56 reconstruida do novo, tendo agua e gas, com cozinha e com comodidades, para numerosa familia, a tratar com Manoel Sobrinho & C. 1542-1

MORINS
E' completo o sortimento de morins que tem a Loja do Leque, tanto em qualidades como em tempo, vende sem competencia a

Alfaiataria Elegante
Virtissimo José d'Almeida Silva leva ao conhecimento do respeitavel publico, seus amigos e conhecidos frequentes que mudou a sua Alfaiataria Elegante, para a casa n. 51 a rua, mesma rua Grande.

Bouquets para noiva
Alta novidade. RECIBBU O Sul Americano. 1493

Vaporosa

A loja do Leque recebeu uma colleção de fazendas com este nome, cujo padrao é doleira o tecido leve. O preço é muito razoavel.
Loja do Leque Rua Grande. 1470

Gabarra a venda
Vende-se a gabarra denominada Haava, com capacidade de para condução de dor bois, os mil e quinhentos torças de manguo ou deztozas a latas aligeiras. A tratar no Guarany. 144-1

Imagens Imagens
As mais milagrosas possiveis Despachou o PARIS NA AMERICA a rua Grande canto de São João. 1512

Leques Leques
Lindos leques de plumas de todas as cores. Ditos finos de papel gostos modernos. Despachou o Paris na America, a rua Grande, canto de S. João. 1520

Cosinheira
Precisa-se de uma profere-se de meia idade a rua da Cruz n. 83 1486-1

OUTRO SOBRE AZUL
E' o melhor e mais usado de phantasia que se viu no mundo. LOJA DO LEQUE. Tem a largura de um metro e é transparente com ditos bordados.

LOJA DO LEQUE.
Rua Grande. 1468

Fogos para salão
O Sul Americano ja despachou o seu grande e variado sortimento de fogos para salão, entros os quaes vendeo muitas novidades. E vendem por preços barattissimos. 1284 J. Araujo & Filho.

O Paris na America
Acaba de despachar um importante sortimento de guarnição de vidrilhos para enfeites de vestidos, pretos, cor de rosa, azues, amarelos, cermes, brancos, verdes e de outras cores. Paris na America a rua Grande canto de São João. 1000

Fogos artificiaes
Para diversão nas noites de S. Antonio, S. João e S. Pedro

delustrantissimo sortimento despachou e vende sem competencia a

Livraria Americana
David, Rabello & C.—Rua da Palma n. 8

Cordões para leques
Tem a loja do Leque um lindissimo sortimento de pagadores para leques, gostos variados e vendedo barato

FLORES
Lindos ramos de flores proprias para chapeus e para adornos de vestidos. 1491

Ramos de flores
Para enfeites de chapéus e para ramos, despachou o PARIS NA AMERICA a rua Grande. 1471

Phosphoros de cores
São os SUL-AMERICANO a que se encontram os verdadeiros. 1459

Minardise para crochet
Resbeu o Sul Americano grande sortimento, em todas as larguras. 1400

Chapeos
Dira Monteiro & C. estão liquidando um importante sortimento de chapeos de feltro duros e flexiveis chegados ultimamente, a preços muito convidativos.

Redes de linha
Loja Mariposa tem bom sortimento de redes de linha, entre ellas tem uma finissima preparada de linha de carnhito, tudo a preços razoaveis. 1436

BONECAS
Grande sortimento de bonecas vestidas e de collolyde de todos os tamanhos e cores, despachou a 1305

LOJA DO LEQUE

Chuva de prata
Com este nome recebeu a Loja do Leque dois lindos quadros de tecidos de plantatiana para vestidos, e que pode haver de mais delizioso e brilhante neste genero.

LOJA DO LEQUE
Rua Grande 1471

Cambraias abertas
Lindas cambraias abertas brancas de cores e está vendendo sem competencia de preços.

Felicidade
Dira, Monteiro & C., previnam aos seus amavaes frequentes que ja tem a venda nova remessa de medalhas—Trevo da Felicidade.

Bengalás
Sortimento completo desse artigo despachou o PARIS NA AMERICA a rua Grande canto de S. João. 1543

Tecidos de phantasia
Cambraias, crtones e seintinas. Sedas, setins e uruba. Cintos, botões e lavas. Espartilhos e vitilhos. DESPACHAM ANTONIO ALBERTO & NEVES 605-1

Teteias
Grande sortimento de teteias lindas e delicadas de muito bom gosto proprias para presento. Despachou e vende barato a

Loja Mariposa
11—Rua Grande—11 1434

Segunda-feira, 7 de Maio de 1900

PACOTILHA

A Exposição

NOTÍCIAS DIVERSAS

Não somos dessa opinião. Ainda haverá muito que fazer...

Alem da carta geographica da França, a que acima alludimos haverá uma outra ainda mais rica...

De Vianna telegrapharam que a importancia da exposição cham. «Museumsgewerliche»...

No numero extraordinario de curiosidades da proxima exposição, notaram os visitantes...

Um rubi colossal do valor de 250.000 francos, uma torre de 100 metros de altura...

Os rios são figurados por fios de platina e o mar por lapis-lazuli.

A carta será collocada sobre uma mesa de mármore e será bordada de prata.

O vice-almirante Almed Fidalgo, director da construção naval no almirante imperial...

Essa collecção curiosa será exposta, na Exposição Universal.

A' namora foi apresentado um projecto de lei tendente a estabelecer a data da abertura da Exposição...

Desde a primeira grande exposição universal de Paris, 1889, com as suas próprias mãos...

Dando essa noticia o «Tempo» acrescentou que até hoje ainda não houve uma exposição, que ficasse prompta para a data da abertura.

Os trabalhos sempre ficaram terminados um ou dois meses depois.

Dis o «Tempo» que dessa vez não acontecera o mesmo.

De repente levantou-se puchon o virgilio e fingido-se admirado, exclamou: Já quanto horas? Como o tempo passou?

—E qual o caso, rapaz, de não prenderem logo os salões e

Exercito

3º batalhão de infantaria. Está hoje do serviço: Ronda a guaranição—alferes Souza.

Deu parte do alentejo a 5 do corrente o tenente Antonio Brandão, que deixou o commando da 3ª companhia...

Oh! brisa que vas voando pra junto do bem que adoro, Dize que não vais esquivar-te...

O vapor «Vianhas» segue para o Martin amanhã ás 6 horas da tarde...

No pequeno principado de Reus julgou-se por um momento que se iria provocar um conflito diplomático...

Dois o «Fíguro» que um grupo de francezes residentes no Hong Kong imaginou um meio original para vir a Exposição.

Se a viagem der bom resultado o «Fleur de Lotus» virá ao Paris e será amarrado perto do incyncho de cinco quilates...

As Camaras votaram um credito de 215.518 francos para o estolletes de Paris.

Actualmente estão sendo d'rigidas com a maior actividade obras de reparação com diversos ministerios...

Aviso aos leitores que quizermos visitar a Exposição: Devem evitar a época das ferias...

Grande emoção no grupo de amigos, em cujo numero se encontravam alguns funcionarios publicos...

Erva vel-a agora seplada na poltrona, recordando-se das palavras que o outro solara...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

—Agora all, collocave-se em frente do espelho, sorria a prece da imagem...

Sobre o «bicho»

Não vem fora de proposito a transcripção entre nós do que escreveu Constanco Alves...

Os que estremeceiro lendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

«Foi vista hontem nesta cidade uma mulher offercendo a verdade a imagem de uma santa para comprar bilhetes do jogo de bichos.

RESCUSITADA

A local do «Diario da Tarde» revela o intimo, não de uma alma isolada, mas de muitas almas...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

«Um dos nossos compatriotas assistiu um dia destes quando se dirigia para Villa Isabel, a uma scena profundamente emocional e em quasi tudo semelhante ao facto de que ha meses demostro noticia...

Registro Civil

COMARCA DA CAPITAL. De 5 a 6 NASCIMENTOS. Maria, filha de Luiz Bernardes Serra...

Mariane, filha de Archangel Cordeiro, filho de Tibéria Cordeiro. Benedicto Silvino dos Santos...

Maria Raymunda França Reis, 65 annos, maranhense, analfabeta.

Jorzina Pastor, 16 annos, maranhense, sem assistencia medica.

Antônio Serejo, 13 annos, maranhense, enterro chronico.

Maria Francisca da Conceição, 50 annos, maranhense, fere remittente typhoida.

O vapor «Espírito Santo» e separado do norte depois de amanhã.

Desapparecia todo o ventimilésimo e ficava apenas o decimo de dez milésimos de attagão...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

Continua

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

«Quem seia a mulher que João Claudio amava? Tinha aquillo, como certo, não duvidava, não era só uma filha...

Fig. 9. Jornal Pacotilha 07 de maio de 1900. Disponível: <http://memoria.bn.br/pdf/168319/per1168319_1900_00107.pdf>



Fig 10. Possível retrato de Maria Firmina dos Reis. Disponível:

<<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/77-capa/1962-vou-tar-te-meu-cativeiro.htm>>.

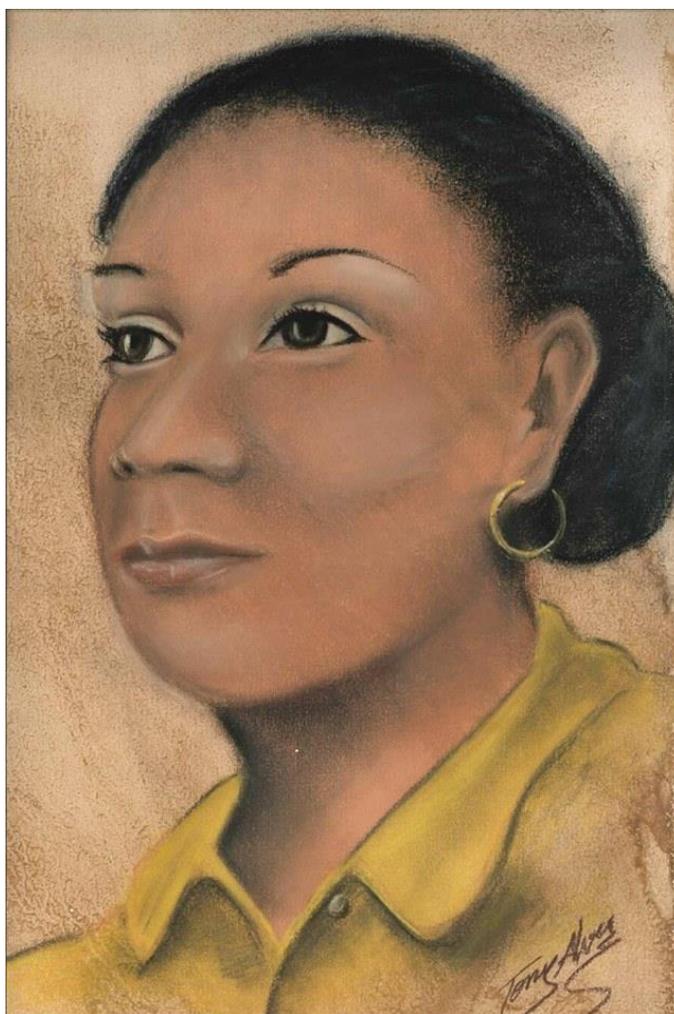


Fig 11. Maria Firmina em quadro pintado em homenagem ao seu pioneirismo histórico no país. Disponível:

<<https://liberal.com.br/cultura/literatura/pioneira-do-feminismo-e-tema-de-palestra-historica-998105/>>.

